



UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

MARIA BEATRIS DO NASCIMENTO JUNQUEIRA

MEMÓRIAS DE TRÊS CORAÇÕES NAS CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA

Três Corações-MG

2020

MARIA BEATRIS DO NASCIMENTO JUNQUEIRA

MEMÓRIAS DE TRÊS CORAÇÕES NAS CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso – da Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), como requisito para obtenção do título Mestre em Letras.

Área de concentração: Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti.

Três Corações-MG

2020

869.0 (81) - 34.09

J95m JUNQUEIRA, Maria Beatris do Nascimento

Memória de Três Corações nas crônicas de Victor Cunha. – Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2020.

142 fls.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti

Dissertação – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações/
Mestrado em Letras.

1. Victor Cunha. 2. Crônicas. 3. Memórias. 4. Três Corações. I. Prof. Dr. Cavalcanti, orientador. II. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

Catlogação na fonte

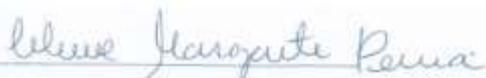
Bibliotecária responsável: ERNESTINA MARIA PEREIRA CAMPOS DANTAS CRB6:
2.101

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA POR MARIA BEATRIS DO NASCIMENTO JUNQUEIRA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE Mestrado EM LETRAS

Aos vinte e cinco dias do mês de setembro de dois mil e vinte, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor - presidente), Profa. Dra. Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo (UNIS) e Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor), para examinar a candidata Maria Beatris do Nascimento Junqueira na defesa de sua dissertação intitulada: "MEMÓRIAS DE TRÊS CORAÇÕES NAS CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA". A Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira, iniciou os trabalhos às 14 horas, solicitando à candidata que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente a candidata sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 15: 30, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (aprovada), Profa. Dra. Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo (aprovada) e Profa. Dra. Terezinha Richartz (aprovada). Em vista deste resultado, a candidata Maria Beatris do Nascimento Junqueira foi considerada aprovada, fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado em Letras.

Três Corações, 25 de setembro de 2020.

Novo título (sugerido pela banca):



Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira (UninCor)



Profa. Dra. Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo (UNIS)



Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor)

AGRADECIMENTO

À Deus, por esta conquista. Logo eu, graduada em Educação Física, encarar um mestrado em Letras. Como diziam meus professores doutores, “O boi é grande, devemos partir para degustar cada parte”. Assim fui superando meus limites, a cada batalha vencida, uma pequena vitória até vencer todas as lutas.

Às pessoas que me apoiaram e acreditaram em mim. Em especial meus filhos, Igor e Izadora, apesar do espanto que tiveram e, ao mesmo tempo, o orgulho que sentiram ao me ver matriculada na universidade, aos 50 anos de idade, para cursar o mestrado em Letras e Literatura.

Ao meu marido, Joaquim, por compreender a minha ausência, mesmo presente em casa, pois mergulhava nos estudos, escritas e leituras, deixando nossos momentos de lazer em segundo plano.

À minha amiga e companheira de todas as horas, tanto nas minhas conquistas quanto nas minhas derrotas, Silvani Kátia Nascimento Santos. Você não deixou em nenhum momento que eu desistisse.

A todos os colegas de turma, Flávia, Graciela, Ícaro, Jocelane, Juliana, Silvani, Thainara e Viviane. Agora vocês vão seguir seus caminhos, alguns como doutores, outros vão levar todos esses aprendizados para a escola da vida.

Aos professores doutores, Dr.^a Amanda Heiderich Marchon, Dr.^a Cilene Margarete Pereira, Dr.^a Luciana Oliveira Barros, Dr. Renan Belmonte Mazzola, Dr.^a Terezinha Richartz, Dr.^a Thayse Figueira Guimaraes, sem vocês não seria possível esta pesquisa. São imensuráveis os ensinamentos adquiridos. Sou muito grata aos orientadores Dr. Cleber Araújo Cabral e Dr. Luciano Marcos Dias Cavalcanti, por acreditarem na minha capacidade, buscando sempre mostrar o lado positivo das coisas.

A todos vocês minha gratidão, saiba que, aprendi a ter uma melhor compreensão do mundo. Levarei para minha vida os ensinamentos deste mestrado. Posso dizer que hoje sou uma pessoa transformada, vejo a sociedade em que vivo com olhar diferente e mais crítico.

Enfim, à Lisa Paula Andrade Vilela de Oliveira, secretária municipal de Educação de Três Corações, que se empenhou e nos ofereceu o curso de mestrado, em parceria com a UninCor.

Meu muito obrigada.

EPÍGRAFE

Quantas saudades de tudo que o tempo levou
Daqueles dias felizes que a vida marcou.
Das serenatas saudosas nas noites de lua
Do Rio Verde a passar espelhando o luar...
Do Bom Senhor na Matriz, do meu Grupo
da Praça. Dos seriados famosos
que não voltam jamais.
Tudo ficou na lembrança, de uma cidade criança
Que os anos levaram sem volta
Sem nenhuma esperança.
(SAUDADE... Tema de Três Corações. Autor e
compositor: Victor Cunha)

RESUMO: Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma análise das representações da cidade de Três Corações e da memória cultural tricordiana presentes no volume *Crônicas de Victor Cunha* (1929-2014). O volume é composto por 27 crônicas sendo este um material inédito, pois o livro estava sendo preparado para publicação quando o autor faleceu. Em nosso estudo procuramos observar como o autor busca resgatar a memória do cotidiano de Três Corações por meio de sua percepção do passado e do presente da cidade, reconstituindo os seus textos a partir das memórias individual, coletiva e institucional da cidade. Para tanto são utilizados como referenciais teóricos Jorge de Sá (1992), Antonio Candido (1992), Flora Bender e Ilka Laurito (1993) para as reflexões acerca da crônica. No que concerne às reflexões sobre memória, os teóricos elencados são Maurice Halbwachs (2003), Ecléa Bosi (1994), Jacques Le Goff (2003), entre outros. Conforme argumentamos nesta dissertação, a crônica conserva a marca de registro circunstancial, feito por uma espécie de narrador-repórter. Victor Cunha, ao atuar em várias instituições culturais tricordianas, se exercitar em diferentes linguagens (crônica, música, fotografia, memorialismo, radialismo) e militar pela cultura local, em seus trabalhos, preocupa-se em deixar registrada (palavra recorrente em seus livros e crônicas) a memória da cidade de Três Corações a fim de apresentá-la aos tricordianos.

PALAVRAS-CHAVE: Victor Cunha; Crônicas; Memória; Três Corações.

ABSTRACT: This dissertation aims to present an analysis of the representations of the city of Três Corações and the tricordian cultural memory present in the volume *Chronicles* of Victor Cunha (1929-2014). The volume consists of 27 chronicles, this being new material, since the book was being prepared for publication when the author died. In our study we seek to observe how the author seeks to rescue the memory of the daily lives of Três Corações through his perception of the city's past and present, reconstructing his texts from the individual, collective and institutional memories of the city. Therefore, Jorge de Sá (1992), Antonio Candido (1992), Flora Bender and Ilka Laurito (1993) are used as theoretical references for reflections on the chronicle. Regarding reflections on memory, the theorists listed are Maurice Halbwachs (2003), Ecléa Bosi (1994), Jacques Le Goff (2003), among others. As we argued in this dissertation, the chronicle retains the circumstantial register, made by a kind of narrator-reporter. Victor Cunha, acting in various tricordian cultural institutions, exercising himself in different languages (chronicle, music, photography, memorialism, radio) and military by the local culture, in his works, he is concerned with leaving registered (a recurring word in his books and chronicles) the memory of the city of Três Corações in order to present it to the Trichordians.

KEYWORDS: Victor Cunha; *Chronicles*; Memory; Três Corações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CRÔNICA: MEMÓRIA, REGISTRO DO TEMPO OU LITERATURA?	15
1.1. Conceituando a crônica	15
1.2. Reflexões sobre memória	23
2. “UM SIMPLES CRONISTA”: PERFIL BIOBIBLIOGRÁFICO DE VICTOR CUNHA	43
2.1. Perfil biográfico	43
2.2. Do documentário à crônica: a obra publicada de Victor Cunha	47
3. “APRESENTAR TRÊS CORAÇÕES AOS TRICORDIANOS”: ANÁLISES DAS REPRESENTAÇÕES DE TRÊS CORAÇÕES NO LIVRO INACABADO <i>CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA</i>	51
3.1. Um livro inacabado	51
3.2. Aspectos da memória nas crônicas de Victor Cunha	55
3.2.1. História da cidade nas crônicas de Victor Cunha	58
3.2.2. Registrando pessoas importantes de Três Corações na visão de Victor Cunha.....	68
3.2.3. Elementos culturais nas crônicas de Victor Cunha	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Por meio da análise do livro *Crônicas de Victor Cunha*, pretendemos com este trabalho, resgatar e valorizar o olhar do tricordiano Victor Cunha para a cultura e a memória de Três Corações, de modo a preservar e difundir o esforço do primeiro e o patrimônio da segunda. Autor de uma produção considerável sobre a memória e cultura da cidade, consideramos necessário um estudo que exponha suas contribuições para a cultura local.

A pesquisa se desenvolve a partir das seguintes questões: Que representações (ou imagens) de Três Corações Victor Cunha constrói através de suas crônicas ao narrar acontecimentos da história da cidade? São imagens vinculadas ao passado ou ao presente (no caso, o contexto em que as crônicas foram escritas)? Que Três Corações prepondera nos textos, a vivida ou a evocada (e imaginada) pela memória?

A partir de tais questionamentos, temos por objetivo analisar as crônicas de Victor Cunha reunidas no livro inédito *Crônicas de Victor Cunha*. Para tanto, foi feito levantamento dos temas das crônicas, a fim de observar quais manifestações culturais locais são elencadas como objeto dos textos (cinema, teatro, rádio, conjuntos musicais locais, carnaval e obras sociais). Desse modo apresentamos algumas crônicas e alguns dos textos do autor. Tais procedimentos visam auxiliar no esclarecimento das seguintes hipóteses, que estruturam nossa interpretação do livro de Cunha, a crônica seria a narrativa da memória e da vida miúda, cotidiana, buscando resgatar a percepção do passado e do presente, relacionado à memória coletiva e a memória individual. Acredita-se que Cunha busca resgatar a história e a memória do cotidiano de Três Corações por meio de sua percepção do passado e do presente da cidade.

Das 27 crônicas constantes no livro *Crônicas de Victor Cunha*, analisaremos as dezoito crônicas memorialísticas, de maneira detida, sem deixar de levar em conta quase todo o livro. Cabe mencionar que este é um título atribuído, uma vez que, segundo informação repassada pelo escritor e jornalista tricordiano Valério Neder, amigo de Cunha, o livro estava sendo preparado para publicação quando o autor faleceu. Portanto, este trabalho será feito com material de uma obra em preparação inédita, ao menos em parte, uma vez que os textos reunidos pelo autor foram publicados no *Jornal Três*, de Três Corações.

Estas crônicas foram publicadas entre 2000 e 2002, sendo a maior parte nos meses de janeiro e fevereiro de 2001. Das 27 crônicas, não foi possível precisar a data de seis textos¹.

¹ Textos sem data: “O curral eleitoral - O eleitor de cabresto”, “A seresta e a praça”, “Coisas que incomodam...”, “Coisas que incomodam 2...”, “O presente” e “Um novo tempo”.

As crônicas reunidas no livro tratam do cotidiano de Victor Cunha, mas também do dia a dia da cidade de Três Corações, do passado e do presente. O autor relata fatos e histórias locais, como a vida política, as diversões que a cidade oferecia (serestas na praça, parques, carnaval, teatro, cinema, rádio), a relação da cidade com o exército, além de tratar também das “coisas que incomodam”, título de uma crônica sobre problemas enfrentados pela população devido à ineficácia do poder público.

Pode-se observar que o autor busca resgatar a memória do cotidiano de Três Corações por meio de sua percepção do passado e do presente da cidade. Essa visão saudosista está presente na grande maioria dos textos, diante as manifestações culturais da cidade e expressa um sentimento de perda, fruto das “consequências do progresso”², da urbanização da cidade e da consequente modernização dos costumes.

No que concerne à metodologia empregada, a pesquisa se realiza em três frentes de trabalho: pesquisa bibliográfica (leitura, fichamento e discussão dos textos de Victor Cunha e da bibliografia de fundamentação teórica), trabalho de campo (catalogação e transcrição dos textos pertencentes ao acervo pessoal de Victor Cunha) e análise das crônicas constantes no volume *Crônicas de Victor Cunha* e comparação com as versões publicadas no *Jornal Três*, de Três Corações, para observar se há diferença entre a publicada no jornal e a reunida no livro.

No que tange à pesquisa bibliográfica, cabe ressaltar que não foram encontrados outros trabalhos de maior fôlego dedicado exclusivamente às obras de Victor Cunha – excetuando a dissertação *Memória e identidade nas tradições musicais tricordianas*, de autoria de Lisa Paula Andrade Vilela de Oliveira (OLIVEIRA, 2005), em que são analisadas algumas canções de Cunha. Assim, tendo em vista a inexistência de trabalhos sobre o autor, reforçamos o fato de que o presente trabalho justifica sua validade, uma vez que visa a construir referências para pesquisas futuras.

Assim, a fim de desenvolver o trabalho, foi feita pesquisa na página do Programa de Mestrado em Letras da UninCor, onde foram localizadas as seguintes dissertações, consideradas relevantes para o trabalho: a dissertação citada de Lisa Paula, defendida em 2005, pesquisa em que a autora trata dos sambas de Victor Cunha; *O desencantamento do mundo nas narrativas orais do Sul de Minas*, de autoria de Viviane Francisca Ribeiro, que interessa à pesquisa por abordar a questão da saudade e da melancolia (tópicos que se fazem

² Expressão utilizada na crônica “Um triste ‘slogan’”, na qual Cunha relata o motivo de Três Corações ser chamada de “Três Corações, a cidade do já teve”, em referência a atrações culturais e locais, considerados referenciais para os tricordianos que deixaram de existir.

presentes nas crônicas de Cunha); *Fragments da cidade: história e memória em Três Corações por três corações*, de Carina Adrielle Duarte de Melo Figueiredo, que trata das relações entre crônica e fotografia na produção de registros da cidade de Três Corações – no caso, Victor Cunha, além de cronista, também praticava a fotografia (um de seus hobby) e ambas as artes (crônica e fotografia) são esforços em captar registro do tempo vivido.

Uma vez que Victor Cunha é um autor tricordiano, também foi realizada pesquisa na página do Projeto de Pesquisa Acervos Tricordianos, desenvolvido também no Programa de Mestrado em Letras da UninCor. Foram localizados os seguintes artigos por nós considerados relevantes para o desenvolvimento da presente dissertação: “Acervos Tricordianos: marcos teóricos”, de Aline de Souza Pereira; “Acervos Tricordianos: pesquisa de campo”, de Rejany Carvalho Lemes; “Acervos Tricordianos: visão geral”, de Talita Carlos Tristão; “A descoberta do local”, de Marcelino Rodrigues da Silva; “As lembranças de um lugar: memórias e identidades”, de Marcelino Rodrigues da Silva; “Nada ficou no lugar: concepções de tempo em Valério Neder”, de Talita Carlos Tristão; “Valério Neder e o passado tricordiano”, de Talita Carlos Tristão.

No que tange ao trabalho de campo, foram feitas visitas à Casa de Cultura Godofredo Rangel, para levantamento de informações sobre o que há de textos e fotografias no acervo de Victor Cunha. Ainda na Casa da Cultura, procedeu-se, o levantamento em encadernações contendo as crônicas publicadas no *Jornal Três*.

Ainda em relação à pesquisa de campo, tivemos acesso a um dvd, repassado por Luiz Antônio Maia (conhecido como “Cientista” em Três Corações), editor do *Jornal Três*, que era amigo de Cunha. Nesse dvd consta, além dos dois livros publicados por Cunha, *Saudade...* (1998) e *Três Corações... um pouco de sua história* (2012), conta também um livro inédito sobre o Atlético de Três Corações e uma pasta intitulada “Colcha de retalhos”, onde há um total de 112 crônicas publicadas por Cunha no *Jornal Três*. Dessas, 21 constam no volume entregue a nós pela filha de Cunha. Ao examinar os textos da pasta “Colcha de retalhos”, nota-se algo como uma nostalgia do autor, que demonstra o desejo de voltar ao passado, a uma Três Corações que se perdeu. Cunha fazia parte de um grupo de tricordianos composto por memorialistas e cronistas, como Benefredo de Sousa, Darcy Brasil e Valério Neder. Tal como seus companheiros, ele se empenha em resgatar a Três Corações do passado, de modo a apresentá-la à atual geração de tricordianos. Porém, esse gesto sempre vem acompanhado a uma crítica a símbolos da modernização, como a TV, o computador e a internet.

A propósito do referencial conceitual e teórico empregado para fundamentar e precisar o conceito de crônica como “registro do circunstancial” (SÁ, 1992, p. 6) a partir do qual

dialogaremos com os textos de Victor Cunha, serão mobilizadas principalmente as reflexões acerca da crônica feitas por Jorge de Sá (1992), Antonio Candido (1992), Flora Bender e Ilka Laurito (1993).

Além desses, e a fim de adensar nossa reflexão sobre a crônica cunhiana, foi utilizado, para a análise da estrutura das crônicas, o estudo de Ligia Chiappini Leite (1987), acerca do foco narrativo para analisar a construção de Victor Cunha como narrador-protagonista / narrador-repórter, que relata e reflete acerca de seu próprio cotidiano.

Também foram pesquisados os Anais do Encontro Tricordiano de Linguística e Literatura, acesso em outubro de 2018, em busca de textos que tratem dos seguintes temas: memória e identidade cultural tricordiana, crônicas e cronistas tricordianos (com ênfase em Victor Cunha). Buscamos coletar possíveis referências a Victor Cunha.³

No que diz respeito ao tratamento dos conceitos de história e de memória, bem como das relações entre memória individual e coletiva, são utilizados os trabalhos dos historiadores, psicólogos, sociólogo e filósofo, Maurice Halbwachs (2003), Ecléa Bosi (1994), Jacques Le Goff (2003), Sandra Jatahy Pesavento (2004), Paul Ricoeur (2007) Paolo Rossi (2010). Para Pesavento, a história consiste em uma “escrita sobre o passado” (PESAVENTO, 2004b, p. 16). Já a memória, para Jacques Le Goff, “não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um móvel elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 2003, p. 49). Da relação entre história e memória, operam-se construções, como a crônica, uma vez que “passado, história e memória são formas de lançar pontes entre passado, presente e futuro” (PESAVENTO, 2004b, p. 63).

Feita a contextualização das questões, passemos à estrutura da dissertação que, além da Introdução e das Considerações Finais, foi desenvolvida de acordo com a seguinte organização dos capítulos.

O primeiro capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, apresenta-se uma conceituação da crônica como gênero textual. Nesse processo, são passadas em revista as concepções da crônica como registro de circunstâncias do passado e do presente de uma comunidade, como gênero de fronteira entre literatura e história, jornalismo e literatura, entre

³ O estudo da obra de Victor Cunha faz parte dos esforços do grupo de pesquisa “Minas Gerais: diálogos”, sediado na Universidade Vale do Rio Verde, que propõe o estudo crítico teórico, analítico-interpretativo e/ou comparativo de textos e autores que tenham Minas Gerais como “espaço literário, cultural e discursivo”, a partir de três perspectivas: 1. O estudo de obras e autores mineiros ou temáticas associadas a este espaço literário, destacando o empenho particular em “descobrir”, divulgar e valorizar autores da região sul mineira, promovendo a cultura local; 2. O estudo das manifestações culturais do Estado, de caráter urbano e/ou rural, priorizando o diálogo que eventualmente estabeleçam com a literatura e a sociedade; 3. O estudo das práticas linguísticas e discursivas da/na região mineira.

o documentário (registro de fatos) e o relato (narrativa). A seguir, reflexões sobre memória, bem como das relações entre memória individual e coletiva.

No segundo capítulo, apresentamos um breve perfil biográfico de Victor Cunha. Em seguida, passa-se à caracterização da produção intelectual do autor, a fim de expormos as relações entre os livros publicados sob o rótulo de “documentário” e o volume objeto (corpus) desta dissertação constituído por crônicas. Com isso, buscamos evidenciar a hipótese de que os textos do volume *Crônicas de Victor Cunha* foram elaborados a partir dos registros coletados da elaboração dos livros-documentários *Saudade...* (1998) e posteriormente utilizado para escrita do livro *Três Corações... um pouco de sua história* (2012) que consta várias crônicas do volume corpus.

No terceiro e último capítulo, apresentamos uma análise crítica de várias crônicas, publicadas entre 2000 e 2001/2002, as que compõem o volume inédito *Crônicas de Victor Cunha*. Buscamos identificar, nas representações da cidade, os modos como memória individual, coletiva e institucional são construídos pelo autor na criação das crônicas de forma a evocar imagens de Três Corações do passado remoto e do presente.

Por fim, após as referências bibliográficas, o leitor irá encontrar um caderno de anexos, no qual estão reproduzidas as crônicas analisadas neste trabalho. Com isto, visamos a divulgar uma parte do trabalho de Victor Cunha.

1. CRÔNICA: MEMÓRIA, REGISTRO DO TEMPO OU LITERATURA?

1.1. Conceituando crônica

Em um trabalho que se dedica ao gênero crônica, cabe, de início, perguntar: o que é crônica? De acordo com Novo Dicionário Aurélio: “Crônica: Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas factos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, desportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida quotidiana” (LOPES apud FERREIRA, 1986, p. 502).

De acordo com essa definição destacamos que é um gênero de difícil classificação, pois a crônica apresenta uma pluralidade temática, seus motivos são os pequenos acontecimentos: a notícia em que ninguém prestou atenção, cenas do cotidiano, tudo o que é corriqueiro, criando-se, assim, no transcurso do tempo – minutos, horas, dias, semanas – uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. Como é um gênero produzido, geralmente, para ser veiculado na imprensa, costuma ter vida curta, embora, algumas vezes, se perpetue em livros e coletâneas de textos de grandes autores.

Conforme argumenta o crítico literário Massaud Moisés (1978), é necessário lembrar que a palavra crônica apresenta uma história de longa duração, tendo sido empregado desde o início da era cristã, quando designava “uma lista ou relação de acontecimentos, arrumados conforme a sequência linear do tempo” (MOISÉS, 1978, p. 131-132). Tal significado se manteve até o século XIX, quando se desenvolve a significação moderna, deixando de ser mero registro do cotidiano, passando a constituir uma expressão híbrida, que pode (ou não) apresentar traços artísticos, comportando a possibilidade de “recriação da realidade” (MOISÉS, 1978, p. 133) apresentada, o que a aproxima, portanto, da literatura.

Já para Jorge de Sá (SÁ, 1992, p. 05), a carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel, assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista. O texto de Caminha é a criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria tudo que ele registra no contato direto com os indígenas e seus costumes.

Assim, o relato de Caminha é fiel às circunstâncias das quais todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. Sá afirma que a realidade, conforme se conhece, ou como é recriada

pela arte, é feita de pequenos lances, estabelecendo o princípio básico da crônica: “registrar o circunstancial” (SÁ, 1992, p. 06).

Desse modo a crônica se caracteriza por “registrar os fatos” cotidianos. Sobre a questão da escolha do assunto a ser abordado, Sá, a partir da leitura do texto “A última crônica”, de Fernando Sabino, diz, citando o escritor, que “não se acolhe toda e qualquer matéria” (SÁ, 1992, p. 21). Ainda usando as palavras de Sabino, Sá propõe que, “quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico”, a crônica deve escolher um fato capaz de reunir em si mesmo o “disperso conteúdo humano, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar” (SÁ, 1992, p. 22).

Antonio Candido, em seu ensaio sobre a crônica “A vida ao rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p.13), comenta que a crônica, por ser um gênero teoricamente menor, não teria como ombrear com um romance, uma poesia, uma peça de teatro. Entretanto, sendo um “gênero menor” que explora a proximidade com assuntos do dia-a-dia, ela alcança um leque maior de leitores.

Historicamente, a crônica surgiu no Brasil no século XIX, inserida nos jornais da época. Nesse tempo, o termo “crônica” não era usado, e sim “folhetim”, um pequeno espaço no jornal onde assuntos cotidianos, triviais, eram registrados. Aos poucos, as crônicas (folhetim) passaram a ser escritas por autores de importância em seu tempo, mostrando que o diário, o dia a dia, poderiam ser matéria-prima de textos de qualidade literária. Autores como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac revezavam-se na escrita de uma modalidade de texto que se tornaria um gênero literário robusto nas próximas décadas. Um texto com características próprias, próximas da vida das pessoas, com seus detalhes, suas cores e seus diferentes cotidianos. E graças às mãos, desses importantes autores da literatura brasileira, o folhetim foi ganhando características próprias até ganhar feição própria.

Em seus primeiros anos de vida, as crônicas e o jornalismo eram quase indissociáveis, pois eram em jornais que eram publicadas. Ou seja, era um suporte efêmero, de rápido consumo, demandando da pessoa que a escrevesse uma infinidade de assuntos, uma versatilidade temática para preencher o espaço destinado no periódico. Então, a crônica foi ganhando jeito, corpo, identidade própria ao texto jornalístico, diferenciando-se do mero registro factual. Só que como era de rápido consumo, produzida para durar apenas aquele número do jornal e logo descartada.

Para Candido, a crônica carrega em si algo que nos é próximo, familiar, humanizado, segundo ele podemos:

Lembrar por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia a dia age como quebra do monumental e da ênfase. Não que essas coisas sejam, necessariamente ruins. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar consequência disso disto. **Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.** Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14, grifos nossos).

A partir desta citação, podemos dizer que a característica mais notável desse gênero, talvez, seja a familiaridade que propicia com o assunto apresentado. Desse modo, a simplicidade do texto, sua rota sem desvios, seu percurso direto, fazem do cronista um amigo próximo, aquele vizinho que nos cumprimenta todo o dia, do jardim de sua casa. Se esse texto restabelece a dimensão das coisas e das pessoas, todos fazem parte do texto, todos são texto.

De acordo com Candido, a crônica possui esses elementos: proximidade com o leitor, ar familiar, banalidades, assuntos triviais como questão principal, bom humor, base jornalística, efemeridade, concisão, despreensão, profundidade, aproximação com o real, é factível e tem leveza (CANDIDO, 1992, p. 14).

Assim, para Antonio Candido, é possível classificar a crônica como um texto simples, divertido, breve, de caráter leve acessível a todos, conferindo uma “visão humana do homem na sua vida de todo dia...” [pois], “Num país como o Brasil, onde se costuma identificar superioridade intelectual e literário com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres o ponto máximo de nossos dias” (CANDIDO, 1992, p. 16).

A partir da afirmação acima, Antonio Candido considera que, por isso, a crônica pertence ao rés-do-chão.

Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso a crônica (CANDIDO, 1992, p.14 -15, grifos nossos).

Neste sentido, Candido considera que o gênero está ligado ao que é terreno e mundano. Ela fala de baixo, não mais da montanha, como indica o autor. Devido a esse fator,

muitos autores afirmariam que a crônica se prende ao efêmero, ao cotidiano e ao diário. Todavia, não se deve considerar que o que ela fala é passageiro ou não importante. Essas considerações acerca da crônica devem estar relacionadas apenas com o espaço que a gera, o jornal.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo, no início eram publicadas em folhetins que tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época, mas tinham por principal finalidade distrair os leitores proporcionando momentos agradáveis através da imaginação e reflexão sociocrítica.

No que diz respeito à relação da crônica de folhetim com a crônica atual, no tempo de João do Rio/Paulo Barreto (1881-1921), a crônica era uma seção quase informativa, um rodapé, apresentando pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, enfim, tudo que pudesse informar aos leitores sobre os acontecimentos daquele dia – recebendo, por isso, o nome de folhetim. Conforme lembram Flora Bender e Ilka Laurito,

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo (BENDER; LAURITO, 1993, p. 16).

João do Rio consagrou-se como cronista mundano, dando à crônica uma roupagem mais literária que, tempos depois, foi enriquecida por autores como Rubem Braga. Como propõe Jorge de Sá (SÁ, 1992, p.10), o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão que pretende ficar na superfície de seus próprios comentários. E tudo que é dito em uma crônica parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem de fato.

No gênero jornalístico, afirma Sá (SÁ, 1992, p.10-11), que a aparência de simplicidade não quer dizer desconhecimento artístico. Ela decorre do fato de que a crônica surge primeiro do jornal, inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da labuta diária. Por outro lado, o cronista também dispõe de pouco tempo e tem pressa de escrever. Por isso a sua sintaxe lembra algo mais próximo de uma conversa entre amigos do que propriamente um texto escrito. O coloquialismo deixa de ser uma transcrição exata de uma frase ouvida na rua para ser uma elaboração de um diálogo entre cronista e leitor. Conforme propõe Sá, o “dialogismo [...] equilibra o coloquial e o literário” (SÁ, 1992, p. 11),

de modo que temos a impressão de, ao lermos uma crônica, estarmos a ler uma “conversa entre dois amigos” – no caso, nós, leitores, e o cronista:

No momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna. [...] A mudança de suporte provoca um novo direcionamento: o público do jornal é mais apressado; o público do livro é mais seletivo, mais reflexivo até pela possibilidade de escolher um momento mais solitário para ler o autor de sua preferência. [...]: *a atitude diante do texto é que muda* (SÁ, 1992, p. 85, itálico do autor).

Outro aspecto importante da crônica é apontado por Portella (PORTELLA, *apud* MARTINS, 2010, p. 111), que assinala os elementos que integram a crônica. Para o autor, como um registro das coisas da cidade, de suas falas, a crônica atinge um significado linguístico da maior importância. Devido a seu aspecto dinâmico, a crônica é tida por Portella como a língua da cidade (ou das cidades). Muito mais que a língua do interior, é a língua da cidade; uma vez que a língua da cidade é dinâmica, é movimento: é a própria vida da cidade.

Desse modo, por se pautar no relato dos fatos do dia a dia da cidade, numa linguagem acessível, por pegar o amiúde e mostrar sua grandeza, a crônica se apresenta como um observatório do cotidiano, uma “história menor” a partir da qual se faz o registro da vida nas cidades, sejam grandes ou pequenas. Como expõe Portella,

A crônica literária brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita de letras. [...]. Há nos cronistas, e nos referimos ao cronista da grande cidade do Rio, por exemplo, um apego provinciano pela sua metrópole, que é, aliás, um dos segredos. E é em nome desse apego que ele protesta diante das deformações do progresso, que ele aplaude o que a cidade possui de autenticamente seu. E, desta maneira luta para transcender com ela (PORTELLA *apud* MARTINS, 2010, p. 110).

Sobre a relação entre o desenvolvimento da crônica e seu vínculo com os grandes centros urbanos, Bender e Laurito salientam que a cidade do Rio era a cidade ideal para os cronistas, pois a cidade maravilhosa era a capital do país à época do início da crônica brasileira. Entretanto, não é só a propósito da cidade real que escrevem os cronistas, como lembram as autoras. Nas palavras delas,

Não só uma cidade real é o espaço da crônica; o quarto, a casa, a rua, o bairro, o país, uma terra inventada, um quintal, um galinheiro, um terraço a praia, o mar. [também são espaços a serem percorridos pelo cronista] E mesmo quando a ação ou as reminiscências são recentes, a memória é o grande espaço da crônica, daí a importância da infância, tempo da memória e, paradoxalmente espaço (BENDER; LAURITO, 1993, p.71).

Assim, não é só o espaço urbano que serve de tema para a crônica, sendo o tempo também elemento importante, seja como tema ou ainda como aspecto estrutural e estruturante da crônica, uma vez que o termo se origina da ideia de tempo. Desde o tempo que passa depressa ao que não passa nunca, “do tempo interior, psicológico, ao cronológico, verificável pelos relógios, o tempo, às vezes espelho cruel, é matéria de crônica” (BENDER; LAURITO, 1993, p.72). Ou seja,

Creia-se ou não, todo o mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. “Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata” – respondia-me na Índia um grande homem meu amigo, cada vez que perguntava como ia passando. [...]. Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo pequeno é o dos nossos relógios (MEIRELES apud BENDER; LAURITO, 1993, p.73).

Como escrito no trecho acima a palavra “crônica” está relacionada com a ideia de tempo, como na palavra grega *chronos*.

No *Dicionário etimológico*, de Antenor Nascente, a palavra **crônica** é dada como originária do grego *chronikós* (relativo ao tempo), recebida pelo latim *chonica*. E mesmo que se encontrem, em outros dicionários, variantes do étmos de **crônica**, nenhuma dessas variantes deixa de radicar-se no sentido original de *cronos* (tempo) (BENDER; LAURITO, 1993, p.10, grifos dos autores).

Segundo Bender e Laurito (BENDER; LAURITO, 1993, p.11), o termo “mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Tal afirmação confirma que a temática da crônica contempla seu tempo e, sendo assim, cumpre seu objetivo. Assim, a crônica pode levar o leitor do mundo real para o mundo da fantasia, da imaginação e do passado. Alguns autores que compõem a literatura moderna e contemporânea se consagraram com a produção dessa tipologia narrativa a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo.

Na crônica “existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse ‘por acaso’” (SÁ, 1992, p. 9). A crônica geralmente é escrita de maneira simples e seu espaço ideal é a cidade e, quando há referência ao interior ou ao campo, é para contrastar com o espaço urbano que, embora preferido para o gênero, perde para o rural, apresentado em forma de memória saudosa de um tempo em que o cronista supostamente era feliz.

Em seu texto basilar sobre a crônica, Antonio Candido (CANDIDO, 1992, p. 22) sugere uma classificação para o gênero, apontando quatro tipos de crônicas: a crônica diálogo, a crônica narrativa, a crônica de exposição poética e a crônica biográfica lírica. Ainda neste capítulo, Candido vai pontuando os traços de cada autor ao escrever suas crônicas, tal como a crônica se esgota em si mesma; é simples e divertida, que por trás dela há sempre muita riqueza para o leitor explorar; são de caráter leve; acessível a todos, dando uma “visão humana do homem na sua vida de todo dia.” Mas que o mais importante é “insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça da crônica” (CANDIDO, 1992, p.19).

Para aprofundar a discussão, Coutinho (COUTINHO, 2003, p. 121) propõe alguns parâmetros para classificar a crônica em cinco tipos. Vejamos:

a) *A crônica narrativa*: cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim. O exemplo típico é Fernando Sabino.

b) *A crônica metafísica*: constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens. É o caso de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreter filosoficamente.

c) *A crônica poema-em-prosa*: de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado. É o caso de Álvaro Moreira, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Rachel de Queiroz.

d) *A crônica-comentário* dos acontecimentos: que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar. Muitas crônicas de Machado e Alencar pertencem a esse tipo.

e) *A crônica-informação*: mais próxima do sentido etimológico é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.

Essas definições não são totalmente estáveis, pois a crônica em si tem a sua flexibilidade, mobilidade e irregularidade. Sua busca consiste em superar o fato jornalístico e urbano em uma busca pela transcendência; e quando isso ocorre, torna-se literatura.

Ainda sobre os preceitos que sugere para a leitura da crônica, Coutinho argumenta que

[...] A capacidade de simpatia humana eis a condição primordial para alguém exercer a crônica de modo plausível. E, por isso mesmo, o estilo do cronista deve tender para as formas simples e, sobretudo, para o tom comunicativo,

de conversa, de bate-papo. Por esse modo sempre há possibilidade de um diálogo mais ou menos permanente entre o cronista e o leitor; em caso contrário, os seus comentários e reflexões correrão sempre o risco de perder-se no ar (COUTINHO, 2003, p. 134).

Ao dizer que “sempre há possibilidade de um diálogo mais ou menos permanente entre o cronista e o leitor”, Coutinho apresenta a principal motivação da crônica (o diálogo permanente), aspecto que faz com que a crônica esteja sempre próxima do leitor, no jornal diário, pois se apresenta a este como uma conversa constante entre amigos.

Portanto, o jornalista não deve simplesmente registrar uma notícia, cabendo a ele “explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar, com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado” (SÁ, 1992, p.33). Desse modo, “o cronista-poeta não fantasia sensações, registra-as usando os seus recursos estilísticos, mas sempre consciente de que a crônica oscila entre o visto e o imaginado” (SÁ, 1992, p.71).

Assim, a crônica, por possuir uma linguagem que se aproxima do modo de ser mais natural das pessoas, age como uma quebra em relação à linguagem dos textos literários, conferindo ênfase aos fatos (e não à construção formal, como no romance ou no conto). Estende-se, notadamente, às outras formas literárias, tais como livros, revistas, entre outros, podendo-se afirmar que o gênero é apreciado e praticado por escritores consagrados como Machado de Assis, João do Rio e Rubem Braga, (três dos principais autores que contam a história da crônica no Brasil), assim como Fernando Sabino.

O fato de escrever crônicas parece obrigar o cronista a estabelecer uma comunhão com seu meio de modo a produzir um ar de familiaridade do leitor em relação aos fatos narrados. Assim, consegue sutilmente aproximar-se de seu leitor e fazer parte do ritual cotidiano. Além disso, consegue incorporar a visão do leitor, dando-lhe a oportunidade de captar o perfil do mundo e dos homens. É admirável a comunhão entre o leitor e o cronista. A crônica brasileira explora uma linguagem lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo. Registra o circunstancial e o efêmero. O real é recriado com engenho e arte. Cultiva a função poética da linguagem, imprime leveza ao discurso, revela e valoriza, na visão do autor, a crítica de um momento histórico, atenuando o vínculo de temporalidade que eterniza o texto (PORTELLA *apud* MARTINS, 2010, p. 111).

Diante dessa variedade de modos de cronicar, cabe observar que cada cronista tem o seu estilo peculiar, inclusive quanto à escolha do tipo de texto a que se dedica mais, ou que prefere escrever, observando o cotidiano a sua volta e registrando com total liberdade o que mais lhe chamou a atenção naquele momento ou naquela hora.

Neste contexto cultural brasileiro,

[...] em que uma tiragem de 3 mil exemplares faz um best-seller, um leitor de crônicas, considerada gênero menor, não seria um leitor menor, e sim um leitor a mais. E a crônica, principalmente por ser tão difundida nos livros didáticos, acaba sendo a principal fonte de texto literário para os jovens [...] (BENDER; LAURITO, 1993, p.44).

Conforme propõem Bender e Laurito (BENDER; LAURITO, 1993, p.44), ao fingir que “joga conversa fora”, o cronista nada mais faz do que levar “papo cabeça”, sem censura, livre. E liberdade é uma das principais características da crônica. Não há restrição de assunto para ela talvez para compensar o pouco espaço. E essa total liberdade, também quanto à estrutura, torna difícil a sua conceituação.

1.2. Reflexões sobre memória

Conforme exposto anteriormente, a crônica, como gênero, se define por uma estreita relação com o registro do tempo passado ou presente, do tempo interior ou exterior, pessoal ou social. Além de memória escrita, a crônica também já foi definida, como vimos nas reflexões de Jorge de Sá, Antonio Candido, Flora Bender e Ilka Laurito como escrita do tempo e, portanto, lugar da memória – uma vez que “a memória é o grande espaço da crônica” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 71). Por essa relação com a memória, passaremos à conceituação e reflexão desta.

O conceito de memória vem sendo tema de alguns estudiosos há muito tempo. O termo se modificou ao longo dos anos, adequando-se às sociedades de acordo com suas utilizações e importância. Em cada época, o conceito foi girando em torno de conhecimentos que caracterizavam momentos históricos também distintos.

A fim de tratar da noção de memória e suas relações com a escrita, apresentamos uma reflexão teórica acerca da noção de memória. Tendo em vista as diversas possibilidades de entendimento e estudos, para conceituar o termo, e também sua relação com as ideias de passado, presente, história e esquecimento, partimos das considerações de Jacques Le Goff (2003), Paul Ricoeur (2007) e Paolo Rossi (2010). Em seguida, a fim de abordar as dimensões individual e coletiva da memória, recorreremos aos estudos de Ecléa Bosi (1979) e Maurice Halbwachs (2003).

Componente essencial da vida das pessoas e das sociedades, a memória tem a propriedade de conservar informações, registrar fatos que falam do passado e em vários suportes. Assim, como propõe o historiador Jacques Le Goff (2003), em sua obra *História e Memória*, abordar a temática da memória é promover um encontro com o passado, um encontro de gerações em um tempo e espaço presente, ressignificando a vivência e configurando os caminhos a serem projetados no futuro. Le Goff salienta que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 2003, p. 478).

Ao tratar das diferentes funções e modos de realização da memória nas culturas orais e escritas, Le Goff salienta se tratar, em ambas as sociedades, de uma atividade cotidiana, conforme escreve Goody, para quem “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY 1977 *apud* LE GOFF, 2003, p. 428).

De acordo com o historiador francês, a história se constrói no presente e dialoga com o passado por meio das memórias. Somos capazes de lembrar coisas que nunca vivemos através da perspectiva da tradição, bem como das linguagens da literatura e das artes plásticas.

Segundo a concepção de Leroi-Gourhan, a memória é “a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos” (LE GOFF 2003, p. 426). Para esse autor, há três tipos de memória:

[...] a memória *específica*, a memória *étnica*, a memória *artificial*. A “memória específica” para definir a fixação dos comportamentos de espécie animais. A “memória étnica” que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas. A “memória artificial”, eletrônica em sua forma mais recente, que assegura sem recurso ao instinto ou a reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados (LEROI-GOURHAN *apud* LE GOFF 2003, p. 426, grifos do autor).

Outro ponto destacado por Le Goff, no surgimento da memória no campo das ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), é o enfoque dado à memória coletiva (em detrimento das memórias individuais). Isso se deve às funções e interesses da memória para a organização dos grupos sociais:

Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se

transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2003, p. 427).

Assim, a memória, conforme busca demonstrar o historiador, possui, portanto, uma função social, sendo responsável por manter a coesão dos grupos de uma sociedade. Nas sociedades sem escrita, a memória é importante para a construção e a manutenção da identidade e das tradições do grupo, trabalho que se faz por meio da transmissão do mito de origem, por exemplo.

No que diz respeito ao desenvolvimento da memória e à transformação da memória coletiva quando do aparecimento da escrita. Este progresso, lembra Le Goff (p. 431), ocorreu na transição da Pré-história para a Antiguidade, devido a três fatores: a difusão da escrita, a evolução social e o desenvolvimento urbano. Tais aspectos favoreceram o desenvolvimento de duas formas de inscrição da memória coletiva: a comemoração, a celebração. Ambas constituem e remetem a duas formas de memória, o **monumento** e o **documento**, duas modalidades de registro e de armazenamento de informações. No que tange ao monumento, Le Goff apresenta o histórico abaixo:

Na Mesopotâmia predominaram as estelas onde os reis quiseram imortalizar os seus feitos através de representações figuradas, acompanhadas de uma inscrição, desde o III milênio, como o atesta a estela dos Abutres (Paris, Museu do Louvre) onde o rei Eannatum de Lagash (cerva de 2470) fez conservar através de imagens e de inscrições a lembrança de uma vitória. Foram sobretudo os reis acádios que recorreram a esta forma comemorativa. A mais célebre das suas estelas é a de Narâm-Sin, em Susa, onde o rei quis que fosse perpetuada a imagem de um triunfo obtido sobre os povos do Zagros (Paris, Museu do Louvre). Na época assíria, a estela tomou a forma de obelisco [...] (LE GOFF, 2003, p. 432-433).

No que concerne ao documento, este consiste em outra forma de memória, vinculada à escrita,

[...] todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta. Neste tipo de documento a escrita tem duas funções principais: “Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro”; a outra, “ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual”, permite “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 433-434).

Conforme dito acima, não sendo isentas de intencionalidade, existem, nessas práticas da memória que são perpassadas pela escrita, a preocupação em selecionar o que será preservado e o que será apagado. Como exemplo Le Goff cita a *damnatio memoriae* (LE

GOFF, 2003, p. 442), modo que o senado da Roma Antiga encontrou para lidar com a tirania dos imperadores: destruir as inscrições em monumentos públicos ou em arquivos para aniquilar qualquer possibilidade de lembrança dos antigos líderes. Vê-se, nesse exemplo, não só a escolha de que memória preservar e qual destruir, como também a memória sendo usada como um mecanismo que contribui para perspectivas políticas.

Nos estudos de Le Goff as instituições-memórias criadas pelos reis, como arquivos, bibliotecas e museus, que visam a preservar fontes históricas, artísticas, e o culto ao passado e aos ancestrais. Nesses locais são narrados seus feitos, constituindo-se como espaços em que, segundo Jaques Le Goff, “a memória se torna ‘história’” (p. 434). Como exemplo “Memória funerária, enfim, como o testemunham, entre outras, as estelas gregas e os sarcófagos romanos; memória que desempenhou um papel central na evolução do retrato” (LE GOFF, 2003, p. 436).

Este período do século XIX e no início do século XX, é marcado pela construção de **monumentos aos mortos** (logo após a guerra mundial) e **a fotografia** (Guarda a memória do tempo e evolução cronológica). De acordo com Le Goff, “O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 467). A ideia, portanto, é de que o

[...] álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, "ordem das estações" da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente (LE GOFF, 2003, p. 467).

No que diz respeito às transformações da memória durante a Idade Média, Le Goff aponta (p. 443) que essas se deram devido à “difusão do cristianismo como religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a igreja conquista no domínio intelectual”. Para o historiador, os fatos mais importantes das metamorfoses da memória na Idade Média são a:

Cristianização da memória e da mnemotecnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da

memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento enfim de tratados de memória (*artes memoriae*) [...] (LE GOFF, 2003, p. 443).

Outro aspecto importante consiste no apontamento de Le Goff, de que tanto o judaísmo como o cristianismo são “religiões radicadas histórica e teologicamente na história, como ‘religiões da recordação’” (LE GOFF, 2003, p. 443). Como salienta o historiador,

No Antigo Testamento é sobretudo o Deuteronômio que apela para o dever da recordação e da memória constituinte. Memória que é antes de reais nada um reconhecimento de Yahvêh, memória fundadora da identidade judaica: "**Guarda-te** de esqueceres Yahvêh teu Deus negligenciando as suas ordens, os seus costumes e as suas leis..." [8,11]; "**Não esqueças** então Yahvêh teu Deus que te fez sair do país do Egito, da casa da servidão..." [8, 14]; "**Lembra-te** de Yahvêh teu Deus: foi ele que te deu esta força, para agires com poder, guardando assim, como hoje, a aliança jurada aos teus pais. Certamente que se esqueces Yahvêh teu Deus, se segues outros deuses, se os serves e te prosternas diante deles, advirto-te hoje, perecerás" [8, 18-19]. (LE GOFF, 2003, p.443-444, grifos nossos)

Sendo os judeus o “povo de memória por excelência”, a memória cristã, como desdobramento daquela, também se pautará pela rememoração e vivência cotidiana de ritos de memória. “No Novo Testamento, a última Ceia funda a redenção na lembrança de Jesus: ‘Depois, pegando no pão, ele prestou graças, partiu-o e deu-o, dizendo: Este é o meu corpo que vos é dado; fazei isto em minha memória’ [Lucas, 22, 19]” (LE GOFF, 2003, p. 445). Essa celebração é repetida em todas as missas dos católicos apostólicos romanos até os dias de hoje em memória de JHS [Jesus Hóstia Sagrada].

Segundo Le Goff, no período medieval as teorias da memória vão se desenvolver tendo por base a retórica e a teologia. Nesses dois âmbitos, será reelaborada a noção dos “lugares da memória”, a partir da doutrina clássica dos lugares (memória para as coisas) e das imagens (memória para as palavras), Tomás de Aquino formulou três regras mnemônicas, a saber, 1) é necessário encontrar “simulacros adequados das coisas que se deseja recordar”. “A memória está ligada ao corpo”. 2) é necessário, em seguida, dispor “numa ordem calculada as coisas que se deseja recordar de modo que, de um ponto recordado, se torne fácil a passagem ao ponto que lhe sucede”. “A memória é razão”. 3) é necessário “meditar com frequência no que se deseja recordar”. É por isso que Aristóteles diz que “a meditação preserva a memória” pois “o hábito é como natureza” (LE GOFF, 2003, p. 455).

Durante a Renascença, e com o advento da imprensa, a memória ocidental se modifica novamente. Todavia, neste período que separa o fim da idade Média, os inícios da imprensa e o começo do século XVIII, Frances Yates, citado por Le Goff, situa como a marginalização da memória, ou “a longa agonia da arte da memória” (LE GOFF, 2003, p. 458). Acredita-se que, “[...] os opúsculos *Como melhorar a sua memória* não tenham cessado de ser editados [o que continuou até os nossos dias], a teoria clássica da memória formada na Antiguidade greco-romana é modificada pela escolástica, que tivera um lugar central na vida escolar, literária[...]” (LE GOFF, 2003, p. 459).

Nas concepções de memória apoiadas nas artes de memória medievais cedem lugar a propostas de técnicas de memorização alicerçadas em métodos científicos balizados pela racionalidade, que opunha a memória à inteligência. A constituição da memória coletiva, de acordo com André Leroi-Gourhan dividiu a sua história em cinco períodos: “o da **transmissão oral**, o da **transmissão escrita** com tábuas ou índices, o **das fichas simples**, o **da mecanografia** e o da **seriação eletrônica**” (LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 2003, p. 467, grifos nossos)

Para Le Goff (2003, p. 467), “os desenvolvimentos da memória no século XX, sobretudo depois de 1950, constituem uma verdadeira revolução da memória e **a memória eletrônica** não é senão um elemento, sem dúvida o mais espetacular”. Com o aparecimento das máquinas de calcular. Mas afirma,

[..] que a memória eletrônica só age sob a ordem e segundo o programa do homem, que a memória humana conserva um grande setor não-“informatizável” e que, como todas as outras formas de memória automáticas aparecidas na história, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, um servidor da memória e do espírito humano. (LE GOFF, 2003, p. 468-469).

Ainda de acordo com o historiador francês, podemos pensar que toda “a história caminha na direção de um mundo acrescido de memória coletiva” e que as histórias provem da memória coletiva (e individual), social (linguística, demografia, economia, cultura).

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: ‘Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória’ (LE GOFF, 2003, p. 473).

Le Goff deixa evidente o valor da memória coletiva para a história através de seus documentos/monumentos, para a evolução das grandes questões da sociedade: “A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha” (LE GOFF 2003, p. 475).

Segundo ele “até os nossos dias ‘história e memória’ confundiram-se praticamente e a história parece ter-se desenvolvido ‘sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização’” (LE GOFF 2003, p. 473). Sobre essa perspectiva, “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 2003, p. 476).

Conforme mostra o historiador, a memória e a identidade, seja individual ou coletiva, estão intimamente relacionadas, sendo que a construção de ambas constitui “uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469). Assim, a título de síntese das relações entre memória e história na apreensão da passagem humana pelo tempo.

Neste viés e das relações entre passado, memória (individual e coletiva) e história, é importante apontar um elemento que condiciona as relações delas – o esquecimento. O historiador Paolo Rossi, em seu livro *O passado, a memória, o esquecimento* (2010), no capítulo 1, busca demonstrar que tão importante quanto tratar da memória é observar sua relação com o esquecimento. Para isso, ele aborda os significados da memória e do esquecimento, descrevendo como o objeto memória/esquecimento vem sendo tratado na tradição filosófica ocidental.

Na tradição filosófica, e também no modo de pensar comum, a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou *anamnese* ou reevocação), pelo contrário, remete a capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido. Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence a mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. [...]. Voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma; quem rememora ‘fixa por ilação o que antes viu, ouviu ou experimentou e isso em substância, é uma espécie de pesquisa (ROSSI, 2010, p. 16).

Para o historiador, “a história é jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação” (ROSSI, 2010, p.19). Assim, ao refletir acerca das relações entre passado, memória e esquecimento, é importante ter em mente os jogos de força que estão por trás do

que aparece e do que é oculto. Desse modo, a memória não está relacionada apenas ao passado, mas está vinculada à ideia de identidade e ao que nos permite pensar e ter expectativas sobre o futuro. Relembrando as reflexões de Tomás de Aquino, Rossi adverte que:

A memória é de homens e animais, a reminiscência só é humana. Como dirá Tomás de Aquino, “o homem não possui, como os outros animais, apenas a memória, que consiste na lembrança imprevista do passado, mas também a reminiscência, que é quase fazer silogismo buscando a lembrança do passado” (AQUINO⁴ apud ROSSI, 2010, p.16).

Na citação acima, Rossi, revela que, no cotidiano somos “lembrados” constantemente do que não devemos esquecer, ambientes carregados de significados são construídos com o intuito de nos fazer lembrar. A memória, salienta Rossi, “sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”. (ROSSI, 2010, p.24). Ou seja, ela não está relacionada apenas ao passado, ela é vinculada a identidade, ou seja, ao presente, bem como ao que nos permite pensar e ter expectativas sobre o futuro.

O historiador, por sua vez, em seu texto “Lembrar e esquecer” (2010), aborda justamente a questão da manipulação das memórias através do esquecimento, trazendo para esse campo de estudos mais uma questão fundamental: a da relação da memória com a “verdade”. Para Rossi, há muitas formas de induzir ao esquecimento e muitos motivos pelos quais se pretende provocá-lo:

O “apagar” não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade (ROSSI, 2010, p. 32).

Rossi acredita que “toda vez que tocamos no tema da memória, somos chamados também para o tema do esquecimento” (ROSSI, 2010, p. 36). Esse entrelaçamento entre memória e esquecimento está intimamente relacionado às relações entre a memória e a história, que “podem ser pensadas como as duas pontas de uma antinomia [duas formas conflitantes]: em que os avanços da historiografia fazem continuamente retroceder o passado imaginário que foi construído pela memória coletiva” (ROSSI, 2010, p. 28).

⁴ Tomás de Aquino, *Summa Theologica* 1

Segundo Paolo Rossi, o tema da memória “é muitíssimo mais amplo, aprofunda suas raízes no temor primordial que acompanha, há dezenas de milhares de anos, a história de nossa espécie e a vida dos indivíduos desde o período da infância [...]” (ROSSI, 2010 p.23).

Outro autor que apresenta contribuições para pensarmos as relações entre recordação, memória, história e esquecimento é o filósofo Paul Ricoeur. Em *A Memória, a história e o esquecimento* (2007), obra considerada uma síntese de suas reflexões sobre os usos e abusos do passado, Ricoeur apresenta uma fenomenologia da memória, na parte primeiro da coisa (o quê?), para, na sequência, tratar da questão do sujeito (quem?). Assim o filósofo faz um movimento que abrange a memória individual (olhar interior de si sobre si) à memória coletiva (olhar exterior), lançada em direção aos outros (os estrangeiros, os próximos).

No primeiro capítulo, intitulado “Da memória e da reminiscência”, o autor afirma que:

A permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume a função veritativa da memória. [...]. E, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança (RICOEUR, 2007, p. 26).

Nesses termos é da representação do passado pela memória de que o autor se ocupa. Nesses parâmetros surgem um dualismo, **memória e imaginação**, que se desdobram em outra questão: a relação entre a **lembrança e imagem**. Para Ricoeur (2007, p. 35), das relações entre esses quatro termos chega-se à seguinte questão como base: “É a lembrança uma espécie de imagem, e, em caso afirmativo, qual? ”, pois, para ele,

À memória que repete, opõe-se à memória que imagina: **“Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar.** Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (RICOEUR, 2007, p. 44, grifos nossos).

De acordo com o filósofo, na relação acerca da lembrança e da imagem, cabe-nos pensar: se a imaginação parte de entidades fictícias que não representam o real, esta não estaria em uma estatura maior que a lembrança, em outro segmento, não apenas do real, mas também do irreal? Para Ricoeur (2007, p. 37), essa “conjunção entre estimulação (externa) e semelhança (interna) ” [constitui o] “ponto crucial de toda problemática da memória”, uma vez que,

[...] existem três tipos de narrações: **as que visam retomar lembranças, as fictícias** e **as que tendem representar o passado**. As narrações que buscam

a representação [do passado] sempre receberão mais importância em relação às outras duas, uma vez que oferecem uma falsa ilusão de que estão **retratando verdadeiramente o que já aconteceu**. [...] E a reconstrução dessa lembrança contará com a imaginação para complementar os traços que foram apagados pelo tempo [ou seja as lacunas da memória]. O traço diferencial entre memória e imaginação, então, é a limitação fictícia a que a memória está destinada (RICOEUR *apud* SILVA, 2017, p. 32, grifos nossos).

Em seu texto, Ricoeur explora a larga tradição das técnicas de memorização (*ars memoriae*). A memória, enquanto exercida, é ainda impedida (enferma) no nível patológico-terapêutico. Manipulada em função da manutenção da identidade individual e coletiva (ideologia). A memória coletiva integra a forma, a identidade do grupo mediante datas comemorativas e outras formas de rememorar. Além disso, a memória pode ser obrigação (dever de memória), um “recordar-te” que também é um “não te esqueças” relacionado a acontecimentos traumatizantes de nosso século. “A injunção a se lembrar corre o risco de ser entendida como um convite dirigido a memória para que provoque um curto-circuito no trabalho da história” (RICOEUR, 2007, p. 100). Vejamos a citação abaixo:

Como é possível dizer “você se lembrará”, ou seja, contará no futuro essa memória que se apresenta como guardião do passado? Mais grave ainda: como pode ser permitido dizer: “você deve lembrar-se” ou seja deve contar a memória no modo imperativo, quando cabe a lembrança poder surgir à maneira de uma evocação espontânea, [...] (RICOEUR, 2007, p. 100).

Para tratar das relações entre os pontos de vista interno e externo, Ricoeur recorrerá às reflexões de Maurice Halbwachs para nortear suas reflexões. No que diz respeito ao cruzamento da recordação individual com a memória coletiva, em Paul Ricoeur encontramos, ainda, uma orientação acerca do “eu”, ou seja, do indivíduo em sua relação com o coletivo, algo muito importante. Afirma o autor em “A memória, a história, o esquecimento” que:

Resta explicar como o sentimento da unidade do eu deriva desse pensamento coletivo. É por intermédio da consciência que consideramos, a cada momento, pertencer simultaneamente a vários meios; mas essa consciência existe apenas no presente. A única concessão que o autor se permite é a de dotar cada consciência do poder de se situar no ponto de vista do grupo e mais ainda de passar de um grupo a outro. Contudo, essa concessão é rapidamente retirada: essa última atribuição ainda é uma ilusão que resulta de uma adaptação à pressão social; esta nos leva a acreditar que somos os autores de nossas crenças: “É assim que a maioria das influências às quais obedecemos com mais frequência permanecem despercebidas para nós”. Esse defeito de percepção é a principal fonte de ilusão. Quando influências sociais se opõem e essa oposição permanece, por sua vez, despercebida, imaginamos que nosso ato é independente de todas essas influências uma vez que não está sob a dependência exclusiva de nenhuma delas: “Não

percebemos que, na verdade, ele resulta de seu conjunto, e que ele é sempre dominado pela lei de causalidade” (RICOEUR, 2007, p. 133).

Como enfatiza Ricoeur, o sentimento do “eu” deriva de um pensamento coletivo e que sempre o “eu” está submetido às pressões do conjunto da sociedade. Devemos levar em consideração, portanto, que mesmo a memória de vivência individual pode nos trazer vários aspectos, visto que o individual não pode se lançar fora das influências sociais, ditas coletivas. “Então, é para o lado das representações coletivas que devemos nos voltar para dar conta das lógicas de coerência que presidem à percepção do mundo” (RICOEUR, 2007, p. 133).

Sobre as relações entre a memória individual e a memória coletiva, para o sociólogo Maurice Halbwachs (2003), a memória ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo ele, as memórias são construídas nos grupos sociais. Sejam elas as lembranças da infância em família e com amigos, das relações escolares e dos grupos de trabalho, que mostram que essas recordações são essencialmente memória de grupo (memória coletiva) e que a memória individual só existe a partir do momento em que este indivíduo faz parte desse grupo.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 2003, p. 25).

Halbwachs afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças sejam construídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões, que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. De acordo com o estudioso:

[...] o grupo que constitui uma classe é essencialmente efêmero [...] O ano acabado, os alunos se dispersam, e essa classe definida e particular não se reorganiza nunca mais. [...]. Para os alunos, ela viverá por algum tempo ainda; [...] Como eles têm quase a mesma idade, talvez pertençam aos mesmos meios sociais, não esquecerão que estiveram próximos sob os cuidados do mesmo mestre. [...]. Para o mestre, será completamente diferente (HALBWACHS, 2003, p. 29).

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este que deve sempre ser analisado considerando o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações

mantidas com os outros. “Lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte, isto é, colocando-se no seu ponto de vista, e usando todas as noções que são comuns a seus membros” (HALBWACHS, 2003, p. 29).

O sociólogo inicia o primeiro capítulo do livro *Memória Coletiva* questionando a validade do depoimento pessoal como modalidade de exercício de memória. Para Halbwachs, a memória individual não tem sentido senão quando pensada em relação à memória de um grupo do qual o indivíduo faz parte. Assim, para Halbwachs, o depoimento supõe um acontecimento real passado em outra época vivido em comum. De acordo com esse teórico, o depoimento fala do “eu” que se lembra. O primeiro testemunho (ou depoimento ao qual podemos recorrer) será sempre o nosso e ele tem aspectos vivos das lembranças de uma comunidade. Segundo Halbwachs,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. [...]

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 2003, p. 34).

Halbwachs mostra que a memória individual existe, mas que ela está enraizada dentro dos quadros sociais e à trama da existência social, portanto, tem por interesse não a memória individual, mas a memória social, grupal e coletiva. É na memória coletiva que as tradições dos grupos encontram sua força. As imagens, as lendas e as crenças antigas atualizam-se e são ressignificadas a cada momento da lembrança. O autor afirma:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparece porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2003, p. 36).

Segundo Halbwachs, a “memória coletiva não explica todas as nossas lembranças” (HALBWACHS, 2003, p. 37). A memória é utilizada por ele para compreender a formação da consciência (ou da percepção da realidade) social.

Apesar de tudo, nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caso em que não a percebemos. A questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível (HALBWACHS, 2003, p. 37).

Desse modo, para Halbwachs, só se pode entender os atos de lembrar e de esquecer se percebermos suas associações com o todo social. Ele associa quadros sociais a um sistema de representações que podem ser de cronologia ou topografia, pois antecipam a lembrança fornecendo assim um sistema global de localização do passado no presente.

Essa lembrança está compreendida por sua vez dentro de dois quadros; mas um desses quadros o impede de ver o outro, e inversamente: ele fixa sua atenção no ponto onde eles se encontram, e não a tem mais o suficiente para percebê-los (HALBWACHS, 2003, p. 43).

Para o autor, os indivíduos não recordam sozinhos. Sendo as lembranças frutos desses esquemas ou quadros socialmente adquiridos, há, então, uma complexa combinação de variados quadros adquiridos socialmente no percurso do indivíduo.

Por este viés, Maurice Halbwachs, o principal estudioso das relações entre memória e história pública, trata de ampliar os estudos de Émile Durkheim sobre as funções que as representações e ideias dos indivíduos exercem no seu grupo de convívio e na sociedade como um todo. Para Halbwachs, há nas reflexões de Durkheim, um predomínio do social sobre o individual que altera os fenômenos psicológicos tais como, percepção, consciência e memória. Seu enfoque central não é a memória, mas os quadros sociais da memória, onde as relações não estão limitadas ao campo da pessoa, mas em relação à realidade interpessoal com as instituições sociais a qual faz parte.

Sendo assim, a memória do indivíduo estaria intrinsecamente subordinada ao seu relacionamento com a família, com a classe social, igreja, profissão, ou seja, grupos de convivência e de referência a qual pertença. Portanto, liga a memória da pessoa à memória do grupo, relacionada à memória coletiva, a tradição de cada sociedade.

Conforme observado, para Halbwachs, a memória é um processo psíquico vivido por indivíduos e grupos sociais. Os caminhos da memória são permeados por aspectos individuais e sociais, como um tecido formado por fios entrelaçados, que, mesmo sendo conhecidos pelas evocações das lembranças, requerem um aparato psíquico. O que lembramos e como lembramos constroem-se num movimento da demanda social e interna do sujeito. A inter-relação no meio social alimenta as lembranças individuais. Entretanto, para o sociólogo francês, é a memória do grupo (memória coletiva) que influencia a construção da memória

dos indivíduos (memória individual). Halbwachs afirma que a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros sociais. Ela está situada na encruzilhada das redes sociais diversas nas quais nos engajamos. Memória individual/autobiográfica, coletiva e histórica as vezes se misturam.

Em relação a memória coletiva e memória histórica, podemos verificar que, a memória coletiva se distingue da história em pelo menos dois aspectos. O primeiro, leva em consideração o fato de que a memória se constitui em uma corrente de pensamento contínuo, não ultrapassando os limites do grupo, ao passo que na história, se tem a impressão de que tudo passa por um processo de renovação. O segundo ponto de diferenciação para Halbwachs é que existem muitas memórias coletivas, ao ponto que se “pode dizer que só existe uma história”. Salienta Halbwachs,

[...] o indivíduo participaria de duas espécies de memória. [...]. De um lado, a de sua vida pessoal. [...]. De outra parte ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 2003, p. 53).

Memória individual/autobiográfica, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo *status* de se constituírem como memória histórica. Para Halbwachs, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (2003, p. 52). Assim,

[...] “em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; [...] A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas” (HALBWACHS, 2003, p.53).

Sobre a possibilidade de uma memória estritamente individual, Halbwachs nos mostra, através das reflexões sobre as memórias da infância, e, posteriormente sobre as memórias dos adultos, que todas são sociais. As da infância porque são impregnadas do que resulta do grupo do qual a criança faz parte mais intimamente que é a “família”. As de adulto porque devem ser compreendidas dentro de quadros sociais de pensamentos e vivências dos grupos sociais aos quais pertencemos.

[...] uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então; tão bem que por uma penetraríamos num meio no qual nossa vida já se desenrolava, sem disso nos apercebermos, enquanto que a outra nos colocaria em contato com nós mesmos ou com um eu alargado realmente até os limites do grupo que comporta o mundo da criança (HALBWACHS, 2003, p.60).

Halbwachs denominou como “memória histórica” relaciona-se às lembranças de acontecimentos passados de uma nação, ou seja, sua História nacional que, muitas vezes, se confunde com as “memórias autobiográficas”, ou individuais. Halbwachs observou que as lembranças que possuímos de acontecimentos que marcaram a memória da nação nos são lembranças emprestadas, as quais obtivemos com os testemunhos daqueles que vivenciaram esses acontecimentos. O que permanece dessas lembranças é a tradição do passado histórico nacional, as marcas de tais acontecimentos em determinados grupos sociais. Os acontecimentos históricos, nesse sentido, atuam como referenciais para nossas memórias individuais.

Desse modo, sobre o papel da história, Halbwachs concentrou-se na distinção entre memória coletiva e memória histórica, explicando que a diferença entre ambas está fundamentada na distinção entre o que é aprendido e o que é vivido pelos indivíduos. Segundo o autor,

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2003, p.60 grifos nossos).

Compactuando com essa abordagem, memória e história encontram-se entrelaçadas, mas não se confundem.

Conforme observado, Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2003) e observaremos, Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade* (1994), os autores investigam o funcionamento da memória coletiva na configuração (e releitura) das sociedades e de grupos sociais que as constituem, como família, escola, nos amigos de viagem e nos vizinhos.

A estudiosa da memória que apresenta contribuições para o presente trabalho, a psicóloga Ecléa Bosi. Em *Memória e sociedade*, ela apresenta um conjunto de narrativas que retratam o apanhado de memórias de idosos feitas a partir de entrevistas com estes moradores

de São Paulo. Bosi elabora seu trabalho a partir das reflexões de Henri Bergson e de Maurice Halbwachs (dentre outros, como Charles Bartlett e William Stern). Teoricamente falando, o trabalho está ancorado em autores clássicos. O esforço de conceituação de memória feito pela autora vai alinhando de modo singular fontes acerca da memória, desenvolvendo, assim, um estudo de psicologia social a partir da memória de idosos. Atentaremos aqui a Bergson e Halbwachs.

Em Bergson, a memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas. Halbwachs, na esteira de Durkheim, não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. Não se trata de reviver o passado tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução deste passado diante de nossas atuais possibilidades. Ninguém melhor que o velho, diria Halbwachs, para exercer a função social de lembrar.

Para fazer o trabalho, Bosi realizou entrevistas com pessoas de idade superior a setenta anos e com residência na cidade de São Paulo, tendo por objetivo registrar a voz, a vida e o pensamento desses indivíduos que dedicaram suas vidas ao trabalho. O estudo de Bosi abrange três tipos de memória (pessoal, familiar e grupal), apresentando o modo de ser do indivíduo e da cultura em que está inserido, tendo por foco a valorização de suas lembranças, de modo a perpetuar a história de suas vidas.

Bosi busca, a partir das memórias senil, repensar as questões da formação da São Paulo moderna. Conforme escreve no prefácio do livro, não se trata de “[...] uma obra sobre a *memória* nem obra sobre velho. Fiquei na intersecção dessas realidades: colhi memória de velhos” (BOSI, 1979, p. 03).

No capítulo 1 do livro *Memória e sociedade*, intitulado “Memória-Sonho e Memória-Trabalho”, a autora apresenta a reflexão a respeito de como o fenômeno da memória marca sua relação com a vida social. Para isso, a autora utiliza aquele que considera o “filósofo da vida psicológica”, Henri Bergson, que retratou a fenomenologia da lembrança em sua obra intitulada *Matéria e Memória*, cujo foco central da discussão são o tempo e memória. Bergson trata sobre como a percepção das coisas define ações e reações dos sujeitos a partir de uma pergunta: “O que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado?” (BOSI, 1979, p. 06).

Para Bosi, a “lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1979, p. 15) ou a reconstrução do passado, considerando o “fato social” e o “sistema social” sobre o fenômeno de ordem psicológica e individual. Para a autora,

Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos-sujeito-que-lembra, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os **nexos** interpessoais, falta, a rigor, *um tratamento da memória como um fenômeno social* (BOSI, 1979, p. 16, grifos e itálicos do autor).

Ao discorrer acerca da relação entre percepção do tempo e memória, Bosi demonstra como Bergson questiona a passagem da percepção das coisas para o nível da consciência. Segundo Bergson, dessa forma, está estabelecido o nexo entre a imagem do corpo e ação.

Quando o trajeto é só de ida, isto é, quando a imagem suscitada no cérebro permanece nele "parando" ou "durando", teríamos, não mais o esquema *imagem-cérebro-ação*, mas o esquema *imagem-cérebro-representação*". O primeiro esquema é motor. O segundo é perceptivo (BOSI, 1979, p. 06, itálico do autor).

Desse modo, de acordo com a leitura de Bosi, para Bergson, “ação e representação estariam ligadas ao esquema geral corpo-ambiente: positivamente, a ação; negativamente, a representação”. Assim, de acordo com ela,

No caso da "parada", em que o estímulo não determina a reação motora, abre-se a possibilidade (essencial, para o pensamento de Bergson) da indeterminação, graças à qual o pensamento “puro” é mais complexo e matizado do que a imagem resolvida imediatamente em ações (BOSI, 1979, p. 7).

A partir desse esquema, a autora demonstra como Bergson se opõe vigorosamente à percepção atual daquilo que, logo adiante, chamará de lembrança.

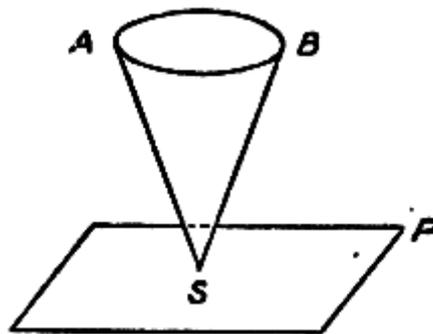
É importante frisar esse ponto, que será o nó das objeções que lhe faria a psicologia social de Maurice Halbwachs: para Bergson, o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. Todo o esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par percepção-ideia, par, nascido no coração de um presente corporal contínuo; de outro, o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito e explicado por outros meios. Essa oposição entre perceber e o lembrar, é o eixo do livro, que já traz no título o selo da diferença: matéria/memória (BOSI, 1979, p. 08).

Assim, ao colocar a relação entre perceber e lembrar, Bosi demonstra que o filósofo postula a relação entre matéria, corpo, memória e lembrança, pois a percepção que se

manifesta na lembrança está impregnada pelas imagens da memória que atuam de modo decisivo no processo psicológico. Nesse discurso da metáfora do cone,

Somos tentados, na esteira de Bergson, a pensar na etimologia do verbo. “Lembrar-se”, em francês se souvenir, significaria um movimento de “vir” “de baixo”: sous-venir, vir à tona o que estava submerso. [...]. Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossa percepção reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens”. [...] Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 09).

No trecho acima, podemos observar como a percepção se vale do passado que, de alguma forma, se conservou na lembrança, de modo que a memória se apresente, como escreve Bosi, “essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (BOSI, 1979, p.10). Aqui representamos o cone da memória para melhor entender a teoria de Bergson:



Fonte: (BERGSON apud BOSI, 1979, p. 37)

Segundo Bosi, Bergson representa através de um cone invertido a diferença entre o espaço profundo da memória (base AB representa o passado, as lembranças) e o espaço raso e pontual da percepção (S seriam as lembranças que descem para o (P) presente). Desse modo, Bergson nos possibilita compreender a memória como força subjetiva composta por representações, sejam do passado ou do presente, o nosso conhecimento e a apreensão da realidade.

Outro ponto importante do capítulo é quando Bosi, a partir de Bergson, faz a distinção entre as duas memórias: memória-hábito e lembranças isoladas.

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se A memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. [...] Graças à, memória-hábito, sabemos “de cor” os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras da etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o escrever a máquina, etc. A memória-hábito faz, parte de todo o nosso adestramento cultural (BOSI, 1979, p. 11).

Desse modo, há uma distinção de memória-hábito, que está relacionada com nossa prática do dia a dia (adestramento cultural), da imagem-lembrança (vida contemplativa), que emerge da consciência um momento ou uma situação única vivenciada em sua vida. Em seu estudo, Bergson busca compreender a correlação entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente.

Os velhos, para os quais a ação planejada e os novos aprendizados já não são mais necessidades tão prementes, não seriam, por acaso, presas alternativas ora da memória-hábito, ora da memória-sonho? O seu cotidiano não se transformaria, a ser justa a hipótese de Bergson, em uma rede de evocações espontâneas e distantes, mas atadas pelos pontos de um automatismo senil, cada vez mais rígido? Em outros termos: o velho carrega em si, mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória, que já se fez prática motora. O velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança (BOSI, 1979, p. 12).

Logo, a junção de memória e percepção que sobre as formas de lembranças sobrevive de forma consciente (no tempo presente), mesmo que em estado inconsciente.

Ecléa Bosi propõe que o “passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente no presente” (BOSI, 1994, p. 46). Para ela, a memória “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere o processo “atual” das representações” (BOSI, 1994, p. 46). Assim, o passado é construído a partir do presente, interferindo na compreensão do passado e na construção do próprio momento presente de quem analisa ou estuda produções memorialísticas.

Como um conjunto de representações que interfere em nossa percepção do passado (e do presente), a memória, para Flores é como a “reconstrução do passado se realiza através da linguagem”, (FLORES, 1972 *apud* SILVA, 2017, p.18) e consiste em,

[...] uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa

que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (FLORES, 1972 *apud* SILVA, 2017, p.18).

Bosi cita em seu livro os autores Bergson e Halbwachs e mostra como eles entendem a percepção e o movimento de guardar e rememorar. Para o primeiro a percepção perpassa pela relação corpo-ambiente, tudo que está a volta é percebido através das possibilidades corporais e assim registradas através, em um movimento só de ida ao cérebro formando uma imagem-signo, de onde viriam as representações.

Para Halbwachs, a contemplação é aquela responsável por possibilitar assimilação e por consequência construir uma memória, segue dizendo que se a memória-hábito (aquela aprendida e repetida para que a função motora seja realizada) toma lugar na vida do sujeito ele fica privado de construir, criar, assimilar memórias novas.

Para Bosi o homem que trabalha, utilizando exercício repetitivo sem qualquer grau de reflexão, este homem não tem o tempo e ambiente necessário para obter memórias interessantes, novas, que lhe dê prazer. A ele cabe envelhecer e depois recordar a juventude. O homem jovem é ativo, em geral, não se ocupa com lembranças - não tem tempo para isso. Dos jovens, a sociedade espera produção, e muitas vezes não se dá conta da violência implícita nesse processo. Dos velhos, não. Deles, espera-se a lembrança. Mas quando não se valoriza essa função social, como acontece mais correntemente, há um esvaziamento e uma desvalorização dessa nova etapa da vida.

Após apresentarmos, por meio de relevantes estudiosos, as variadas e ricas possibilidades do entendimento da memória, partiremos para a leitura crítica da obra de Victor Cunha com o intuito de perceber como o autor tricordiano elabora sua obra utilizando-se das variadas perspectivas da memória.

2. UM SIMPLES CRONISTA

2.1. Victor Cunha: perfil biográfico

Um cronista importante da cultura local, porque viveu, rememorou e quis deixar registrado sua memória individual e social e histórica, dos acontecimentos cotidianos da cidade tricordiana (tanto no sentido pessoal quanto social).

Victor Cunha, nasceu em 15 de setembro de 1929, na cidade de Três Corações, em 1929. Filho de João Ângelo Cunha e Maria José Gabriel Cunha. Casou-se em 05/05/1955 com Therezinha Pereira de Souza Cunha, (nascida em 24/01/1931, falecida em 16/11/2011), com a qual teve quatro filhos: Paulo Ricardo (17/06/1956, falecido no Rio de Janeiro, em 12/10/1958); Maria Christina (31/01/1962); Henrique (31/03/1963, falecido em 19/08/2008) e Karina (07/01/1968).

Cursou o antigo primário no colégio Bueno Brandão, 1939, e no externato N.S. Aparecida (D. Conceição Toledo) – 1940 e antigo ginásio (E.E. Américo Dias Pereira, antigo Ginásio de Três Corações) de 1941 a 1944. Formou-se como técnico em Contabilidade na Escola de Comércio Leão de Faria, em Alfenas, 1948. Exerceu a profissão de 1950 a 1957. Foi professor de contabilidade na Escola de Comércio de Três Corações (Colégio Pio XII) e no Colégio Sion, na cidade de Campanha (1959). Em janeiro de 1958, por intermédio de concurso público, seguindo a tradição dos escritores-funcionários públicos, ingressou no serviço público federal, como tesoureiro auxiliar do SAPS - Serviço de Alimentação da Previdência Social (Autarquia do INPS), em Três Corações. Com a extinção do SAPS, foi transferido como tesoureiro do INPS - Instituto Nacional da Previdência Social, hoje INSS. Com a transferência dos serviços financeiros do Governo Federal, para serem efetuados pela rede bancária, foi transferido para o cargo de auditor fiscal, fazendo cursos em Belo Horizonte para exercer o cargo na região fiscal de Varginha. Aposentou-se em 1982.

Desde cedo, Victor Cunha se interessou por música, tendo ganhado seu primeiro violão em 1941, aos 12 anos. Essa paixão pela música fez com que se ligasse às atividades artístico-culturais de Três Corações. Em 1951, fundou o conjunto *Velha Guarda*, em parceria com o sargento Cleber Cunha e com Luiz Scalioni Pereira. O conjunto apresentava-se em Três Corações, animando festas e reuniões e em outras cidades da região do sul de Minas, em Belo Horizonte, em Brasília e em São Paulo. O conjunto chegou a se apresentar na TV Globo, do Rio de Janeiro, em 1971, no programa *Alô, Brasil, Aquele Abraço*.

Em 2008, a convite do Pároco, participou, com seu violão, de missas católicas na igreja Matriz Sagrada Família e na igreja do bairro Santa Teresa. Foi coordenador da casa de música da UninCor, convidado pelo Reitor da época.

Victor Cunha faleceu 21 de março de 2014. Hoje temos, na praça central Odilon Resende de Andrade, uma estátua em sua homenagem, que foi inaugurada dia 06 de maio de 2014, assim tornou-se uma figura-monumento da cidade. No dia 15 de setembro de 2018, foi restaurada e reinaugurada.

No perfil traçado pela entrevista “Victor Cunha deixa a Rádio Tropical”, feita pelo *Jornal Três*, em 14/05/2002, podemos ter acesso a alguns dados interessantes acerca da atuação de Cunha na sociedade tricordiana.

Sabemos de seus belíssimos trabalhos à frente do Clube Três Corações – 8 anos como presidente e 12 como vice, do Atlético Clube Três Corações – 3 anos como presidente e mais de 20 como membro da diretoria do Clube –, membro do Conselho Municipal de Turismo – mais de 20 anos, chegando a ser presidente do Conselho –, fundador e dirigente do Conjunto da Velha Guarda [...], um dos fundadores da Editorart – empresa de editoração eletrônica – e na direção da Rádio Tropical por mais de 23 anos.

Como se pode ler na entrevista acima, Cunha atuou em diferentes setores da vida cultural tricordiana, chegando inclusive a ser proprietário de uma empresa de editoração. A nosso ver, ao atuar em várias instituições culturais tricordianas, bem como se exercitar em diferentes linguagens (crônica, música, fotografia, radialismo) e militar pela cultura local, Cunha foi um militante das causas culturais de sua cidade.

Esse gesto de caracterizar Cunha como um militante de causas culturais que integra um grupo de letrados locais que, na condição de produtores de símbolos (ou imagens ou representações), visa perceber que suas empreitadas culturais se relacionavam aos trabalhos de um grupo de cronistas e memorialistas. Como relatado nas últimas páginas de *Três Corações... um pouco de sua história* (CUNHA, 2012, p. 296), “Livro-Documentário [...] homenagem a você, Três Corações”, a cidade é vista por Cunha como “Terra dos poetas e historiadores [...] como Benefredo de Sousa, Darcy Brasil, Expedita Rocha, Valério Neder, Braz Chediak” que “contaram, cantaram e encantaram Três Corações”. Tal como eles, que se dedicavam a escrever sobre o passado e o presente de Três Corações, Cunha diz que “eu também conto ao meu modo, cantei e canto há mais de 50 anos” (CUNHA, 2012, p. 296).

Podemos observar que Cunha busca construir uma aproximação, sobretudo com Benefredo de Sousa (1902-1996), a quem o autor menciona em seus livros *Saudade...* (1998)

e *Três Corações... um pouco de sua história* (2012) como referência para seus trabalhos como cronista do passado tricordiano, nesses dois livros, Cunha dedica algumas páginas ao autor de *Datas e fatos da terra do Rio Verde*, de Benefredo de Souza – publicação citada pelo autor de *Três Corações... um pouco de sua história*, como fonte de onde retirou os dados que apresenta em seus livros-documentário.

Conforme Victor Cunha menciona em *Saudade...* (CUNHA, 1998, p. 142), não “poderia redigir um documentário sobre Três Corações sem fazer referência [...] a uma pessoa que sempre se dedicou a um trabalho de pesquisa [...] referente à nossa cidade”, Benefredo Sousa foi um funcionário público, proprietário de tipografia, cronista e historiador, que publicou vários livros que reúnem informações históricas e relatos sobre a cidade. Conforme cita Cunha, “com seus livros, talvez mal escritos, mas sinceros” (SOUZA, apud, CUNHA, 2012, p. 89), comenta Cunha, “sem a sua obra *Datas e fatos da terra do Rio Verde*, quase que seria impossível registrar datas neste documentário”.

Tal como seus companheiros, Cunha se empenha em resgatar a Três Corações do passado de modo a apresentá-la à atual geração de tricordianos. Com isso, buscamos sugerir que o autor tricordiano tenta se inserir e situar em uma tradição de cronistas de costumes e memorialistas local. Mas, tal como seus contemporâneos, esse gesto de resgate da memória tricordiana sempre vem acompanhado a uma crítica a símbolos da modernização e do progresso, que invadem as cidades.

Victor Cunha, era um cidadão influente e por atuar em várias instituições culturais e exercitar em diferentes linguagens como dito acima, era também professor de violão, contador de histórias (frequentador assíduo das escolas em eventos culturais) e fotógrafo (a maioria das fotos de seus livros foram tiradas por ele mesmo). Podemos dizer que Cunha era uma pessoa multifacetada, mas simples e humilde como relata em uma de suas crônicas “Graças a Deus eu não sou escritor apenas um simples cronista e saudosista, senão, teria que pendurar as chuteiras” (CUNHA, 2000, s. p). A nosso ver, ele se titula como simples cronista.

Cunha expressa em suas crônicas tanto a cultura alta como a baixa, exemplo disso é na crônica “A gente vai levando”, em que nos deparamos com um cronista elitista em relação a música, pois demonstra ter conhecimento musical apurado. Já na crônica “O presente”, ele mesmo diz não dominar literatura como vimos no trecho acima. Outro exemplo é na crônica “Na tendinha do Guilherme (14 Bis) ”, que evidencia que era bem do povo, relatando o encontro na praça, as serestas com os amigos e moradores da cidade que passavam por ali para comer uma pipoca, um churrasquinho tomar uma cerveja, escutar um samba tocado ao

vivo pela Velha Guarda. As crianças também eram bem-vindas chegando do trezinho do Edinho (um passeio de trem tradicional pela cidade). Citamos um trecho, da crônica:

[...] convidaram-me para tocar um violão com a turma da “Velha Guarda” nas proximidades da “tendinha”, todas as sextas-feiras. A turma toda aderiu ao convite e começamos a fazer uma Roda-de-Samba e uma mini seresta o que tem agradado os que ali se encontram! [...] comendo pipoca, churrasco, sambando e tomando uma “cerva” bem gelada! ” (CUNHA, “Na Tendinha do Guilherme (14 Bis)”, 2001, s/p).

Cabe mencionar que Victor Cunha não fazia distinção entre as pessoas, tratava a todos com igualdade social, sempre apoiando e incentivando os grupos musicais e eventos culturais dos menos favorecidos tendo o cuidado em oferecer atividades públicas de qualidade. Ele era o elo, a ponte que levava a cultura baixa até o centro através dos anúncios na rádio, um programa de utilidade pública que ele criou. E não ficava só nisso, era sempre convidado pelas escolas tanto da periferia quanto do centro para participar dos eventos culturais e cívicos ali realizados, como feira cultural, apresentações de teatros, gincanas, eventos musicais, de dança e recitais de poemas. Enfim, em todos os eventos culturais que as escolas promoviam para seus alunos, lá estava Victor Cunha, levando sua cultura e valorizando as culturas escolares e populares. Justifica aqui sua composição do Hino dedicada a Escola Estadual Bueno Brandão em comemoração ao centenário da escola, Cunha também é conhecido como um poeta do interior do sul de Minas.

Segundo informações de sua filha Karina a nós, Cunha esteve empenhado em vários projetos socioculturais que foram muitos: serestas e roda de samba na praça, missas das crianças na Matriz Sagrada Família aos domingos (antes da missa ele ensinava as crianças a tocar violão e órgão). Fundou o projeto coral infantil, que também se apresentava nas missas dominicais, às dez horas da manhã, que Victor Cunha conduzia com maestria. Semanalmente fazia uma visita ao Ancianato Antônio Frederico Ozanam, e, junto com outras pessoas que o acompanhavam, tocavam e cantavam para os idosos. Criou o projeto de música para deficientes visuais que funcionava no bairro Santa Teresa. Para esse projeto, Cunha desenvolveu um método de violão usando palitos de fósforo, para que os alunos conseguissem aprender a tocar com mais facilidade. Cunha estava sempre envolvido em projetos sociais para ajudar famílias carentes. Desde a época em que era diretor da Rádio Tropical, muitas pessoas carentes o procuravam para pedir ajuda e ele sempre tentava resolver esses problemas sociais, mobilizando amigos e conhecidos. Também formou vários conjuntos musicais de samba e chorinho para apresentações de sarau em clubes e escolas da cidade tricordiana.

Autor do curso de violão para harmonia funcional (de ouvido), que funcionou por dois anos em salas especiais na Galeria 18, com muitos alunos matriculados.

Assim, dada a participação na vida tricordiana, registrada no perfil acima exposto, acreditamos que caracterizá-lo como militante, não é exagero. Conforme Cunha diz na crônica “Coisas que incomodam 2...”, publicada no *Jornal Três* e, posteriormente, reunida no livro *Crônicas*, “Não tenho outra ‘arma’ a não [ser] a caneta para escrever ou a rádio para falar!” (CUNHA, “Coisas que incomodam 2...” [2000?], s/p). Era através da escrita e da Rádio que Victor Cunha expunha seus projetos e registrava os fatos históricos e relevantes da cidade de Três Corações.

Para entender a importância como dito no início desse perfil, o respeito e o carinho especial das pessoas pelo autor Victor Cunha, escreve seu amigo Antônio Henrique de Paiva, nas primeiras páginas do livro *Saudade...*, a Cunha, “A maneira de encarar os fatos, sua perseverança para liderar empreendimentos [...] é também uma preciosa lição que nos oferece a cada dia, meu caro ‘PROFESSOR DA VIDA’” (CUNHA, 1998, s/p).

2.2. Do documentário à crônica: a obra publicada de Victor Cunha

Como dito anteriormente, pode-se observar nos textos de Victor Cunha a preocupação em deixar “registrada” (palavra recorrente em seus livros e crônicas) a memória da cidade de Três Corações, a fim de apresentá-la aos tricordianos. Cunha é autor de dois livros editados, *Três Corações... um pouco de sua história* (2012) e *Saudades...* (1998), ambos classificados por ele como pertencentes ao gênero “documentário”.

Documentário, como propõe Sérgio Costa no *Dicionário gêneros textuais* (COSTA, 2009, p. 94), consiste em um gênero “informativo e/ou didático [...] não [...] ficcional [...] que faz um relato sobre pessoas e acontecimentos (históricos, políticos, culturais)”. Os livros de Cunha são referência para consulta de estudiosos da cultura local.

Já a crônica, conforme Costa é um relato “verídico ou ficcional [...] que abrange a notícia social e o mundano. Conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, histórica, etc” (COSTA, 2009, p. 80).

No livro *Saudades...*, Cunha relata que a ideia de escrever um livro narrando “o que ainda está guardado em minha memória, tudo que lembro de minha infância, de como era Três Corações” (CUNHA, 1998, p. 01), surgiu nos bastidores da Rádio Tropical, da qual era

um dos proprietários, com os amigos Heitor Paulino e Antônio Henrique Paiva.⁵ O livro apresenta várias fotos e registros da história de Três Corações, compondo um relato minucioso das pessoas que ocuparam cargos importantes na administração da cidade. Ao fim do volume, o autor salienta que “o que ficou aqui registrado não é exatamente ‘o que foi Três Corações e sim o que eu me lembro de Três Corações’” (CUNHA, 1998, p. 167), sendo “tudo o que pude recordar de minha vida, ligada a Três Corações, a música, aos amigos e principalmente ao meu trabalho e a minha família” (CUNHA, 1998, p. 165).

Neste viés as reflexões sobre o narrador e o foco narrativo podem contribuir para pensarmos as relações entre as crônicas e o documentário, tais como praticados por Victor Cunha. Segundo Lígia Chiappini Leite (1987), em comentário acerca da tipologia proposta por Norman Friedman, observa sobre o modo de como o foco narrativo aproxima ou distancia a matéria narrada em relação ao leitor,

Quanto à distância em que o leitor é colocado, pode ser próxima ou remota, ou ambas, porque esse narrador tanto sintetiza a narrativa quanto a apresenta em cenas. Neste caso sempre como ele as vê. [...] parece narrar suas reflexões políticas e suas memórias (LEITE, 1987, p. 39).

O dialogismo, para Leite (1987, p. 39) equilibra o coloquial e o literário. No caso de Cunha, o literário (que seria o trabalho de escolha e a combinação de palavras e de metáforas arranjados em uma construção textual elaborada, que é como o autor entende “literatura” dita na crônica “O presente”, analisada no capítulo 3), cede lugar ao coloquial que garante não só a comunicação com o leitor, mas o tom de conversa de seus textos. Assim, podemos perceber um empenho, por parte do cronista, em escolher um foco narrativo de “eu como testemunha”, que garante não só um tom de “fidelidade aos fatos”, afinal, há, nos textos, a pretensão em registrar o que de fato aconteceu. Tal estratégia permite que ele capte instantes da história e do cotidiano de Três Corações de modo a aproximar o passado remoto do leitor do presente, a fim de mostrar a seus contemporâneos as transformações da cidade que, ocorrerem no dia a dia, e como ele relata acima “o que eu me lembro de Três Corações” e que passaram desapercibidas.

No livro *Três Corações... um pouco de sua história*, este foi elaborado a fim de contar “um pouco de sua história e registrando dados” (CUNHA, 2012, p. 05). Logo ao início da

⁵ Paiva redige a primeira página do mencionado livro, na qual faz uma prévia bibliografia do amigo, destacando-o como um “Exímio violinista”. Além disso, Paiva relata as rodas de samba do “Conjunto Velha Guarda”, que sempre cantou o amor no bar Balalaika, além de relatar a maneira de Victor Cunha encarar os fatos, sua perseverança em liderar empreendimentos, visando ao bem-estar de todos, principalmente das famílias tricordianas. Para mais informações, ver PAIVA *apud* CUNHA, 1998.

publicação, o autor resume o projeto com o seguinte verso, da citação de Casimiro de Abreu⁶, no poema *Minha Terra*, [mudando apenas a terceira linha da primeira estrofe “Nas débeis cordas da lira” para “Nos dedilhados nostálgicos de meu violão”, pois Cunha tocava violão], o poema demonstra uma das características do Romantismo é justamente a valorização do nacional, da terra do poeta, o Brasil, e Cunha deseja valorizar sua terra, a cidade de Três Corações,

Todos cantam a sua terra,
Eu também vou cantar a minha
Nos dedilhados nostálgicos de meu violão
Hei de fazê-la entre todas, a Rainha (CUNHA, 2012, p. 04).

Para “cantar sua terra” com “sua música nostálgica” (CUNHA, 2012, p. 296), o autor busca “mostrar fotos e levar ao conhecimento de todos tricordianos fatos importantes” (CUNHA, 2012, p. 05), com a finalidade de narrar a história da cidade. Para isso, Cunha reúne dados “biográficos dos primeiros dirigentes, intendentes, Agentes Executivos, interventores e prefeitos” apresentados em publicações como *Datas e fatos da terra do Rio Verde*, de Benefredo de Sousa, a fim de apresentar “algumas de suas obras para o desenvolvimento de Três Corações, desde 1884, data de sua emancipação política” (CUNHA, 2012, p. 05).

Neste livro *Três Corações... um pouco de sua história*, ao relatar a revolução de 1930, que envolve a cidade de Três Corações, Cunha aprofunda o assunto, abarcando a história do Brasil. Ao escrever sobre o governo de Getúlio Vargas e sobre a revolução Constitucionalista de 1932, o saudosismo e o patriotismo do autor se expressam em vários momentos, em particular na passagem a seguir, quando diz que “se não fosse o exército eu não teria o **privilégio** de ter nascido aqui, poderia ter nascido em outra cidade! **É fria!!!**” (CUNHA, 2012, p.107, grifos nossos).

Além disso, observamos, no livro *Três Corações... um pouco de sua história*, que Victor Cunha repete fatos já relatados no próprio livro como, por exemplo, na página 117. Ao mencionar “dois fatos importantes...”, ele escreve sobre uma explosão ocorrida na rede ferroviária, já relatada nas páginas 34 e 35. Outro exemplo consiste na crônica “O exército Brasileiro e Três Corações”, que se repete nas páginas 105 e 112.

⁶ MINHA TERRA, Casimiro de Abreu: Todos cantam sua terra / Também vou cantar a minha / Nas débeis cordas da lira / Hei de fazê-la rainha.

Fato interessante é que na página 140, Victor Cunha intitula o livro de “Artigo”, e repete uma frase que aparece ao final de quase todas as crônicas reunidas no volume inédito *Crônicas*: “Até outro dia se Deus quiser! ”. Seu saudosismo se faz evidente, quando diz que:

Este foi um pequeno resumo da primeira fase do cinema em Três Corações, a qual foi sufocada pelo surgimento da televisão e pelas locadoras de filmes em vídeos cassete [...] Resultado: praça vazia, cinema vazios, bares vazios!!! (CUNHA, 2012, p. 188).

Outro ponto a ser mencionado sobre o livro *Três Corações... um pouco de sua história* são os erros gráficos presentes na publicação, bem como as datas erradas, como no caso da inauguração da Escola Municipal Maria Laura, na página 62 – a data mencionada pelo autor é 27/05/1961, sendo que o certo é 1997, e na página 205 é informada a data de 2978, sendo que, ao que tudo indica, o correto é 1978. Além disso, algumas fotos foram editadas nas páginas erradas, onde o assunto tratado é outro, como no caso das fotos do banco do Brasil, nas páginas 214 e 215. Após relatar a história do Banco do Brasil no capítulo 14, na página 199, as fotos aparecem no capítulo 15 – quando o assunto é a rádio em Três Corações.

A leitura dos textos reunidos no volume *Crônicas de Victor Cunha* (publicados, como veremos no terceiro capítulo, entre 2000 e 2002) que foram elaborados a partir dos registros coletados do livros-documentários *Saudade...* (1998) e acreditamos que deste para elaboração do livro *Três Corações... um pouco de sua história* (2012) – sendo que algumas crônicas aparecerão reelaboradas, para publicação no *Jornal Três*.

3. “APRESENTAR TRÊS CORAÇÕES AOS TRICORDIANOS”: ANÁLISES DAS REPRESENTAÇÕES DE TRÊS CORAÇÕES NO LIVRO INACABADO *CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA*

3.1. Um livro inacabado

Crônicas de Victor Cunha é composto por 29 crônicas, com duas repetidas, totalizando vinte e sete textos, quase todas publicadas no *Jornal Três*, de Três Corações. O livro está digitado e encadernado, preparado para ser editado, o que não ocorreu porque Victor Cunha faleceu antes.

As crônicas que integram o volume foram publicadas entre os anos de 2000 a 2002, sendo a maior parte produzida entre janeiro e fevereiro de 2001. Das vinte e sete crônicas, não foi possível precisar a data de seis dos textos.

O livro inicia com a crônica “Na tendinha do Guilherme (14 Bis)” e termina com “O dinheiro no Brasil”. O livro não dispõe de prefácio nem de índice e suas páginas não estão numeradas. Também não há a data nesta encadernação em que foi preparado. Para precisar as datas das crônicas, tivemos acesso a um dvd, repassado por Luiz Antônio Maia (conhecido em Três Corações como “Cientista”), editor do *Jornal Três*, que era amigo de Cunha. No dvd, consta, além dos dois livros publicados por Cunha, um livro inédito sobre o Atlético de Três Corações e uma pasta intitulada “Colcha de retalhos”. Nela, há um total de 112 crônicas publicadas por Cunha no *Jornal Três*. Dessas, vinte e uma constam no volume entregue por Karina, filha de Cunha, para nós. Ao observarmos as vinte e sete crônicas do livro, propomos estudar o aspecto memorialístico do livro de Cunha, isto porque sua grande maioria trata do tema da memória, aspecto central da obra do escritor tricordiano.

No total, seis dessas crônicas não constam na pasta “colcha de retalhos” do dvd. São elas: “Obras do hospital São Sebastião”, “A seresta e a praça”, “Coisas que incomodam...”, “Coisas que incomodam 2...”, “O presente” e “Um novo tempo”. Curiosamente, essas são exatamente as crônicas que não conseguimos datar, exceto “O curral eleitoral – O eleitor de cabresto!”, que consta no dvd, porém não possui data.

No que concerne à linguagem dos textos, observamos uma familiaridade de Victor Cunha com seus leitores que fica expressa sempre no final de algumas de suas crônicas com a frase: “Até outro dia se Deus quiser!”, que expressa a ideia de um encontro marcado na coluna do cronista no jornal, uma vez que o autor sabe que vai escrever novamente ao seu leitor. Isso nos remete a Jorge de Sá quando diz: “Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa

desestruturada, solta, mais próxima da **conversa entre dois amigos** do que propriamente do texto escrito” (SÁ, 1992, p.11, grifos nossos).

Tal aspecto, como o uso do coloquialismo como um diálogo entre o cronista e o leitor, também se observa nas outras crônicas, em que Victor Cunha faz uma saudação ou termina com um ditado. Na crônica “O calçadão”, por exemplo, escreve: **É uma ideia!**; na “Tricordianos importantes e inesquecíveis”, consta a frase **Até lá se Deus quiser!** Na crônica “Coisas que incomodam...”, observamos o desfecho: **É só descuidar que o cachimbo cai.** Nas “Coisas que incomodam 2...”, o autor finalizar a crônica da seguinte maneira: **Vamos ver se com esses lembretes alguma coisa poderá ser feita, futuramente!**

Como podemos notar, algumas das construções que Cunha usa para finalizar as crônicas, além de recorrerem a ditos populares, se mostram como formas encontradas para criar familiaridade e interagir com seu leitor, assim como apresentam um ar crítico, pois demonstram a preocupação do cronista com o futuro da cidade de Três Corações. Frisam também o anseio por melhorias políticas e sociais em prol do bem-estar da população tricordiana. Na crônica “O exército Brasileiro e Três Corações”, consta a frase [...] **A esperança é a última que morre!!!**; na crônica “O Jorge Resck e o teatro...”, o autor diz que [...] **Sonhar não custa nada!!!!**, em alusão ao seu desejo de que a cidade tivesse um conservatório. Por sua vez, na crônica “Um novo tempo”, vemos o dito popular: **Cada macaco no seu galho.** E, para terminar a crônica “O natal sua origem e tradição”, usa a saudação **Feliz Natal e Próspero Ano Novo**, que também demonstra um tom de conversa íntima com o leitor.

Pode-se notar que nos textos de Cunha ocorre a apresentação do que ele pensa e sente sobre um aspecto objetivo do real (aspectos de Três Corações). Assim, a cidade natal é o ponto de partida de suas crônicas, apresentando-se como signo desencadeador das formas concretas de seu discurso cujas relações de sentido são de natureza factual (a Velha Guarda, conjunto musical do qual era integrante, o bar Balalaika, onde frequentemente eram realizadas as apresentações musicais, a Escola Estadual Brandão Bueno, que tem Cunha como o autor do hino Centenário, etc.). Nesse gesto, percebe-se uma vontade de registrar esses elementos de modo a poupá-los da ação do tempo, a fim de que as próximas gerações tomassem conhecimento do que existiu.

Contudo, observamos nas crônicas que Victor Cunha busca resgatar a memória do cotidiano de Três Corações por meio de sua percepção do passado e do presente da cidade. Essa visão saudosista, mencionada anteriormente, está presente na grande maioria dos textos, expressa um sentimento de perda, fruto das “consequências do progresso”, da urbanização da

cidade e da conseqüente modernização dos costumes. Tais assuntos permitem tipificar Victor Cunha como praticante das crônicas de cotidiano, de costumes e histórica/memorialística.

Além dos pontos acima, podemos observar que o autor vai tecendo uma imagem própria ao escrever suas crônicas se colocando “humildemente” como um escritor simples e saudosista, expressando um sentimento de perda pelo que nunca será recuperado. Sua pretensão maior é deixar a história de Três Corações viva na memória das pessoas.

Outro ponto que chama atenção nos textos é o recurso ao ponto de vista do narrador/testemunha, pois essa maneira de ver o mundo implica na forma de como os acontecimentos atuam sobre ele para, depois de narrados a partir do ângulo escolhido, atuarem sobre o leitor. O diálogo entre o narrador e o interlocutor virtual dependerá do foco narrativo estar na primeira pessoa, na terceira ou numa falsa terceira pessoa (quando percebemos que, embora se coloque externamente, o cronista está incluído na narrativa).

Dentre os 27 textos do livro, destacamos a crônica “O presente”, na qual o autor apresenta um relato das impressões despertadas pela leitura de um livro. Nessa crônica, Victor Cunha relata o dia em que ganhou de presente um livro de seu amigo Valério Neder, *Movimentos Essenciais* de autoria do “grande” Luis Morais Matos Pereira, como Victor Cunha o descreve na crônica. “Que trabalho magnífico, da capa a contracapa [...] pude ler textos maravilhosos e ver fotos que encantam e emocionam qualquer pessoa! O prefácio [...] enche a gente de inveja” (CUNHA, “O presente”, 2000, n.p).

Cunha relata a leitura do livro que o deixa maravilhado, levando-o a escrever que a publicação “é uma obra maravilhosa, digna dos mais altos elogios! Todo brasileiro, principalmente os tricordianos, devem adquirir um exemplar do livro *‘Movimentos Essenciais’*. Ele é simplesmente sensacional” (CUNHA, “O presente”, 2000, n.p).

Ao comentar suas impressões da leitura do livro *Movimentos Essenciais*, pode-se notar que Victor Cunha diferencia sua prática da escrita (a crônica) do que lê no livro. Chamam atenção dois momentos: quando ele fala sobre o prefácio do livro, um texto que demonstra “conhecimento profundo de literatura, o que nunca aconteceu comigo (só lia Gibi e livrinho de faroeste)”; e quando elogia a autora do prefácio por “redigir bem”. (CUNHA, “O presente”, 2000, n.p).

Isso pode ser observado em trecho no qual, ao elogiar o prefácio do livro, feito por Alitta Guimarães Costa Reis Ribeiro da Silva, ele diferencia a linguagem que emprega da utilizada por Alitta – que ele chama de literatura –, colocando-se como cronista. Vejamos trecho do prefácio, citado por Cunha para, a seguir, observarmos a reflexão feita.

As palavras são como a pintura, uma imitação da realidade, **dizia Crátilo, mestre de Platão**. “**As palavras pesadas abafam a ideia leve...**” disse **Olavo Bilac, no poema “Inania Verba”** (SILVA. 2000, p.5, grifos nossos).

O prefácio [...] **enche a gente de inveja** (a gente que se mete a escreve [sic] crônicas), pois **demonstrou conhecimento profundo de literatura, o que nunca aconteceu comigo** (só lia Gibi e livrinho de faroeste); vai **redigir bem** assim lá na Conchinchina! (CUNHA, “O presente”, 2000, s.p, grifos nossos).

Nos dois trechos acima, vemos que Alitta Silva cita dois autores da tradição literária ocidental: Platão e Olavo Bilac. Para Victor Cunha, citar autores como esses é uma demonstração de “conhecimento profundo de literatura”, que ele declara não ter, pois só lia gibis e livrinhos de faroeste. Ou seja, para Cunha, o conhecimento literário está relacionado ao conhecimento da tradição literária e à citação de expoentes da literatura brasileira e ocidental.

Outro ponto que merece destaque: além de dizer não ter conhecimento da grande literatura, Cunha também faz menção à linguagem da autora, ao mencionar como uma das qualidades do prefácio o fato dela redigir bem. Ao relacionar essa característica do texto de Alitta Silva e compará-la com sua linguagem, podemos dizer que, para Cunha, literatura estaria relacionada a uma linguagem elaborada. No trecho abaixo, o autor se caracteriza como cronista, apresentando aspectos de sua linguagem que a diferenciam da linguagem empregada pela autora do prefácio.

[...] e debaixo do chuveiro, fiquei pensando: ‘graças a Deus eu **não sou escritor, apenas um simples cronista e saudosista**, senão teria que pendurar as chuteiras!’; mesmo assim, resolvi escrever este artigo. Peço desculpas pela **liberdade de empregar expressões populares para me referir a uma obra tão importante**, porém, elas saíram do fundo do meu coração (CUNHA, “O presente”, 2000, s.p, grifos nossos).

Ao relacionar esse trecho ao anterior, Victor Cunha apresenta um conceito de literatura como “redigir bem”, ideia contrária à sua prática como cronista, que consiste em “empregar expressões populares” para elaborar um texto simples. Para ele, escrever literatura só é possível a partir de um conhecimento profundo de literatura, que ele declara não ter. Entretanto, se compararmos as características que ele expõe sobre a crônica (uso de expressões populares), observamos que, para um cronista autodidata, ele não se distancia muito dos conceitos expostos aqui sobre crônica. Contudo, a diferença que ele estabelece entre crônica e literatura leva a uma questão: a crônica não é literatura?

Como comentamos anteriormente para Bender e Laurito (1993, p. 50) a crônica, por pertencer ao jornalismo e à literatura, caracteriza-se por uma ambiguidade que não aparece

em outros gêneros. Também há outros tipos de crônicas, é o caso da crônica policial, social, esportiva, de moda, por exemplo.

Entendemos que a diferenciação feita por Cunha entra em contradição com aquilo que a crítica e a teoria literária dizem, pois conforme lemos em Jorge de Sá, “a crônica também é literatura” (SÁ, 1992, p. 7-10). A crônica de Cunha se apresenta, então, como um registro circunstancial feito por narrador/observador que reúne e relata memórias do cotidiano. Parece que, para Cunha, a diferença entre crônica e literatura reside mais no modo de escrita (o primeiro é simples, o segundo, complexo) do que entre o relato de fatos reais e a recriação deste pelo cronista/escritor.

3.2. Aspectos da memória nas crônicas de Victor Cunha

Para prosseguirmos com o estudo de como Victor Cunha tenta empreender um resgate do passado a partir do tempo presente, buscamos articular as reflexões de Le Goff, Rossi, Ricoeur, Bosi e Halbwachs, feitas no primeiro capítulo, com os subsídios presentes nos trabalhos da historiadora da cultura Sandra Jatahy Pesavento (2002 e 2004a), que apresentam duas contribuições significativas para nossa pesquisa: 1) uma reflexão sobre o papel da memória (seja ela individual ou coletiva) na reconstituição do passado; 2) e como as crônicas constituem fontes de representação histórica e literária. Para a historiadora, tais textos são um meio privilegiado de se investigar o imaginário urbano, pois permitem pensar como as pessoas constroem interpretações do passado a partir das imagens da cidade elaboradas no presente. Conforme propõe Pesavento,

Nosso ponto de partida se insere no que chamaríamos de história cultural do urbano e que se propõe a estudar **a cidade** através de suas representações. Entendemos ser esta uma fascinante proposta para o nosso final de século, quando a cidade se coloca, mais do que nunca como desafio, sendo **o lugar** — por excelência — **“onde as coisas acontecem”** (PESAVENTO, 2002, p.8, grifos nossos).

No primeiro capítulo do livro *O imaginário da cidade* (PESAVENTO, 2002), que é um capítulo metodológico, a autora apresenta os conceitos que utiliza para identificar o que ela chama de imaginário/cidade moderna. No caso, Paris é a imagem referência de cidade moderna que vai ser desejada (e imitada) por brasileiros do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Como hipótese de trabalho, Pesavento visa demonstrar, a partir da leitura de crônicas feitas por cronistas das cidades francesa e brasileiras e como Paris foi o modelo de cidade moderna no século XX.

Para executar sua proposta, a autora utiliza vários teóricos da história cultural no decorrer desse capítulo, colocando em questão a visão de cada um deles sobre os modos de acessar o passado e a cidade, com o intuito de construir o caminho metodológico que irá adotar em sua leitura das representações do imaginário do urbano. A autora trata das cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Paris, com ênfase nos cronistas de Porto Alegre. De acordo com a historiadora, cada um dos cronistas investigados apresenta um imaginário do que entendem por cidade, passado, crônicas, memórias, estando inseridos em um grupo social que apresenta um projeto para a cidade. A autora se utiliza de diferentes cronistas para demonstrar diferentes possibilidades de leitura do espaço urbano, bem como diferentes contextos e possibilidades de trabalho com crônicas para escrita da história. Assim, a cidade é um espaço que permite observar os homens e seus modos de vida, como imaginam a si mesmos e o contexto em que vivem.

Em sua leitura, a historiadora salienta que “a história e a literatura corresponderiam a maneiras diferentes de ‘dizer a cidade’, ou a esforços para representá-la” (PESAVENTO, 2002, p.11). Como formas narrativas, a literatura se difere da história por não apresentar um esforço em documentar o real fielmente, mas a partir de uma perspectiva inventiva, que parte da realidade para recriá-la de maneira mais (ou menos) verossímil. Desta maneira, sendo a crônica um gênero híbrido, ela apresenta um diálogo entre uma perspectiva literária, de invenção, como também de registro histórico dos acontecimentos e dos fatos. Assim, a nosso ver, Victor Cunha tem sua maneira própria de dizer a cidade de Três Corações, usando em seus livros e crônicas várias linguagens para registrar e construir representações do passado, tais como a fotografia (muitas tiradas por ele mesmo), os mapas das ruas (presente em um de seus livros), as crônicas, a música e também a publicidade, registrando fatos históricos.

Para acessar esse tempo já transcorrido, o historiador precisa se valer de representações da época, que “documentam o real”, sejam elas de escritores, cronistas, de poetas, de arquitetos ou mesmo de historiadores, cabe mencionar que um dos escritores que Cunha se vale para dar corpo a seus textos é Benefredo de Souza, como já citado neste presente trabalho. Tal tarefa é extensa, como lembra Pesavento:

[...] se trata de recolher, cruzar, comparar e relacionar todas as variáveis e registros a fim de construir uma narrativa que tenha o efeito de real, **que dê uma versão do "passado" o mais próximo possível do que teria "verdadeiramente acontecido"** [...] (PESAVENTO, 2002.p.11, grifos nossos).

Pesavento, além de abordar vários cronistas de Porto Alegre para demonstrar as diferentes percepções da cidade por autores de diferentes contextos históricos, usa também as diversas possibilidades de leitura e de escrita da história que a crônica urbana oferece.

Já no artigo “Crônica: fronteiras da narrativa histórica” (PESAVENTO, 2004a), a autora sugere que a crônica pode ser lida em três frentes: como **registro**, como **fonte** tanto à crítica literária como à investigação histórica e como uma **leitura sensível do tempo**. Ou seja, a partir de como cada cronista percebe e registra o cotidiano e as transformações da cidade em que vive. Importante ressaltar, na citação a seguir, a conceituação de crônica empregada por Pesavento em sua reflexão:

[...]. Trataremos a **crônica** na sua acepção contemporânea, ou seja, aquela **narrativa curta, difundida pelos jornais, frente a um mundo transformado pela modernidade urbana e pelos meios de comunicação de massa**, tal como se processou na civilização ocidental a partir do século XIX. Nesta instância, **a crônica é aquele artigo de consumo diário, rápido e preciso**, que se apresenta como **produto a ser consumido por um público leitor de jornal** (PESAVENTO, 2004a, p. 63, grifos nossos).

Conforme podemos observar, Pesavento constrói uma leitura da crônica como registro do tempo, do fato cotidiano e da sensibilidade de quem o percebe. Como registro narrativo de um contexto histórico, a fonte pode ser utilizada pelo historiador (ou pelo crítico literário) como fonte narrativa para reflexões sobre o passado para compreender o presente em que se situa o analista. Citamos outro conceito segundo Pesavento:

[...] Antonio Candido (1992) chamou a crônica de relato da vida ao rés-do-chão, e, em determinado ensaio, **nós a analisamos como uma leitura sensível do tempo** (Pesavento, 1997). Tais reflexões sobre a crônica nos remetem, imediatamente, à sua **capacidade de registro do cotidiano e das sensibilidades**, o que a tornaria, por assim dizer, **uma fonte muito rica e especial para o historiador**, sobretudo se este estiver interessado em acessar as formas pelas quais os homens, em um outro tempo, construíam representações sobre si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2004a, p. 63, grifos nossos).

A partir dessa proposta, a crônica é vista, portanto, como fonte de registro do passado a ser usada para escrita da história cultural de uma cidade. É interessante notar, conforme apresentamos no capítulo anterior, a palavra “registro” é recorrente nos livros e crônicas de Cunha, que a emprega para manifestar seu gesto de inventariar os fatos e acontecimentos da cidade de Três Corações para que não se percam com o passar do tempo. Para isso, o autor investiga suas memórias (e as dos outros que conhece), objetivando registrar o que marcou a história da cidade deixando assim essa fonte narrativa, suas crônicas. Ainda segundo

Pesavento, “[...] tratamos a história como o lugar onde se formula a questão e se elabora um discurso, o qual se vale da crônica como uma fonte narrativa” (PESAVENTO, 2004a, p. 63).

Retomando a proposta de leitura de Sandra Pesavento, relacionando-a às reflexões de Le Goff, Rossi, Ricoeur, Bosi e Halbwachs, justificamos a escolha das crônicas de Victor Cunha selecionadas por serem aquilo que a historiadora classifica como crônica memorialística. São elas “narrativas memorialísticas, quase sempre baseadas, na maioria dos casos, na experiência e nas recordações de alguém que viveu, viu e ouviu um outro tempo” (PESAVENTO, 2004a, p. 70). Essa citação vai ao encontro com o trabalho do autor Victor Cunha ao escrever suas crônicas e livros.

A seguir faremos a análise das crônicas “memorialísticas” constantes no livro inacabado que é o corpus desta pesquisa e dividimos este item 3.2 do capítulo, em três partes, a saber: 3.2.1. História da cidade nas crônicas de Victor Cunha; 3.2.2. Registrando pessoas importantes na visão de Victor Cunha; 3.2.3. Elementos culturais nas crônicas de Victor Cunha. Nestes tópicos, percebemos a importância que Cunha emprega ao reviver e solidificar a memória da cidade, respeitando a diversidade cultural, narrando suas lembranças, dos festejos e dos acontecimentos da cidade, despertando a curiosidade de quem deseja conhecer Três Corações e alguns habitantes que ganharam destaque em suas crônicas.

3.2.1 História da cidade nas crônicas de Victor Cunha

Fazer história, participar da história, viver a história e perceber que a história é parte integrante de nossas vidas, acreditamos que por meio dessas perspectivas, Cunha mostra que as histórias de nossas vidas se confundem com a de nossa cidade, compreendendo a nossa origem, nossa identidade e a diversidade cultural que constrói o nosso município.

As crônicas memorialísticas analisadas aqui assinalam a diferença entre o tema/objeto da recordação, tal como era no passado, e o tempo da narrativa, o presente, onde se realiza o ato de rememorar. De acordo com a historiadora, Pesavento, não “raro, esta diferença no tempo é qualificada e, muito frequentemente, é julgada como uma perda” (PESAVENTO, 2004a, p. 70).

Tais afirmações auxiliam, por exemplo, a compreender o passado evocado por Victor Cunha, o passado não poderia deixar de existir, vejamos no trecho a seguir da crônica “Um triste ‘slogan’”, publicada em 16/01/2001:

Isto tudo foi substituído pelos sorvetes Kibom, pelos brinquedos eletrônicos, pelo vídeo-game e pelos filmes da Televisão [...]. Vejam quanta coisa boa acabou, umas às vezes voltam, como no caso do Atlético, outras foram substituídas, alguma coisa nova surgiu, mas, o que é bom mesmo “neca de pitibiribas”, **ficou no Século passado!**

Infelizmente, são consequências do progresso! (CUNHA, “Um triste ‘Slogan’” 2001, s/p grifos nossos).

No trecho acima, o cronista lamenta o processo de substituição de produtos locais (como sorvetes caseiros e brinquedos e brincadeiras), de lugares de lazer (como o cinema) por diversões e produtos mais recentes – os sorvetes caseiros pelos da Kibon, as brincadeiras de rua pelo videogame e o cinema pela televisão. Tal processo de substituição do obsoleto que **“ficou no Século passado!”** pelo novo é visto negativamente pelo autor como lamentáveis consequências do progresso.

Quanto a narrativa, Cunha narra como protagonista as histórias da cidade, conforme observado por Pesavento.

[...] a crônica memorialística partilha, com a História, esta propriedade de reconstrução do passado pela narrativa, dando a ver uma temporalidade que só pode existir pelo esforço da imaginação. Há uma **construção imaginária de uma temporalidade passada, que se apresenta como verossímil pela autoridade da fala/narrativa daquele que rememora e se apresenta como testemunha de seu próprio relato** (PESAVENTO, 2004a, p. 71-72, grifos nossos).

Para Cunha, a cultura e história de Três Corações é uma percepção nostálgica, saudosista. Tal olhar para o passado faz pensar que Victor Cunha se comporta de modo semelhante ao cronista de Porto Alegre, citado por Sandra Pesavento, Achylles Porto Alegre, uma vez que ambos apresentam características muito semelhantes quanto ao saudosismo e certa melancolia. Achylles foi um cronista nostálgico assim como Cunha. Ele foi filósofo, educador, historiador, político, jornalista, funcionário público em Porto Alegre, o gaúcho é tido como uma figura fundamental para a literatura do Estado. Na leitura de Pesavento,

Achylles Porto Alegre foi, no caso, um cronista que deixou inúmeras narrativas deste tipo [crônicas memorialísticas] sobre a capital gaúcha. Lamentando as transformações da cidade, que a deixavam, por vezes, irreconhecível para aqueles que haviam vivido um outro tempo, o tom nostálgico do cronista confere ao passado uma valorização positiva, face às perdas trazidas pelo presente (PESAVENTO, 2004a, p.70).

Tal como Victor Cunha, a valorização do passado, do tempo vivido outrora, e era para o cronista Achylles irrecuperável, que se defende e escreve,

Quer queiram, quer não queiram, **eu revivo, porque recordar é viver**, trechos e lances de vida já vivida. **Recordar** é retomar ao que se foi, **é voltar ao passado** e ficar nele por instantes, vendo com os olhos da memória as coisas como eram então, embora já não existam ou estejam transformadas [...]. **É verdade que o progresso**, na sua faina transformadora, **muda o aspecto aos seres e às coisas, mas eu, quando quero, vejo tudo como era ao tempo em que, moços**, com a alma e o coração cheios de poesia, olhavam a vida através de uma opala risonha (PESAVENTO, 2004a, p. 71, grifos nossos).

Ou seja, a reconstrução imaginária do passado por um olhar saudosista muitas vezes revela um medo: a insegurança diante do novo, do presente que vem tomando conta a cada dia. Assim, para um saudosista, a atualidade é uma ameaça às coisas que ficaram para trás e que eram boas. Conforme poderemos ver, igualmente como Achylles Porto Alegre, Victor Cunha expressa essa nostalgia na maioria de suas crônicas.

Para endossar, cabe mencionar aqui esta afirmação de Bosi: “Na realidade, não há percepção que, não esteja impregnada, de lembranças” (BOSI, 1979, p. 08). Pois, como diz a crítica, “perceber é lembrar”. Isso significa que toda a percepção está impregnada de lembranças. Percebemos o saudosismo que Victor Cunha sente, pois tem na lembrança o passado como algo positivo, que se contrasta com o presente, visto como negativo. O passado que existe em sua memória é ressentido no presente. Portanto, é a lembrança que faz reviver o passado. É a reconstrução do passado no presente.

Ainda em “Um triste ‘slogan’”, o sentimento de “nostalgia” e “saudosismo” aparece para deixar claro que o “slogan” mencionado no título aponta fatos que têm se repetido na história da cidade da metade do século XX em diante, o desaparecimento de hábitos, lugares culturais e de reunião da população.

Há pouco tempo houve um slogan atribuído à Três Corações: "Três Corações, a cidade do já teve". Quando um tricordiano ouve este slogan pela primeira vez, é claro, deve ficar triste, aborrecido, pois é mesmo de se lamentar o que falam de nossa terra! Hoje, porém, depois de raciocinar um pouco, chega-se à conclusão que o referido slogan registra bem o que vem acontecendo com Três Corações nestes últimos anos ...”já teve” o Atlético, as Escolas de Samba, as Festas Juninas, O Chalé, a Esquina do Samba, os Festivais de Músicas, os Pic-nics, o Clube animado todas às noites, a Sede do Canto Rio, bem animada, o rink de patinação do Badia, hoje Arabeer, os seriados nas Sextas feiras nos Cines Santa Cecília, São Miguel, Cine Zuza, Cine da Es.S.A, o Salão de Sinuca do Tio Tufi e do Salomão Naback, O Bar Balalaika, Bar Paratodos, Pingüim, Bar do Ponto, Bar Globo ou Ok, a Nestlé, as Retretas na praça e as Serestas com o Alvaro Arcanjo e Sô Minguinho, A Chegada de Papai Noel, O Reveillon com Banda e Foguetório, O Encontro de Folias de Reis, a Seresta Comemorativa do Dia

da Cidade, as Rodas de Samba com a Velha Guarda, [...] (CUNHA, “Um triste ‘slogan’”, 2001, s/p).

Conforme observado o ‘slogan’ “**Três Corações, a cidade do já teve**” se refere a vários eventos na cidade que hoje não ocorrem mais, como narra Cunha nesta crônica, aqui fica claro a abordagem do cronista memorialista, nostálgico e saudosista.

Outro exemplo de como Cunha registra o passado no presente de suas crônicas pode ser observado no trecho a seguir ainda na crônica “Um triste slogan”, em que relata os horários em que o trem da Rede Mineira de Viação passava pela cidade. No caso, é interessante perceber como a passagem do trem carrega um sentido simbólico e representa o compasso do próprio tempo, como se fosse um relógio que organiza a vida da população tricordiana.

Já faz algum tempo que o apito da Rede Mineira de Viação silenciou, **aquele tradicional apito que durante muitos anos nos orientava quase que o dia inteiro!** Ele apitava nos dias úteis, nos seguintes horários: às 6:30 h., às 6:45 h., às 7:00 h., às 11 h., às 12 h, 12:30 h., 12:45 h. e às 16:30 h, se não me falha a memória! Este apito, de grande utilidade pública [...] (CUNHA, “Um triste ‘slogan’”, 2001, s/p, grifos nossos).

Vejamos outro trecho da referida crônica e observemos como o autor enumera também elementos de sua infância, para reconstruir a recordação de um tempo passado que jamais esquecerá:

Nos meus tempos de criança, - **lembro Ataulfo Alves** -, os brinquedos eram a Roda de Pião, bolinha de gude, jogo botões nas calçadas, - outra vez Ataulfo Alves -, as peladas, jogo de betes, jogo de maré, pular corda, acusada, carneirada, uma na mula, colecionar marcas de cigarros e de caixas de fósforos, o estoque com cascas de laranjas, tico-tico fuzilado e o inesquecível estilingue, que era feito com um gancho de jabuticabeira e tiras de elástico de câmara de ar de automóveis! **Jamais esquecerei** os seriados das sextas-feiras [...] (CUNHA, “Um triste ‘slogan’”, 2001, s/p, grifos nossos).

Em consoante com a citação, Cunha estabelece uma relação intertextual com a canção *Meus Tempos de Criança*, de Ataulfo Alves. Vejamos:

Eu daria tudo que tivesse
Pra voltar aos **tempos de criança**
Eu não sei pra que que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança

Aos domingos missa na matriz

Da **cidadezinha onde eu nasci**
 Ai, meu Deus, **eu era tão feliz**
 No meu pequenino Miráí

Que saudade da professorinha
 Que me ensinou o beabá
 Onde andará Mariazinha
 Meu primeiro amor onde andará?

Eu igual a toda menina da
 Quanta travessura que eu fazia
 Jogo de botões sobre a calçada
 Eu era feliz e não sabia.⁷

Nessa canção, como podemos observar, há uma evocação saudosista do passado exposta pelo desejo de “**voltar aos tempos de criança**”. Na letra, podemos perceber que a voz poética faz um trabalho de rememoração da “**cidadezinha onde eu nasci**”, e na qual viveu experiências importantes, lembranças que “**não sai da gente**”. Esse diálogo é significativo, pois salienta o caráter saudosista dessa crônica de Victor Cunha (bem como de outras). Essa tópica da “**saudade**” também está sempre presente em outros textos da literatura brasileira, sendo o poema *Meus oito anos*, do poeta romântico Casimiro de Abreu, um dos mais representativos. Vejamos um trecho do poema:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!⁸
 [...]

 Oh! dias de minha infância!
 Oh! meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!
 [...].

Casimiro de Abreu, no poema, apresenta a infância como um tempo doce, idealizado, um tempo de encantamento que serve também como fuga da realidade do presente, “**das mágoas de agora**”. Ao construir a “**aurora da minha vida**” a partir de um olhar de saudade e nostalgia que “**os anos não trazem mais**”, o poeta, de certa forma, fala da perda da

⁷ ALVES, Ataulfo. Meus tempos de criança. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ataulfo-alves/meus-tempos-de-crianca.html>>. Acesso em 30 de out. 2019. Grifos nossos.

⁸ ABREU, Casimiro. Meus oito anos. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/livros/meus-oito-anos/>>. Acesso em 30 de out. 2019. Grifos nossos.

inocência que não pode ser recuperada. Assim, ao tratar da “**infância querida**”, ele parece tentar esquecer realidade que jamais voltará.

Assim, ao evocar Ataulfo Alves, Cunha dialoga com certa tradição saudosista da cultura brasileira, que tem, no poema de Casimiro de Abreu, um de seus representantes. Desse modo, o que se percebe, nos textos de Cunha apresentados, é um caráter saudosista que, nas palavras de Pesavento, “assume a forma de um lamento e mesmo uma avaliação: o passado era melhor... Neste caso, ver, no presente, o passado se converte em uma atitude de um desejo impraticável: a volta do que passou” (PESAVENTO, 2004a, p. 71). Conforme sugere a historiadora, são comuns em textos dotados de memorialismo declarações de que a felicidade se detém no passado. Mas tais afirmações são apenas reflexos das frases que ouvimos cotidianamente, algo do gênero: **éramos felizes e não sabíamos**, seguidas de suspiros nostálgicos.

De acordo com Pesavento, tal postura pode ser explicada a partir do receio em relação ao futuro. Tal situação faz com que o cronista se sinta diante de uma:

A ameaça da perda [que] gera uma busca pelo passado, reforçando raízes, consagrando mitos de origens e produzindo o esforço de lembrar. [...] **O receio do futuro faz o presente agarrar-se ao passado**, apagando fronteiras de tempo e inventando uma nova dimensão (PESAVENTO, 2004a, p.72, grifos nossos).

Segundo Pesavento, “à crônica, esse registro privilegiado para o acesso a um tempo passado e que, no caso, tratamos como uma fonte para a História” (PESAVENTO, 2004a, p.63). Nesse sentido, a crônica como registro do tempo passado, podemos notar neste trecho abaixo da crônica “O Exército Brasileiro e Três Corações...” publicada em 10/05/2001. Essa crônica, consta reelaborada no livro *Três Corações e um pouco de sua história...* (2012), na página 105 a 112, em que Victor Cunha registra o passado que conta um pouco da história da cidade:

Para quem não sabe nada sobre a história do exército em nossa cidade, vamos fazer um pequeno resumo sobre o assunto, **registrando** alguns dados e histórias importantes, que influenciaram no desenvolvimento de Três Corações: Os mais antigos que eu, contavam que o Regimento (Quartel) Militar estava destinado para a cidade de Campanha, porém, desconhecemos o motivo porque veio para cá! (CUNHA, “O Exército Brasileiro e Três Corações”..., 2001, s.p, grifos nossos).

É possível inferir que Victor Cunha expõe em suas crônicas memorialísticas, suas relações familiares (no caso seu pai e sua mãe) com o intuito de apresentar a seu próximo.

Para Paul Ricoeur, “não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (RICOEUR. 2007, p. 142, grifos nossos). Entre o sujeito que lembra, os que lhe são próximos e a quem recorre para elaborar seu relato, há aqueles que irão se apropriar e ter contato com a rememoração. Citamos um trecho da crônica:

Diversos militares vestiram a camisa vermelha de nosso Atlético, e houve mesmo uma época em que o clube era considerado um dos melhores da região, pois contava com atletas militares que serviam aqui, [...] Dondinho, pai de Pelé, [...] e muitos outros militares...até meu pai, também jogou pelo Atlético, pois veio de Alfenas prestar o serviço militar, casando-se aqui (se não fosse o Exército eu não teria o **privilegio de ter nascido aqui**, poderia ter nascido em outra cidade! É fria!!!) (CUNHA, “O Exército Brasileiro e Três Corações...”, 2001, s/p, grifos nossos).

Nessa passagem, Victor Cunha também constrói a imagem de cronista patriota, revelando seu orgulho de ser tricordiano incondicionalmente, “ (se não fosse o Exército eu não teria o **privilegio de ter nascido aqui**, poderia ter nascido em outra cidade! É fria!!!) ”. A memória se apresenta como objeto de reelaboração do passado pessoal, portador de dimensão afetiva, mas também como espaço de disputas pelo controle dos relatos de comunidades. Vejamos mais um trecho:

Três Corações é mesmo uma cidade privilegiada, além dos três corações sagrados de Jesus, Maria e José e do nosso Exército, sempre atentos protegendo-a, tem muitos amigos de verdade e muitos filhos que a projetam e destacam-na no cenário nacional e mundial! Pelé, o Atleta do Século, Dr. Carlos Luz, que chegou à presidência da República, o escritor Godofredo Rangel, escritor famoso, Juiz de Direito e amigo íntimo de Monteiro Lobato, a escritora Maria Isabel Câmara, General Caldeira, talvez o único tricordiano que tenha chegado à patente de General na ativa, Coronel Carlos Lemos, filho da saudosa professora Elisa Lemos, Dr. João Otávio de Noronha, desempenha cargo importantíssimo no Banco do Brasil, Dr. José Alberto Weiss de Andrade, Desembargador em São Paulo, chegando mesmo a substituir interinamente o Governador daquele importante Estado, Prefeito Odilon Resende Andrade e José Sobrinho...encheríamos mais uma página se reportássemos aqui **todos nossos amigos e tricordianos ilustres...!** (CUNHA, “O Exército Brasileiro e Três Corações...”, 2001, s.p. grifos nossos).

Aqui, Victor Cunha mostra-se um escritor sensível e tenta enaltecer todos os amigos e tricordianos ilustres, lembramos um pensamento de Ricoeur que diz que, “por certo, não se devem limitar os atos de comemoração às celebrações religiosos e patrióticas; [...] **eu diria**

que elas se desenvolveram no tempo dos parentes e amigos, a meio caminho entre memória privada e a memória social” (RICOEUR. 2007, p. 60, grifos nossos).

Na crônica “A igreja do Rosário e o Cristo” publicada dia 13/02/2001, no *Jornal Três*, notamos que no jornal ela vem com ilustrações da igreja antes e depois da reforma. [Após este período a igreja já passou por mais uma reforma]. Esta crônica consta no livro *Três Corações e um pouco de sua história...* (2012), nas páginas 42 a 45, com algumas alterações, (possui duas frases a mais e o último parágrafo está modificado). Assim, segundo Sá,

Na ultrapassagem do jornal para o livro, atenua-se o vínculo circunstancial e elimina-se a referência às demais matérias e à própria diagramação. Com isso, o texto adquire maior independência, e o leitor fica estimulado a buscar, no seu próprio imaginário, todas as associações possíveis (SÁ, 1992, p. 85).

A crônica como é um gênero produzido geralmente para ser veiculado na imprensa costuma ter vida curta, embora, algumas vezes, se perpetue em livros podendo ser reelaboradas.

Como eixo temático dessa crônica, Cunha constrói uma narrativa que remonta a história da Igreja do Rosário como um documento. Interessante, segundo, Cunha, é que “embora a igreja tenha sido erigida em honra a Nossa Senhora do Rosário, hoje é conhecida como Igreja do Cristo!” (CUNHA, “A igreja do Rosário e o Cristo”, 2001, s.p). Isso devido a imagem do Cristo Redentor erguida no alto da torre da igreja.

Cunha inicia a crônica lembrando seus tempos de criança, em que brincava com seus amigos no Largo do Rosário, cabe lembrar aqui, Bender e Laurito quando dizem que o espaço da rua, do bairro, das brincadeiras, etc. revelam que a memória é o grande espaço da crônica, daí a importância da infância. Vejamos a citação:

[...] a memória é o grande espaço da crônica, daí a importância da infância, tempo da memória e paradoxalmente, espaço. E da infância ressurgem a escola, o circo, a festa caipira, a roça, o caminhão a charrete, ou a carroça, o bar (à beira da estrada ou não), o pomar o jardim, os bichinhos, o avião, a natureza (BENDER E LAURITO, 1993, p.71).

Desse modo, Victor Cunha lembrando seus tempos de criança descreve nesta crônica que o espaço é a praça em frente à Igreja do Rosário em que brincava com os amigos de infância:

Quando garoto, no início dos anos 40, me lembro bem, a molecada brincava bastante no Largo do Rosário! Lá soltávamos papagaios, peladas de futebol e

também montavam-se [sic] parques e circos. Raramente entrávamos na antiga igreja, a qual já estava em fase de demolição; tínhamos muito medo, pois além de muito danificada, poderia desabar, [...] (CUNHA, “A igreja do Rosário e o Cristo”, 2001, s/p).

Ao longo da crônica, segundo Cunha que, através do registro da casa da cultura, conta a história da Igreja do Rosário e descreve as duas maiores imagens do Cristo Redentor, no Brasil. Segundo ele, uma fica no Rio de Janeiro e a outra em Pouso Alegre/ Minas Gerais.

Assim, quanto à memória autobiográfica e memória histórica de Halbwachs, Cunha ao lembrar seus tempos de criança, mostra que a história de nossas vidas faz parte da história geral, no caso, a história da igreja do Rosário e o Cristo Redentor.

Assim, mesmo quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então (HALBWACHS, 2003, p.60).

Em consoante com a citação, trataremos da análise de duas crônicas “O calçadão”, publicada 14/12/2000 e “O dinheiro do Brasil! ”, publicada 06/01/2001, que tratam da história da modernidade e da evolução consecutivamente. “O calçadão” relata a modernidade do centro comercial de Três Corações e progresso industrial da cidade e “O dinheiro do Brasil”, conta a história da evolução da moeda brasileira.

Lembrando Halbwachs, existem muitas memórias coletivas, ao ponto que se “pode dizer que só existe uma história”. Neste contexto,

[...] em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; [...] A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas (HALBWACHS, 2003, p. 53).

Desse modo, em particular, na crônica “O dinheiro do Brasil”, Cunha relaciona um fato corriqueiro de sua vida particular, em relação a evolução da moeda brasileira.

Em 1953, pedi emprestado ao Ernísio, Cr\$50 cruzeiros. Eu ainda namorava a Therezinha e ela queria ir ao cinema. Estava sem um "tostão" no bolso, mas vi o Ernísio parado perto da Pipoca do Zico, fui até ele e disse: "Por favor Ernísio, me empresta Cr\$50 cruzeiros, estou quebradinho e a Terezinha quer

ir ao cinema, não sei como é que eu vou fazer!". Dez anos depois paguei apenas Cr\$25 cruzeiros, e outros 25 cruzeiros não paguei até hoje, pois amparado nesta confusão de conversão da moeda, fui "enrolando" o cara! O Ernísio somente parou de me cobrar, quando eu descobri uma dívida de Cr\$200 cruzeiros que ele tinha com o Toninho do Ilien (CUNHA, "O dinheiro do Brasil! ", 2001, s.p).

Victor Cunha encerra a crônica dialogando com seu leitor, mais precisamente convidando-o a fazer um desafio para converter a moeda de **50\$000 (cinquenta mil réis)**, para o atual **Real**. Assim, foi publicada a nota no Jornal: "Se você conseguir fazer a conversão, encaminhe o resultado, por carta, ao Jornal Três. Se sua carta for sorteada, você receberá o seguinte prêmio: uma semana nos Estados Unidos – USA" (CUNHA, "O dinheiro do Brasil", 2001, s/p). Segundo Halbwachs,

[...] o indivíduo participaria de duas espécies de memória. [...]. De um lado, a de sua vida pessoal [...]. De outra parte ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo" (HALBWACHS, 2003, p. 53).

Ainda sobre a memória histórica e individual, passamos à crônica "O Calçadão", que fala sobre como era o calçadão 18, como ficou e também sobre os projetos futuros para cidade. Victor Cunha sempre estava por perto para registrar esses acontecimentos, conforme percebemos no relato abaixo.

Me lembro bem, em 1983, quando o Prefeito Ailton Paranaíba Vilela planejou a construção do Calçadão 18, e solicitou um projeto do departamento responsável; o Arquiteto Gilmar A. Vilela e o Engenheiro Márcio Wadi Neder, fizeram o projeto com bancos, jardim suspensos, nova iluminação, orelhão, toda calçada com ladrilhos, etc; muitos tricordianos discordaram da ideia e quando começaram as obras a "cornetagem" foi muito grande (CUNHA, "O calçadão", 2000, s/p).

Interessante esse contraponto de Cunha, pois mesmo sendo um saudosista e conservador, Cunha se mostra preocupado com o desenvolvimento da cidade e suas melhorias para a população, demonstra que, não só as coisas que já passaram eram boas, mas que a evolução a modernização também é bem-vinda e se empenhava para implantar melhorias na cidade, para melhor atender a população tricordiana. Ele diz,

Importante seria formar uma comissão para estudar o projeto, ouvir opiniões, quem sabe alguma viesse trazer ideias que poderiam ser utilizadas na formação de um projeto ideal! Já tive oportunidade de ouvir excelentes ideias para a tão necessária reforma de nossa praça, incluindo um Calçadão! Em última hipótese, poderiam ser alargadas as calçadas, deixando apenas passagem para um veículo, cheia de quebra-molas para evitar corridas

desnecessária e sem estacionamentos. As calçadas que contornam da Praça da Liberdade, em BH, foram retiradas para alargamento das ruas, o trânsito de pedestres ficou por dentro da praça! É uma ideia! (CUNHA, “O calçadão”, 2000, s/p).

Nesse sentido, Cunha também se mostra crítico em sua crônica “O Curral Eleitoral – O Eleitor de Cabresto!”, [sem data de publicação], ao relatar o significado do termo que veio a ter conhecimento quando votou pela primeira vez aos 18 anos,

Jamais poderia imaginar o verdadeiro sentido destas palavras, pois não era filho de político e não tinha ligações com Partidos e Candidatos. [...]. Muito bem, os membros do Partido se reuniam, organizavam um itinerário, e os que possuíam veículos, na madrugada do dia da eleição, partiam para buscar os eleitores. [Na zona rural] Este procedimento era uma segurança para o Partido, pois os votos eram feitos com cédulas e cada eleitor levava um jogo de cédula devidamente preparado para depositá-lo nas urnas; se o eleitor fosse sozinho, no meio do percurso apareciam os “picaretas” que trocavam cédulas. Se bobeasse o cachimbo caía! Daí surgiu os termos CURRAL ELEITORAL e ELEITOR DE CABRESTO! (CUNHA, “O Curral Eleitoral – O Eleitor de Cabresto!” [2000?], s/p).

Desse modo, “É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 2003, p. 71). Passamos ao segundo item desse capítulo.

3.2.2. Registrando pessoas importantes de Três Corações na visão de Victor Cunha

Existem pessoas em nossas vidas que nos deixam na memória momentos felizes pelo simples fato de terem cruzado nosso caminho, feito parte de nossa vida e história. Muitos deles são amigos do peito, do coração, e, aqui, Victor Cunha relata história vivida e registra alguns de seus amigos inesquecíveis. Para que não fiquem no esquecimento, notemos que Cunha faz questão de citar nome e sobrenome e até apelidos de todos que de alguma forma fizeram parte das memórias e histórias narradas em suas crônicas.

Na crônica “O Jorge Resck e o teatro”, datada de 25/11/2000, Victor Cunha relata a história do autor de teatro Jorge Resck, em uma passagem em que se apresentou no cinema da cidade e que fez muito sucesso na época:

Nos esquetes, trabalhavam com o Jorge Resck, a Naná e o Daniel Neder, geralmente com histórias interessantes e engraçadas envolvendo personagens árabes (Salim, Salomão e Salomé) que eram representadas pelos três comediantes tricordianos. A platéia delirava, risadas e mais risadas, pois o

"Trio" era sensacional! [...] Duas canções eu me lembro bem, uma era a "Malagueña" e a outra "Santa Lucia" ... a platéia vibrava! [...] Um esquete apresentado que fazia sucesso, chamava-se "Traição num lar árabe" [...] (CUNHA, "O Jorge Rescke e o teatro", 2000, s.p).

Um aspecto interessante é a questão da imigração de libaneses em Três Corações, como relata Cunha nos estereótipos que esse povo carrega na mentalidade dos brasileiros: o de negociantes turcos, vejamos o trecho da crônica quando o personagem do teatro diz: "Eu combrô este revolver bor 500 mil reis bra te matar!...Salomão, ajoelhado, respondeu: eu oferece 900 mil reais belo revolver! ... e o Salim vendeu o revolver" (CUNHA, "O Jorge Resck e o teatro", 2000, s/p).

O caráter saudosista do texto se faz presente na seguinte passagem, quando Cunha diz que "dos shows apresentados, cômicas ensaiadas e outras que aconteciam no desenrolar dos shows [...] **quanta saudade!** [...] **Era** tudo formidável!" (CUNHA, "O Jorge Resck e o teatro", 2000, s/p, grifos nossos).

Nesta crônica, Cunha demonstra, que para elaborá-la, alimentava-se de lembranças de outras pessoas, conforme indicam as palavras destacadas: "Quanto aos cantores e músicos que participavam, **lembramos** do Vitor Campos, Willian Naback e sua gaita", como também o trecho em que diz que "Sempre que nos **encontrávamos, lembrávamos** (CUNHA, "O Jorge Resck e o teatro", 2000, s/p, grifos nossos). Como dissemos, as palavras recorrentes: lembro, lembramos, lembrar, apontam para um trabalho de rememoração não só individual, mas coletivo.

Com essa consideração, voltamos a reforçar a influência da sociedade na memória. Desse modo, mostra-se relevante a relação entre o fato lembrado, a influência do sujeito que lembra na memória da sociedade em que vive – bem como da memória coletiva tanto na formação da memória individual como do trabalho de rememoração dos indivíduos. Tais questões auxiliam a compreender o processo de construção social da memória, uma vez que "[...] a elaboração grupal comum seria, portanto, decisiva [pois] a lembrança é a história da pessoa e seu mundo **enquanto vivenciada**" (BOSI, 1987, p. 28, grifo do autor). A título de exemplo, vejamos o trecho abaixo na crônica,

[...] o Jorge Resck começou a batalhar para a construção de um Teatro ou um Anfiteatro em nossa cidade! Infelizmente, como sempre, ninguém "deu bola" para o sonho do Jorge Resck: "Construir um Teatro em Três Corações!" Ele acabou morrendo. **Sempre que nos encontrávamos, lembrávamos dos shows apresentados**, as cenas cômicas ensaiadas e outras que aconteciam no desenrolar dos shows...quanta saudade! (CUNHA, "O Jorge Rescke e o teatro", 2000, s/p, grifos nossos).

Conforme debatido no capítulo 1, bem como nesta seção, é pela linguagem que a memória é partilhada. O que é dividido [mas também o que reúne] entre os grupos é o relato das próprias vivências, das memórias. Assim, ao relacionarmos a proposta de Ecléa Bosi com as reflexões de Maurice Halbwachs, de que a memória individual é um olhar para a memória coletiva e ao olharmos as crônicas de Victor Cunha sobre Três Corações, percebemos que o cronista usa as próprias memórias [mas também as memórias das instituições e daqueles com quem convive] como fonte para registrar em narrativas reflexões sobre o passado, de modo a tentar compreender como a cidade chegou ao estado em que se encontra no presente.

Segundo Bosi, a memória dos velhos é bem desenvolvida pelo fato de verificar nelas uma história social bem estabelecida: “elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas” (BOSI, 1979, p. 22).

Todavia, no caso das crônicas de Victor Cunha, em que podemos observar o entrelaçamento da memória pessoal com a memória coletiva (e mesmo a institucional) de Três Corações, cabe retomar um questionamento colocado por Ecléa Bosi:

[...] qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória (BOSI, 1979, p. 29).

Segundo Halbwachs, as memórias são construídas nos grupos sociais. Podendo ser lembranças com amigos, e grupos sociais ao qual convive, [memória coletiva] e que a memória individual só existe a partir do momento em que este indivíduo faz parte desses grupos. “Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, [...]” (HALBWACHS, 2003, p. 25). A origem de vários, sentimentos, paixões, que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Ainda no que tange à memória, aspecto interessante é quando ela parece falhar ao cronista, o que é perceptível na crônica “O Jorge Resck e o teatro” em passagens como: “**Não me lembro bem** se foi na década de 40, 50, ou 60”, no trecho “**não me lembro** se este era mesmo seu nome”, e, por fim, em outro momento, quando discorre acerca de “Duas canções **eu me lembro bem**” (CUNHA, 2000, “O Jorge Resck e o teatro”, s.p, grifos nossos). O filósofo Paul Ricoeur em *A Memória, a história e o esquecimento* (2007), faz um estudo que abrange a memória individual, e coletiva, lançada em direção aos outros (os próximos). Segundo ele, “A permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume

a função veritativa da memória” (RICOEUR, 2007, p. 26). Percebemos aqui nesta crônica as lacunas da memória sofridas por Cunha. Ainda segundo Ricoeur, as narrações que buscam a representação do passado sempre receberão mais importância e a reconstrução dessa lembrança contará com a imaginação para complementar os traços que foram apagados pelo tempo, ou seja, as lacunas da memória.

Podemos notar que a memória coletiva integra a forma de identidade do grupo mediante datas comemorativas e outras formas de lembrar. Além disso, a memória pode ser uma obrigação (dever de memória), um **recordar-te** que também é um **não te esqueças**. Segundo Ricoeur, “Como é possível dizer “você se lembrará”, ou seja, contará no futuro essa memória que se apresenta como guardiã do passado?” (RICOEUR, 2007, p. 100, grifo do autor).

No trecho a seguir, vemos Victor Cunha manifestar o gesto de registrar o passado, fato que culminará no livro inédito: “Relembrar os esquetes e as cenas engraçadas que aconteceram com os ‘Shows do Jorge Resck’, programadas ou não, nos bastidores ou mesmo em cena, **daria para escrever um livro!** ” (CUNHA, 2000, n/p, grifos nossos). Essa necessidade de querer registrar o passado redescobrimo com a memória coletiva os acontecimentos adormecidos, faz de Victor Cunha esse memorialista nostálgico que procura sempre deixar viva a memória de uma Três Corações de tempos dourados.

Conforme vimos no capítulo 1, para Bosi (BOSI, 1979, p. 23), o velho se interessa pelo passado e tem necessidade de evocar e compartilhar as lembranças desse passado, não contentes em guardá-las somente em para si. Para isso, “[...] ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsos seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito” (BOSI, 1987, p.23).

Assim, Victor Cunha escreve a maioria de suas crônicas entre os anos de 2000 e 2002, quando já era um senhor de 71 anos de idade. Segundo Bosi, a memória de velhos é bem desenvolvida devido a histórias sociais desses indivíduos serem já bem definidas. Além do desejo de Cunha deixar registrado as memórias vividas e contadas da cidade, podemos notar visivelmente no relato da crônica “Tricordianos Importantes e Inesquecíveis! ”, publicada 12/12/2000, no *Jornal Três*.

Mas vamos lembrar nesta simples crônica as pessoas importantes, acho que todas já falecidas, mas, que de qualquer maneira, fizeram a nossa história e **que por nossa culpa mesmo, por falta de um programa da memória da cidade, acho que pouca coisa foi registrado [a] sobre elas!** (CUNHA, “Tricordianos Importantes e Inesquecíveis! ”, 2000, s/p, grifos nossos).

Nessa crônica, Cunha se “culpa” por ainda não ter registro de pessoas que não só ele, mas a população tricordiana, consideravam pessoas importantes e inesquecíveis, desde um simples catador de vidro quebrados, “Foginho”, aos irmãos comediantes Jorge Resck e Ignácio Resck, ao mais respeitado advogado Dr. Astolfho Gasolla, contador de causos. Cunha afirma, “Toda cidade do interior tem suas histórias, seus personagens famosos, tradicionais, folclóricos, seus historiadores, seus cronistas, seus líderes e seus contadores de “causos”! (CUNHA, “Tricordianos Importantes e Inesquecíveis! ”, 2000, s/p).

Desse modo, Cunha usa da memória oral como instrumento para construir a crônica do cotidiano, que não seria contada pela história oficial e que não expressa as paixões individuais. Ela é contada também pelas camadas excluídas da população, sendo que a memória dos velhos serve como mediadora entre as gerações para construir a cultura. Cunha finaliza a crônica com a frase: “Qualquer dia voltarei com mais algumas lembranças de pessoas importantes que fizeram a nossa história! Até outro dia, se Deus quiser! ”. Com este relato Cunha realiza esta afirmação, pois quando comparamos esta crônica com a publicada no Jornal, ele relata outros personagens que aqui [no livro inacabado] não estão descritos. Ao reescrevê-la Cunha vai lembrando, trazendo à tona na sua memória os que havia deixado de mencionar. Assim, como narra Jorge de Sá:

[...] O *contista* mergulha de ponta cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato “exemplar”, o *cronista* age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional. Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivessem diante de uma reportagem (SÁ, 1992, p. 9, grifo do autor).

Na crônica “Adeus meu Amigo e Companheiro Carelli...”, publicada em 18/11/2000, no *Jornal Três*, na primeira página e com foto do amigo Carelli, percebe-se que por estar na primeira página do jornal, era um acontecimento relevante. Cunha lamenta a morte do companheiro e amigo, que era muito conhecido e respeitado pelos tricordianos. Carelli foi professor de inglês e Cunha narra,

É a primeira vez na minha vida que vejo tristeza estampada nos semblantes de colegas quando as aulas são suspensas! Isto sempre causa alegria! Pois ontem, por volta de uma hora da tarde, vi o silêncio e a tristeza cravados nas faces daqueles colegas, que saíam em bandos do Colégio Estadual...o Professor Carelli faleceu! (CUNHA, “Adeus meu Amigo e Companheiro Carelli...”, 2000, s/p).

Cunha relata um pouco da vida do amigo. Diz que se conheceram na década de 40 e que eram vizinhos, e relembra seus tempos de infância em que jogavam bola de pano na calçada.

Era a saudosa “Turma da Rua 6”, hoje Rua Prof. José Brasiliense Avelar! Fomos companheiros de ginásio e sempre tivemos atração pelos conjuntos vocais daquela época, “Os Anjos do Inferno”, “Quatro Azes e Um Coringa”, “Vocalistas Tropicais”, “Os Cariocas”, “Bando da Lua”, “Demônios da Garoa”. Me lembro bem, quando saíamos do cinema nas Sextas Feiras e íamos para a casa da Vovó Iba, para ouvir o programa da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, que apresentava o conjunto “Anjos do Inferno”, oferecimento da Coca-Cola...como vibrávamos! (CUNHA, “Adeus meu Amigo e Companheiro Carelli...”, 2000, s/p).

Interessante, pois ao mesmo tempo em que conta esta história no tempo presente, parece escrever para o próprio amigo. “Sempre estivemos juntos, **você** foi para o Banco do Brasil e eu para o Serviço Público Federal, mas a música sempre nos unia... e como! ”, em outro momento escreve, “... **você** deixou sua ‘marca registrada’ naquele Banco que nem o tempo poderá apagar! ”. Assim, a memória vai sendo tecida pelos fatos, pessoas, lugares e lembranças, como descrita por Lisa Oliveira, no capítulo 3 de sua dissertação.

Além dos acontecimentos, a memória é construída por pessoas, personagens e lugares. Personagens encontradas no decorrer da vida e as personagens que não viveram no mesmo tempo da pessoa. E os lugares podem ser ligados a uma lembrança pessoal mas podem, também, ser locais longínquos que podem construir lugares importante para a memória do grupo e da própria pessoa. Além dos eventos, lugares e personagens, há também as datas precisas de um acontecimento que ficam gravadas na memória (OLIVEIRA, 2006, p. 25).

Quanto às datas, é notável na maioria das crônicas, a preocupação em colocá-las de forma cronológica ao relatar os acontecimentos memorialísticos sobre os quais escreve.

Dois meses depois de escrever esta crônica em homenagem ao companheiro Carelli, Cunha volta a lembrar do amigo, na crônica, “Na tendinha do Guilherme (14 Bis) ”, publicada no *Jornal Três*, data 03/02/2001, também na primeira página do jornal. Interessante que essa crônica é também a primeira do livro analisado. Isso nos faz pensar que essa crônica tinha um valor especial para Cunha.

Nela predomina-se o modo simples de escrever que Victor Cunha adota em suas crônicas. Candido afirma, “É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça da crônica” (CANDIDO, 1991, p. 19). Cunha predomina uma narrativa de fatos ocorridos na

cidade. Segundo Portela, “A crônica brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade” (PORTELLA, 1979, p. 85). Também Blender e Laurito entende que, além da simplicidade da crônica, o espaço predominante é a cidade,

Como simplicidade e brevidade não ocupam lugar, assim como educação, qualquer lugar em que possa ocorrer o que Fernando Sabino chama de ‘aventura do cotidiano’ pode ser o espaço da crônica. **Predomina, entretanto, a cidade** (BLENDER e LAURITO, 1993, p.70 grifos nossos).

Neste caso, o espaço é a praça central da cidade [praça, Odilon Resende de Andrade] e o tema central são os vendedores ambulantes de pipoca e churrasquinho. Como narrador/protagonista, “narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1987, p. 44). Dialoga consigo mesmo e com o leitor real, quando diz: “- Só eu???” [E no parágrafo seguinte responde:] “- Tenho certeza absoluta, foi o saudoso Professor Carelli que enviou lá do céu estes pássaros maravilhosos, [...]”. (CUNHA, 2001, s/p.). Nessa passagem, ele conta a revoada de pássaros que acontece na praça por volta das 19: 30 min de toda tarde no momento que a Velha Guarda está tocando.

Acredite se quiser, ontem até a EP-TV de Varginha veio filmar o espetáculo e entrevistou a turma toda, questionou daqui e dali e não descobriu o segredo da revoada das andorinhas! Uma coisa é certa, eles voltaram pra Varginha emocionados com os pássaros e o samba! (CUNHA, 2001, s/p).

Observamos que o assunto da crônica é um fato verdadeiro. Pode-se dizer que predominam as reminiscências do autor também quando diz: “**Senão me falha a memória**”, em outro momento: “**Que eu me lembre**, esta revoada nunca houve na cidade [...]” (CUNHA, 2001, s/p. grifos nossos.). Acredita-se que segundo Paolo Rossi o que sabemos do passado não é sua totalidade, mas o que pudemos ou queremos revelar, pois “a história é jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e acultação” (ROSSI, 2010, p. 19). Podemos ligar a Ricouer sobre que a memória também é feita por imaginação, a imaginação se coloca nas lacunas para preencher o relato faltoso da memória. Assim, cabe-nos pensar, que a imaginação parte das entidades fictícias que não representam o real.

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à

imaginação, na medida que esta tem como paradigma o irreal, o fictício[...] (RICOUER, 2007, p.40).

Observamos a alternância dos tempos verbais que varia entre passado e presente, nas passagens: “**Tem uma equipe da pesada**”, “**Há uns 10 anos**”, “**Como sempre**”, essas funções adverbiais, nos dois últimos exemplos, conferem tempo e mostram que algo de habitual acontece.

Quanto ao tema desta crônica “Na tendinha do Guilherme (14Bis)”, o porquê 14 Bis, Cunha explica: “Não sei se foi idéia do saudoso Professor Carelli, por causa do formato da "tendinha" anterior, ela recebeu o apelido de 14 BIS... e o negócio pegou!” (CUNHA, 2001, s/p). Victor Cunha encerra a crônica com um samba de sua autoria, vejamos apenas duas estrofes deste samba,

Ei, meu irmão
 A moda agora, é na Tendinha do Guilherme
 Lá tem de tudo que você pode imaginar
 Ei, meu irmão
 Lá tem cerveja, tem churrasquinho e tem pipoca
 Tem muito samba, pinga, pimenta e fofoca!
 [...]
 Abençoando a cantata alegremente
 As andorinhas vão chegando em escarcéu
 Em revoada vão pousando nos seus ninhos
 E o Professor Carelli aplaudindo lá do céu
 (CUNHA, “Na tendinha do Guilherme (14 Bis)”, 2001, s/p).

Desse modo, podemos verificar a necessidade básica do homem, a fabulação, pois ela se faz presente na vida de Victor Cunha, no seu cotidiano, nas composições dos sambas e versos, como os acima mencionados, e também o samba que compôs para homenagear Três Corações, citado na epígrafe desta pesquisa. Cabe citar aqui um trecho do artigo de Cilene Pereira, referindo-se a Antonio Candido, que diz:

Candido reconhece a literatura como um direito humano fundamental, justamente por atender a uma das necessidades mais básicas do homem: a fabulação, pois assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulador (PEREIRA, 2016, p.2).

Ainda nas reflexões de Pereira, “a literatura seria não só um direito humano como exerceria mesmo uma função, a de humanização do homem [...] revelando ao leitor um conhecimento do mundo e de si mesmo” (PEREIRA, 2016, p. 2).

Na crônica, “A Gang da ‘mesa 7’”, datada 08/02/2001, não consta nos arquivos pesquisados do jornal da cidade. Ao pesquisar, notamos que, da página 06/02/2001 pula para página 10/02/2001. Provavelmente, esse é o motivo de não estar nos arquivos. A temática da crônica, como diz o nome “gang”, seria uma maneira de Cunha se referir aos amigos para uma conversa mais íntima, onde soltavam piadas, histórias e causos que só compartilhavam entre eles. Fofocavam, falavam de política e etc... Os temas das conversas eram variados e os encontros aconteciam frequentemente.

Há muitos anos, uns 9 ou 10 anos, talvez mais um pouco, à tardinha, uma turma se reúne na “mesa 7” da Cantina Calabresa. Piadas são contadas, fofocas de todos os tipos, acontecimentos políticos, gozações e pegadinhas, enfim, é um encontro agradável, descontraído, tomamos a nossa “cerva” bem gelada, acompanhada de tira-gosto, uma pizza ou um bifinho a palito para temperar o encontro (CUNHA, “A gang da ‘mesa 7’”, 2001, s/p).

O título da crônica, “mesa 7” está entre aspas, suspeitamos que era para identificação do número da mesa reservada para o grupo de amigos que se reuniam lá na cantina. Como descreve Cunha, nesse encontro estão presentes pessoas de diversos setores profissionais;

A turma é bem variada, tem chefes políticos, candidatos, advogados, vereadores, ex-vereadores, funcionário público, radialista, jornalista, comerciantes, presidente de blocos de carnaval de rua, médico e dentista, e até um ministro católico e um pastor evangélico, tomando refrigerantes, participam às vezes da ‘rodinha’! (CUNHA, “A gang da ‘mesa 7’”, 2001, s/p.).

O narrador é o próprio autor, e ele narra num tempo presente ao mostrar nas passagens, “**são** contadas”, “a turma **é** bem variada”, “sempre **sai** alguma coisa”, e o espaço é o restaurante Cantina Calabresa, o mais famoso na época.

Nota-se que Victor Cunha pretende deixar registrado esse encontro dos amigos na “mesa 7” da cantina. Ele menciona o nome de alguns deles: o cientista, redator do *Jornal Três*, Guará, o ex. prefeito de Três Corações, Dr. Rinaldo, o vereador, Pastor Marcelão, Marco Túlio e Fabinho, os proprietários da cantina Calabresa, entre outros.

Na passagem “A gente que vive no meio do Rádio e do Jornal, tem que prestar muita atenção e anotar tudo! Faz parte do dia-a-dia de nossa profissão... é vivendo e aprendendo!” (CUNHA, “A gang da ‘mesa 7’”, 2001, s/p.), da recordação individual com a memória coletiva, em Paul Ricoeur encontramos, ainda, uma orientação acerca do “eu”, ou seja, do indivíduo em sua relação com o coletivo, algo muito importante. Afirma o autor em “*A memória, a história, o esquecimento*” que:

É por intermédio da consciência que consideramos, a cada momento, pertencer simultaneamente a vários meios; mas essa consciência existe apenas no presente. A única concessão que o autor se permite é a de dotar cada consciência do poder de se situar no ponto de vista do grupo e mais ainda de passar de um grupo a outro. Contudo, essa concessão é rapidamente retirada: essa última atribuição ainda é uma ilusão que resulta de uma adaptação à pressão social (RICOEUR, 2007, p. 133).

Assim segundo, Ricoeur, o sentimento do “eu” deriva de um pensamento coletivo e que sempre o “eu” está submetido às pressões do conjunto da sociedade.

A crônica “As quadrilhas”, publicada em 31/01/2001, Cunha inicia escrevendo, segundo o dicionário Aurélio, o significado da palavra Quadrilha: “Turma de quatro ou mais cavalheiros, dispostos para o jogo das canas: bando de ladrões, assaltantes ou malfeitores; contradança de salão, de origem francesa, de caráter alegre e movimentado, na qual tomam parte diversos pares” (CUNHA, “As quadrilhas”, 2001, s.p). Depois Cunha fala das quadrilhas famosas do cinema, fazendo uma contextualização das histórias de gangs famosas do cinema como as “Quadrilhas de Jesse James”, de “Al Capone”, o bando de “Robin Hood” e a quadrilha de “Lampião”, no Brasil, comparando-as com as turmas de seu tempo de garoto. Cunha relata a origem do nome de Lampião e sua história, para introduzir a sua história de infância onde imitava esses acontecimentos históricos.

[...] nos meus tempos de garoto, uma das brincadeiras era formar “Quadrilhas”! Eu pertencia à “Quadrilha da Rua 6”, comandada pelo Romano Grossi! Havia naquela época, por volta de 1940, diversas quadrilhas de garotada aqui na cidade: a “Quadrilha do Armando Craveiro”, a “Quadrilha da Rua do Campo”, a “Quadrilha do Az Preto”, chefiada pelo Dunga, a “Quadrilha da Cotia”, a “Quadrilha da Linha Nova”, todas terríveis! Havia mais algumas que já me esqueci (CUNHA, “As quadrilhas”, 2001, s/p).

Nesses termos, percebemos a intertextualidade que Victor Cunha faz das quadrilhas do cinema e a de “Lampião”, para contar as brincadeiras de criança das quais participava. Segundo Leyla Perrone- Moisés, a partir dos estudos de Kristeva, “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura-réplica (função e negação) de outro (dos textos) texto” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

Como o objeto desta pesquisa é o livro de crônicas inacabado, nele consta 27 crônicas, pressupomos que Cunha fez uma seleção das crônicas mais relevantes dentre as 112 publicadas no *Jornal Três*, salienta Cunha em seu livro, “tudo o que pude recordar de minha vida, ligada a Três Corações, a música, aos amigos e principalmente ao meu trabalho e a

minha família” (CUNHA, 1998, p. 165 grifos nossos). Acreditamos que não poderia deixar de incluir a crônica “Minha Gente”, publicada em 14/01/2001, que não consta no arquivo do jornal. Ao pesquisar, observamos que no arquivo, da página com a data de 13/01/2001 pula para 16/01/2001.

Nesta crônica, Cunha fala sobre a família, a sua em especial, sua origem fazendo um tipo de autobiografia. Inicia a crônica com a frase “Uma das melhores coisas que Deus criou foi a família! Imagine você com certa idade, sozinho, adoentado, sem o aconchego e o carinho de uma companheira ou dos filhos! (CUNHA, “Minha Gente”, 2001, s/p). Nesse sentido, percebemos que, para Cunha, a família e sua origem são muito importantes, pois mostram a sua identidade. “Pelo lado paterno, meu avô tinha sangue português e a avó, brasileiro; pelo lado materno, herdei o sangue libanês e do cruzamento destas raças surgiu este sambista, botafoguense, atleticano e tricordiano de raça! ” (CUNHA, “Minha Gente”, 2001, s/p). Na frase, Cunha justifica ser sambista e tricordiano de raça, que nos leva a pensar que talvez por isso, demostre a sua preocupação em registrar os acontecimentos e históricos de sua cidade e militar por ela.

No que tange a tricordianos patriotas que almejam o melhor para sua cidade, Cunha também cita seus parentes próximos como: “Uma raça de gente humilde que viveu e vive para servir e trabalhar, tricordianos até debaixo d’água!” (CUNHA, “Minha Gente”, 2001, s/p). Desse modo, voltamos às reflexões de Halbwachs sobre o liame vivo das gerações, que diz:

Ainda que uma criança não se aperceba de tudo imediatamente; e não distingua em seu avô os traços pessoais, o que parece explicar-se simplesmente pelo fato de que está velho, e que ele pertence à antiga sociedade na qual viveu, formou-se e da qual guarda a marca, [...] (HALBWACHS, 2003, p.65)

Cunha já identifica e distingue seus traços pessoais, e escreve suas crônicas numa idade avançada quando já é avô, justificado no trecho abaixo:

Casei-me com a Therezinha em 5 de Maio [sic] de 1955 e estes são meus filhos: o 1º filho, Paulo Ricardo, faleceu com quase 2 anos de idade, no Rio de Janeiro; depois vieram a Maria Christina, casada com o Maurinho, o Henrique com a Silvana e a Karina com o Geninho e até o momento só me trazem alegria! São cinco netos: Filipe, Mariana, Arthur Ivan e João Victor (CUNHA, “Minha Gente”, 2001, s/p).

Assim Victor Cunha, também registra sua origem, sua identidade, através dessa crônica dada a importância que ele tem com a família.

3.2.3. Elementos culturais nas crônicas de Victor Cunha

Genericamente, a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes valores e hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em uma sociedade. Victor Cunha escreve suas crônicas já na fase de sua terceira idade e relata acontecimentos culturais que fizeram parte da memória de Três Corações e de sua vida social. Assim, segundo Bosi:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existe mediadores formalizados constituídos (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2003, p.15).

Na crônica, “Os circos e os parques de diversões”, datada em 30/01/2001, Cunha evidencia um esforço em reconstruir, através de suas lembranças, os locais onde eram montados os circos e parques na cidade. Vejamos:

Dos Circos, eu me lembro dos mais famosos: Circo Garcia, Circo dos Irmãos Robattini, este parece que existe até hoje [...]. Vagamente, me lembro que atrás do prédio do antigo Edifício Colombo e de um casarão onde depois foi construída a Drogaria Santa Rita, antes de abrir a Rua Joaquim Bento de Carvalho (rua da Calabresa), **os Parques e Circos eram montados ali** [...] (CUNHA, “Os circos e os parques de diversões”, 2001, s/p, grifos nossos).

Além de um trabalho de rememoração, essa crônica apresenta mais um exemplo de memória nostálgica:

Para o circo de touradas, **me lembro bem**, os Fazendeiros e Boiadeiros alugavam alguns bois bravos! Quando a boiada vinha da Feira de Gado, conduzida pelas ruas da cidade em direção ao Circo, era um Deus nos acuda, uma correria danada! Era boi bravo investindo por todos os lados! **Que saudade!** (CUNHA, “Os circos e os parques de diversões”, 2001, s/p, grifos nossos).

É possível perceber, no trecho abaixo, a ideia de modernidade, a modernidade urbana que desperta novas sensibilidades e expectativas. São essas modernidades que são trazidas pelo desenvolvimento da cultura da cidade que Victor Cunha questiona e parece não querer aceitar o novo, reafirmando um saudosismo inconformado:

“Porque será que naquela época, com a população bem menor, chegamos a ter 4 cinemas, Circos e Parques, praça super animada todos os dias, Atlético, clube sempre animado diariamente, **e hoje, não temos mais isso?**”

A resposta é muito simples: Televisão, Vídeo Cassete, Cursos Noturnos, o Computador e a Internet! Atualmente, quando se instala um circo ou um parque na cidade, quase ninguém toma conhecimento e eles vão embora magoados, aborrecidos, [...]. Será que isto acontece em todas as cidades do nosso porte!!!??? (CUNHA, “Os circos e os parques de diversões”, 2001, s/p grifos nossos).

Tal aspecto pode ser observado também na crônica “Três Corações e a música”, publicada em 19/09/2000, com o título “Os Tricordianos e a música”, na qual Cunha cultiva um caráter saudosista de cultor do passado que se materializa quando diz: “qual saudosista não se lembra da famosa orquestra do Maestro Álvaro Arcanjo com seu Sax e sua clarineta...” (CUNHA, “Três Corações e a música”, 2000, s/p). Seu saudosismo é expressado também na frase: “Já tivemos um bom coral”. É recorrente o uso de palavras do campo semântico referentes à rememoração, tais como **lembra, saudades e se não me falha a memória**. Segundo Rossi,

Todos os que dedicaram sua vida a lembrar e a fazer os outros lembrar de pedaços consistentes de um passado mais ou menos distantes sabem que o passado é “um país estrangeiro” sabem que ele deve ser construído com fadiga no decurso de cada geração [...] (ROSSI. 2010, p. 30, grifos nossos).

Victor Cunha se preocupa com a nova geração, procurando relatar, registrar o passado mesmo sendo um árduo trabalho de juntar os pedaços desse passado, dedicando sua velhice em lembrar do passado e com isso despertou as lembranças dos outros.

Notamos também, que há uma grande preocupação e dedicação de Victor Cunha em lembrar e registrar os fatos juntamente com os nomes próprios, dos músicos, de maneira a dar reconhecimento às pessoas e, de alguma forma, eternizá-los por meio da escrita no jornal e livros. Dessa maneira, estes indivíduos passam a fazer parte da história da cidade de Três Corações. As enumerações são grandes. Os nomes seguidos de sobrenomes são colocados de maneira a se ter um distanciamento entre o autor e a pessoa, passando a um tom documentarista ao citar, por exemplo, os Maestros Álvaro Arcanjo e Vicente Medeiros, Walter Alves de Carvalho, Nize Helena Avelar, deixando registrado como são pessoas importantes e de nome a zelar. Em contraponto, percebemos uma intimidade e proximidade aos que são tratados por apelidos Edgar-Tico-Tico, Bibinho, Roldão ou apenas prenomes Dunga, Zé, como se o leitor conhecesse pessoalmente essas pessoas e também os nomes com explicação de relação de familiaridade e de profissão.

[...] são duas feras, trata-se **de Cristiano, filho do Tadeu Lemos**, que me deixou de "boca aberta" vendo-o executar um chorinho no cavaquinho. É alguma coisa de impressionante, é puro profissionalismo, considerando ainda que está no início de sua carreira e é tudo "de ouvido", o garoto ainda não conhece música!; ele se compara ao **Totti, gerente do Bradesco**, fabuloso na execução de um bandolim ou de um cavaquinho (CUNHA, "Três Corações e a música", 2000, s/p, grifos nossos).

Os nomes próprios conferem uma veracidade aos fatos e Victor Cunha faz uma associação do nome ao instrumento que cada um tocava. Assim, evidenciamos a dedicação em documentar como num inventário da música e suas bandas. Como expressa na passagem: "Conjunto do Clube", o qual era formado pelo Bessa no piano, **Victor Cunha no violão tenor**, Chico Bento (José Amadeu) na bateria, às vezes o Ladislau **no contrabaixo acústico**, Raul Cesar **no pandeiro** [...]". Fato digno de nota é que Cunha faz parte do texto tanto como narrador e protagonista, que registra e documenta, sendo um personagem que vivenciou e fez parte dos fatos narrados. "O narrador aí comenta e analisa, como testemunha, mas, no caso, ele é também protagonista" (LEITE, 1987, p.40).

Como mencionado no capítulo 2.2 p. 47, podemos observar nas crônicas de Victor Cunha, a predominância do tipo de narrador que Lígia Chiappini Leite (1987), no texto "A tipologia de Norman Friedman e a classificação do narrador", classifica o "eu" como narrador/testemunha (*I as witness*), uma vez que o cronista

[...] narra em 1ª pessoa, mas é um "eu" já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundário que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo direto, mais veríssimil (LEITE, 1987, p. 38).

No caso dessa característica de narrador, ele descreve os fatos a partir da forma como ele as vê, organizando suas reflexões e suas memórias no texto, comentando e analisando, como testemunha e também como protagonista. Isto é, quanto à história narrada, ele é testemunha e quanto às reflexões, ele é protagonista. O narrador protagonista, segundo Leite (1987, p. 39), narra de um ponto fixo "limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos [...], ele pode servir-se seja da cena seja do sumário e assim a distância entre a história e leitor pode ser próxima, distante ou ainda imutável". Em nosso entendimento, é possível notar tal aspecto facilmente nas crônicas de Victor Cunha.

No entanto, nessa crônica, o autor, em certo momento, é menos saudosista, pois admite que há uma possível continuação da cultura musical em Três Corações, quando diz: "[...] há poucos dias, conheci duas pessoas que tenho certeza que farão sucesso... são duas

feras, trata-se de Cristiano, filho do Tadeu Lemos, que me deixou de ‘boca aberta’ [...]”. Em outros dois pontos, Cunha aponta que houve uma continuidade da tradição de grupos musicais na cidade, uma vez que “uns vão sumindo outros vão chegando”, conforme podemos ver em trechos, como “No início do ano 2000, organizado pelo Maestro Edgar Arcanjo, apareceu o grupo de seresta Os Seresteiros da Cidade”, e, por fim ao mencionar um conjunto recente, a

Banda Musical Ômega, fundada pelo Alex Lambreta, filho do Toninho Lambreta...filho de peixe, peixinho é! A estrutura, a organização, o visual, os arranjos musicais, os cantores, os músicos e a simpatia do grupo, conquistaram o coração do tricordiano e de muitas outras localidades por onde passa a Banda. O tricordiano sente-se orgulhoso de ser conterrâneo de um grupo musical tão organizado e quase que perfeito (CUNHA, “Três Corações e a música”, 2000, s/p).

Victor Cunha faz uso de marcadores temporais que mostram a evolução entre o passado e o presente ao usar os termos: “**Vira-e-mexe** surge em nossa cidade um grande músico”, “**Desde os tempos** dos Arcanjos, dos Germanos”, “**sempre** tivemos prazer e sorte de ouvir boa música”. A música está em constante criação. É evidente a cronologia dos fatos como se a criação musical fosse contínua desde a criação da banda no início da década de 1950 até início do século XXI. Ele também faz menção a futuros músicos que seriam formados pela maestrina Rosymeyre Bernardes e há uma preocupação com a falta de recursos para essa formação e, ao mesmo tempo que relata os fatos, comenta, exprime opinião com preocupação:

Há alguns anos, vem funcionando em nossa cidade, apesar das dificuldades e falta de apoio encontrados para suas instalações, a Consonante Escola de Música, sob a direção da Maestrina Rosymeyre Bernardes, professora de vários instrumentos musicais, regente de coral, professora de técnica vocal. **Apesar da falta de incentivos necessários**, aos trancos e barrancos, a Maestrina continua com suas aulas, formando o músico ou o instrumentista de amanhã! **Seria necessário um estudo da municipalidade, para a instalação urgente de um conservatório em nossa cidade, (...)** para desenvolvimento da cultura da terra tricordiana (CUNHA, “Três Corações e a música, 2000”, s/p, grifos nossos).

Victor Cunha escreve suas crônicas de maneira simples, solta e leve, características próprias do gênero que pratica. Outro ponto que chama atenção é a busca de construir familiaridade com o leitor, perceptível no encerramento de seus textos com os bordões **Até outro dia, se Deus quiser**, presentes ao final de quase todas as crônicas, indicando que ambos têm um encontro marcado em uma próxima edição do jornal.

Como dito antes no cap. 1.2, segundo Bosi escreve na contracapa do seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*:

Os velhos contam a história vivida e sofrida por eles. [...]. Suas lembranças se prendem a velhos lugares. A desorganização do espaço a ruptura brusca desse mapa afetivo, arranca dos moradores o significado mais estável da vida comum, rouba as lembranças do passado e o sentido das pedras da cidade. [...] E a cidade emerge cheia de alma, com sua memória política, sua memória de trabalho as vozes e suas igrejas e ruas, seus pregões e cantigas, seus assombradores das madrugadas (BOSI, 1979, contracapa).

Na crônica “Só mesmo na rádio tropical”, publicada no *Jornal Três*, em 06/02/2001, com o título alterado por: “A Rádio Tropical e o Róbson” se encontra na primeira página do jornal, Cunha relata quando adquiriu a Rádio Clube Três Corações, em 1979, e logo após realizou um concurso para escolha do nome da rádio, o nome eleito foi: Rádio Tropical, que é usado até hoje.

Quando adquirimos o controle acionário da Rádio Clube Três Corações, em 1979, parece que foi um sonho realizado, pois toda minha vida foi regada de música e agora (naquela época), iria viver no meio da música até o fim dos meus dias! (CUNHA, “Só mesmo na rádio tropical”, 2001, s.p.).

Ao afirmar que “toda minha vida foi regada de música”, Cunha reafirma o seu apeço pela música e nós percebemos essa paixão através da sua biografia. Segundo Bosi, “o tempo vivido pela biografia é aquele *pouco* captado pela memória narrativa. Mas a pessoa reflete o tempo que lhe aparece como luz atrás de um pano esgarçado” (BOSI, 2003, p.45 itálicos do autor).

Nesta crônica o narrador está na primeira pessoa do plural, nota-se ao escrever, “fizemos”, “passamos”, “fomos”, Cunha utiliza uma linguagem informal, e, em certo momento, faz um convite ao leitor “**ficaríamos** satisfeitos se os tricordianos nos visitassem no horário comercial, para conhecer um pouco de nosso trabalho e nossas instalações! ” (CUNHA, “Só mesmo na rádio tropical”, 2001, s/p, grifos nossos). Voltamos então à tipicidade da crônica que possui esse diálogo familiar com o leitor.

O espaço dessa crônica são os bastidores da rádio e o tempo é passado, fato interessante quando Cunha relata um acontecimento engraçado com os protagonistas José Maria Lima, o locutor e Robson, o mais novo funcionário contratado na época:

Quem fazia o horário da Ave Maria, às 18 h., era o José Maria Lima e ele explicou ao “R 35” [Robson] o seguinte: "Depois que eu ler os oferecimentos da prece, você coloca o fundo musical para que eu possa rezar

a prece, tudo bem?". Ele disse OK, concordou com tudo e vejam o que deu. Quando terminaram os oferecimentos, o "R 35" colocou o fundo musical, a música Ave Maria de Gounod; o José Maria começou a rezar a prece; o fundo estava um pouco alto e o José Maria fez um sinal com a mão para baixo, para que fosse abaixado um pouco o fundo musical... aí o "R 35" ajoelhou do outro lado da mesa e fez o "nome do padre"! (CUNHA, "Só mesmo na rádio tropical", 2001, s/p).

Esse fato, segundo Cunha, foi comentado por muito tempo nas rodinhas dos bastidores da rádio, sendo motivo de muitas gargalhadas. Na crônica Cunha elogia Robson como excelente funcionário e até hoje ele trabalha na rádio como locutor. Ao publicarem esta crônica no jornal, fizeram um desenho do Robson ajoelhado atrás da mesa de controle de som.

Importante lembrar que essa crônica está com outro título no dvd, e no jornal "A rádio Tropical e o Robson", e podemos pensar que este episódio relatado acima tem a ver com a mudança do título da crônica.

Nas crônicas, "A História do Carnaval" de 24/02/2001 e "Uma pequena História do Carnaval de Três Corações", 26/10/2000, data da publicação no jornal, Victor Cunha relata a história do carnaval desde quando surgiu e como surgiu e em seguida faz uma síntese deste festejo em Três Corações. Primeiro faz um apanhado geral da história do carnaval, desde a origem do título:

A origem do Carnaval, cuja palavra pode ter sua origem na expressão latina "**carrum novalis**", com a qual os romanos abriam seus festejos, ou na palavra "**carnevale**", como disse acima, do dialeto milanês que significa "adeus à carne", uma alusão ao início da quaresma cristã. (CUNHA, "A História do Carnaval, 2001, s/p).

Segundo Cunha, o carnaval surgiu no Brasil com nome de "Entrudo", com a imigração vinda das ilhas portuguesas da Madeira, Açores e Cabo Verde em 1723. Em 1852, surgiu o "Zé Pereira", conjunto de bumbos e tambores. Em 1907, surgiu o "CORSO" e Cunha relata que Corso é "um desfile de automóveis que se constituiu em uma das principais atrações do carnaval carioca, durante as primeiras décadas do Século XX". Cunha vai tecendo uma ordem cronológica ao contar a história do carnaval e, em seguida, passa a contar a miúdo a história do carnaval de Três Corações desde 1909, fazendo assim, um paralelo com a história oficial, relatando que o carnaval de Três Corações teve início com o "Entrudo". A crônica não tem a intenção de oficializar a história, mas de contar e rememorar o cotidiano do que aconteceu ao redor de quem viveu aquele momento. Victor Cunha conta a história do carnaval no Brasil para depois contar a história do carnaval tricordiano. Interessante que o

cronista utiliza da voz de um historiador Benefredo de Souza, para dar veracidade a história contada em sua crônica. Nesse momento a crônica e a história se misturam;

Conta o historiador de nossa terra, **BENEFREDO DE SOUSA**, que no princípio do Século, por volta de 1909, o **Carnaval** teve seus primeiros sinais de vida, na Rua XV, antiga Rua dos Boiadeiros, com o **ENTRUDO**, sendo jogado água e farinha de trigo nos foliões, com a apresentação do tradicional **ZÉ PEREIRA**, uma iniciativa dos boiadeiros locais (CUNHA, “Uma pequena História do Carnaval de Três Corações, 2000, s/p grifos do autor).

Neste caso a memória, portanto, se relaciona a relatos, à recapitulação de fatos, um testemunho em primeira pessoa que recorre a outras para então tomar corpo em sua narrativa. Devemos levar em consideração que mesmo a memória de vivência individual pode nos trazer vários aspectos, visto que o individual não pode lançar fora das influências sociais, ditas coletivas. Como diz Ricoeur, “é para o lado das representações coletivas que devemos nos voltar para dar conta das lógicas de coerência que presidem à percepção do mundo” (RICOEUR, 2007, p. 133).

Sheila Santos Silva (2017), amparando-se nos trabalhos de Maria Lúcia Dias Mendes, apresenta uma abordagem abrangente da noção de memória. Para Mendes:

O memorialista não é um historiador, nem um cronista apenas, trata-se, na verdade, de uma testemunha da História. Seu testemunho restringe-se aos acontecimentos ao quais ele esteve ligado – como ator ou expectador [sic]. Para escrever, o autor normalmente recorre a testemunhos de outras pessoas presentes ou mesmo a fontes documentais; contudo é a primeira pessoa que toma a frente na narração, organizando os fatos de acordo com a perspectiva pessoal de um indivíduo em particular (MENDES apud, SILVA, 2017, p.32-33).

Ainda a respeito da memória coletiva e individual, Halbwachs afirma que a memória coletiva e a memória individual precisam uma da outra para se constituírem, uma vez que a coletiva é formada a partir da individual e esta, por sua vez, é constituída com referência às lembranças de um grupo.

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (HALBWACHS, 2006, p. 29, grifos nossos).

Desse modo Cunha recorre sempre ao grupo de amigos para escrever, de acordo com Halbwachs, nossas lembranças não são apenas nossas. O sociólogo pondera, então, que

“talvez não fosse a capacidade de voltar a pensar neles que nos estivesse faltando, mas a de pensar neles com intensidade suficiente para nos recordarmos de todos os detalhes” (HALBWACHS, 2006, p. 54). Victor Cunha neste fragmento abaixo de sua crônica utiliza de sua memória individual e também da coletiva ao relembrar os fatos e nos convida (através do trecho: “Quem não se lembra”) a trazer para a memória as lembranças daquele passado,

[...] unindo todas classes de nossa sociedade para sambar e desfilar no asfalto de nossa principal avenida! Toda cidade vibrava com as Escolas! Naqueles dias de Carnaval, a cidade recebia uma enorme platéia de visitantes! Os desfiles continuaram intercalados até 1984. De 1977 até 1985, surgiram também as Escolas de Samba **UNIDOS DO VERDÃO** e **UNIDOS DA COTIA**, que também fizeram boas apresentações. Quem não se lembra dos blocos: **BLOCO DE ÍNDIO** (do Gude e sua cobra), **BLOCO DAS PIRANHAS**, e, desde 1979, uma semana antes do Carnaval, desfila pela cidade, o **BLOCO DAS VIUVAS ATORMENTADAS**, [este existe até hoje] que primeiramente chamava-se **VAI QUEM QUER** ou **BLOCO DO CAIXÃO** (CUNHA, “Uma pequena História do Carnaval de Três Corações, 2000, s/p, grifos do autor).

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com os outros, “lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte, isto é, colocando-se no seu ponto de vista, e usando todas as noções que são comuns a seus membros” (HALBWACHS, 2003, p.29).

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 2003, p. 34).

Victor Cunha, tem a preocupação de registrar os músicos e músicas famosas daquela época como, Ary Barroso, Mário Lago, Ataulfo Alves, e outros afirmando serem a “verdadeira música popular”, “eterna e imperecível” neste fragmento há uma ideia de valor, para Cunha estes são os bons compositores, o cronista, coloca seu gosto musical, revelando que a boa música era desses compositores. Deixa aflorar seu saudosismo, explícito, Cunha lamenta, este tempo que passou e que não volta mais e revive o passado, vejamos nesse trecho a seguir:

De 1900 – “Zé Pereira”, “Carnaval de Sempre” e “Óh abre alas”, até 1970 “Bandeira Branca”, vários sucessos marcaram nosso carnaval, é o “**CARNAVAL DOS VELHOS TEMPOS**”, o Carnaval dos Clubes, dos Salões, dos Cordões tradicionais, Ranchos e Blocos de Rua, que desfilavam pelas ruas da cidade, que, **infelizmente, não voltará jamais**, apesar da animação dos foliões de hoje (CUNHA, “A História do Carnaval, 2001, s/p grifos do autor).

Nota-se a nostalgia no fragmento, quando Cunha narra, “infelizmente, não voltará jamais, apesar da animação dos foliões de hoje”, percebemos que, segundo Bosi:

Há, pois, da parte do sujeito que conhecemos sob a forma de narrador oral memorialista uma atividade que não é apenas de simbolização[...]; é também da intuição de um devir, do seu próprio devir de homem que se vê envelhecendo, enquanto sentimento de um tempo que, simultaneamente, passou a se re-apresentar à consciência e ao coração. É mais num reviver de imagem do passado (BOSI, 2003, p.44-45).

Quanto à familiarização e diálogo do autor com o leitor, também fica evidente no fragmento abaixo:

Esperamos que você reviva conosco as emoções dos carnavais que marcaram época, inesquecíveis, com Pierrôs, Arlequins, Colombinas... Lança-Perfume, confete e serpentinas, lendo e cantando baixinho, mesmo que seja no chuveiro... Amélia, Emília, Isaura, Aurora, Pierrô Apaixonado, A Jardineira, Mamãe eu quero, Cabeleira do Zezé, Agora [sic] é Cinza, É com esse que eu vou, Leva meu Samba, Cidade Maravilhosa e muitas outras, verdadeiras obras primas que fizeram o sucesso de nossos carnavais.

Até outro dia, se Deus quiser! (CUNHA, “A História do Carnaval, 2001, s/p, grifos nossos).

Passamos para a última crônica a ser analisada, “O natal sua origem e tradições”, publicada no *jornal Três* em 25/12/2000. Cunha narra logo no primeiro parágrafo uma curiosidade: “Dezembro, mês 12, último mês do ano no Calendário Gregoriano. O Interessante é que a palavra vem do latim ‘december’, derivado de ‘decem’ que significa ‘dez’, pois no Calendário Romano era o décimo mês! ” (CUNHA, “O natal sua origem e tradições”, 2000, s/p). Ao narrar esta curiosidade parece querer chamar a atenção do leitor, levando-o a uma reflexão [mas se dezembro é 10 porque está no calendário como 12?] conquistando, assim sua atenção. Cunha relata, as comemorações importantes deste mês, além do natal, notam-se que ele fez uma relação das comemorações diversas do mês de dezembro:

Vejam só: Dia 2, comemora-se o ‘Dia do Samba’ e ‘Dia do Casal’; Dia 4, ‘Dia Mundial da Propaganda’; Dia 7, ‘Dia da Bíblia’; Dia 10, ‘Dia Mundial dos Negros’; Dia 25, dia do ‘Nascimento do Menino Jesus’ ‘NATAL’, e dia 31, ‘O Dia da Esperança’, **no mundo inteiro comemora-se** com foguetório e grandes festividades o ‘Reveillon’, a ‘Passagem do Ano’. (CUNHA, “O natal sua origem e tradições”, 2000, s.p, grifos nossos).

Segundo o historiador francês, Jaques Le Goff, a história se constrói no presente e dialoga com o passado por meio das memórias, através da perspectiva da tradição, e do ato de comemoração. Cunha vai lembrando os fatos e diz: “Mas falando de NATAL, **vem imediatamente em nossa memória** a imagem tradicional do bom velhinho ‘PAPAI NOEL’, amado e esperado com ansiedade pelas crianças!” [E também se recorda de outro fato que ocorreu, ao escrever sobre o papai Noel e presente, este fato veio à tona na sua memória]: “E por falar em presentes, me lembro muito vagamente, **que minha mãe contava** duas passagens interessantes; ” (CUNHA, “O natal sua origem e tradições”, 2000, s/p, grifos nossos). Aqui Cunha relembra mais uma vez seu tempo de criança, de acordo com Halbwachs, sobre as memórias da infância que são impregnadas do que resulta do grupo do qual a criança faz parte mais intimamente que é a “família” [no caso sua mãe]. Pois cunha relata uma história que sua mãe contava quando era criança e essa história ficou gravado em sua memória.

Outro espaço da memória é o calendário, que remete a eventos e celebrações que estão presentes em um tempo passado, constituindo um meio de se preservar a identidade de uma nação com os feriados comemorativos e eventos históricos e religiosos tradicionais, como o citado acima por Cunha, o natal e o réveillon, principalmente. Segundo Le Goff, “O ensino cristão é memória, o culto cristão é comemoração” (LE GOFF, 2003, p. 446).

Se a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus, anualmente na liturgia que o comemora do Advento ao Pentecostes, através dos momentos essenciais do Natal, da Quaresma, da Páscoa e da Ascensão, cotidianamente na celebração eucarística, a um nível mais ‘popular’ cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos. [...]. Os mártires eram testemunhos. Depois da sua morte, cristalizava-se em torno da sua recordação a memória dos cristãos (LE GOFF, 2003, p. 446).

Segundo Le Goff, na Idade Média, com a difusão do cristianismo, a memória coletiva modifica-se, visto que as religiões judaica e cristã têm como base de sua fé a memorização, a recordação. Traços dessa transformação são: o desenvolvimento da memória dos mortos, o papel da memória no ensino articulando o oral e o escrito, a divisão da memória coletiva entre memória litúrgica e memória laica, desenvolvimento da memória dos mortos, entre outros. O

ensino cristão é memória, e esta se manifesta, essencialmente, na comemoração de Jesus, revelada no calendário litúrgico, e em sua cristalização nos santos e mortos.

Ainda de acordo com Le Goff, foi durante a Revolução Francesa que Mona Ozout descreveu a utilização da festa revolucionária ao serviço da memória e “Comemorar”, tornou-se importante, e foi colocada em prática pelos governos, como recorda o historiador (LE GOFF, 2003, p. 462). Contudo o ato de “comemorar”, já vem a séculos, esta necessidade do ser humano e da sociedade de alimentar através das festas a recordação de um fato importante se dá em todos os países, percebemos que Cunha pretende com esta crônica evidenciar a importância do ato de comemorar, assim, segundo Le Goff, “a laicização das festas e do calendário facilita em muitos países a multiplicação das comemorações” (LE GOFF, 2003, p. 464).

Neste sentido, analisando o restante da crônica “O natal, sua origem e tradições”, percebemos que Cunha faz um histórico do natal e suas representações, “O NATAL começou a ser comemorado a partir do ano 378; O primeiro Presépio, de acordo com a tradição, foi encenado na noite do NATAL do ano 1.223, por São Francisco de Assis, que retratou o nascimento de JESUS, com pessoas num estábulo, na cidade de Assis, na Itália; Os tradicionais ‘Cartões de Natal’, surgiram em 1843; A canção “NOITE FELIZ” foi composta em 1818; A figura do ‘PAPAI NOEL’[...] chegou ao Brasil através dos imigrantes portugueses e italianos, por volta do Século XVIII; O costume de se montar “Árvores de Natal”, passou a ser popularizado a partir de 1909” (CUNHA, “O natal sua origem e tradições”, 2000, s/p). Acreditamos que Cunha realizou uma pesquisa para depois escrever esta crônica, pois citou as datas de cada acontecimento, tentando colocar os detalhes de cada representação, cumprindo assim um dever dito social.

Por este viés, segundo Bosi, “Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 63). Pois Cunha se preocupa e pede desculpa, se sentindo na obrigação de lembrar de fatos e não esquecer os detalhes, mas notamos que isso acaba acontecendo, ao escrever, “encerro os trabalhos deste ano, desculpando-me pela [pelas] falhas e erros e esquecimentos que ocorreram em todas minhas crônicas publicadas no Jornal Três” (CUNHA, “O natal sua origem e tradições”, 2000, s/p). Cunha revela nesta frase que é cumpridor de seus deveres e que não é perfeito, dizendo: **“Encerro os trabalhos deste ano, desculpando-me”**, como se isso fosse uma obrigação a ser cumprida por ele e se desculpa, afirmando que os erros e falhas estão presentes em “todas minhas crônicas publicadas no Jornal Três” assim como também deixa claro na crônica “O presente”, já citada nesta

pesquisa, quando escreve, “ graças a Deus eu não sou escritor, apenas um simples Cronista e saudosista, senão, teria que pendurar as chuteiras!”, sobre essa perspectiva, o autor declara, seu modo simples de escrever com seus textos modestos e despretensioso, portanto, segundo Bosi, “neste momento de velhice social resta-lhe no entanto uma função própria: a de lembrar” (BOSI, 1994, p. 63).

Finalizando as análises, podemos pensar: mas seriam as lembranças trazidas pela memória de uma pessoa, no caso o cronista Victor Cunha, substancialmente importantes para compreendermos aspectos da vivência na cidade de Três Corações? O questionamento que se impõe é instigante e nos instiga, também, a procurar uma explicação que se mostre plausível e admissível. Para tal, recorreremos à Bosi, “Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembrança” (BOSI, 1994, p. 63). A ideia, portanto, é considerar que Victor Cunha com suas histórias e memórias sobre a cidade de Três Corações, tem grande importância e acreditamos que Cunha é estimado pela comunidade tricordiana por suas experiências e lembranças.

Concluimos com a pergunta e resposta - Para que servem os velhos? Para lembrar, lembrar muito e lembrar bem. Esta é uma conclusão simples que nos leva a autora Ecléa Bosi em seu livro, sobre memória social, ancorado na velhice - essa fase da vida inevitável que muitos jovens simplesmente ignoram.

Ecléa Bosi propõe que o “passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente no presente” (BOSI, 1994, p. 46). Para ela, a memória “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere o processo “atual” das representações” (BOSI, 1994, p. 46). Assim, o passado é construído a partir do presente, interferindo na compreensão do passado e na construção do próprio momento presente de quem analisa ou estuda produções memorialísticas.

E o lugar vivido e defendido por Cunha era sua cidade natal, Três Corações, que desde sua infância estava presente firmemente em suas vivências, que posteriormente viriam a se tornar lembranças, compondo assim suas crônicas memorialísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o trabalho de pesquisa constatamos que, além do livro *Crônicas de Victor Cunha*, ele, Cunha é autor de outros dois livros (*Três Corações... um pouco de sua história e Saudade...*). Ambos são classificados pelo autor como “documentários” sobre Três Corações, “contando um pouco de sua história e registrando dados” (CUNHA, 2012, p. 05), a fim de reportar “o que ainda está guardado em minha memória, tudo que lembro de minha infância, de como era Três Corações” (CUNHA, 1998, p. 01). Esses dois livros apresentam texto mais elaborado, acompanhado por fotografias e legendas, ao passo que *Crônicas de Victor Cunha* apresenta textos em linguagem mais cotidiana, lembrando que é um livro inacabado está apenas digitado e encadernado, nele consta 27 crônicas, selecionadas pelo autor.

A pesquisa teve como objetivo analisar as crônicas memorialísticas reunidas no livro inédito *Crônicas de Victor Cunha*.

Observamos a ocorrência, na escrita de Victor Cunha, da aproximação entre o gênero literário crônica e a arte de contar histórias, pois o autor parece fundir o cronista e o contador de causos/histórias. Também desenvolvemos uma reflexão acerca da memória, a partir das crônicas de Victor Cunha conforme observado nesses textos, o autor busca resgatar a história e a memória do cotidiano de Três Corações por meio de sua percepção do passado e do presente da cidade.

Conforme argumentamos nesta dissertação, a crônica conserva a marca de registro circunstancial, feito por narrador-repórter. Assim, podemos considerar que as crônicas que Victor Cunha escreve relatam fatos do cotidiano e culturais da cidade, para muitos leitores, dirigindo-se a uma classe que tem preferência pelo jornal, de início (só depois ela irá integrar uma coletânea que geralmente organizada pelo próprio cronista).

Entende-se que a diferenciação entre crônica e literatura (ou entre cronista e escritor) está explícita na crônica “O presente”, feita por Cunha, o autor constrói esse paralelo a partir do contraponto entre a linguagem que ele emprega e a linguagem - “redigir bem” - do texto de apresentação que ele cita nesta crônica e que entra em contradição com a crítica e a teoria literária, pois conforme se lê em Jorge de Sá, “a crônica também é literatura” (SÁ, 1992, p. 10). Parece que, para Cunha, a diferença entre crônica e literatura reside mais no modo de escrita (o primeiro é simples, o segundo, complexo) do que entre o relato de fatos reais e a recriação deste pelo cronista/escritor.

No momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a escrita como arquivo e a transitoriedade e se tornou eterna. A mudança provoca um novo direcionamento: o público do jornal é mais apressado; o público do livro é mais seletivo pela possibilidade de escolher um momento mais solitário para ler o autor e textos de sua preferência,

A atitude diante do texto é que muda. [...]. Assim, quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a magicidade do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da leitura (SÁ, 1992, p.86, grifo do autor).

A nosso ver, ao atuar em várias instituições culturais tricordianas, bem como se exercitar em diferentes linguagens (crônica, fotografia, memorialismo, radialismo) e militar pela cultura local, no caso de Cunha, dada sua participação na vida tricordiana a partir dos jornais e da rádio, caracteriza-o como militante. Conforme escreve na crônica, “Não tenho outra ‘arma’ a não [ser] a caneta para escrever ou a rádio para falar!” (CUNHA, “Coisas que incomodam 2...”, [2000?], s/p). Conforme observado por Chauí, no texto de apresentação do livro de Bosi, *Memória e sociedade*, “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele. ‘[...]’” (CHAUI, 1979, s/p). Em consoante com a citação completa Bosi, “Por que temos de lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva[...]” (BOSI, 1979, texto de apresentação). Notamos que Cunha manifesta tal gesto de registrar o passado. Segundo Bosi, “Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças” (BOSI, 1979, p. 23-24).

Acreditamos que ao desenvolver esta pesquisa, “Memória de Três Corações nas crônicas de Victor Cunha”, procuramos resgatar um autor importante para a cidade de Três Corações, de modo a preservar e difundir o esforço do primeiro e o patrimônio da segunda, endossando assim a proposta do Grupo de pesquisa *Minas Gerais-Diálogos*, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, que tem como proposta de estudo manifestações culturais e artísticas de Minas Gerais.⁹ Por este viés, tendo em vista a inexistência de fortuna crítica sobre Cunha, consideramos que o presente trabalho justifica sua validade, uma vez que estamos a construir referências para pesquisas futuras.

A pesquisa iniciou-se com a seguinte questão: Victor Cunha ao elaborar suas crônicas sobre Três Corações estava mais interessado em abordar o presente ou o passado da cidade?

⁹ São líderes do grupo os professores Doutores Cilene Pereira e Luciano Cavalcanti.

Percebemos que Victor Cunha olha para o passado para “cutucar” o futuro. Conforme analisado, elas são mais vinculadas ao passado e suas memórias da infância e memórias de grupos ao qual Victor Cunha fazia parte, Cunha quase sempre recorre ao grupo de amigos para escrever, de acordo com Halbwachs, nossas lembranças não são apenas nossas. Devemos levar em consideração, portanto, que mesmo a memória de vivência individual pode nos trazer aspectos que a excedam, visto que o individual não pode alijar-se das influências sociais, ditas coletivas. Ressaltemos que esse cronista memorialista, se vale também de memórias registradas em arquivos, mas não de qualquer memória, mas acredita-se que somente aquelas que ele julgou de interesse, para registrar a memória da cidade.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 2003, p.25).

Esta pesquisa nos mostrou que a maioria das crônicas do livro analisado, está entrelaçada com a memória coletiva e individual. Conforme vimos nesta dissertação para Bosi (BOSI, 1979, p. 23) o velho se interessa pelo passado e tem necessidade de evocar e compartilhar as lembranças desse passado. Para isso, ele procura precisa-las, interroga outros velhos, relatando aquilo de que se recorda, “quando não cuida de fixá-lo por escrito”. Nesse viés é que Victor Cunha supervaloriza o passado com suas histórias no estilo romântico com um olhar sempre atento aos acontecimentos, narrando a memória cultural da cidade de Três Corações através de suas crônicas.

Nossas limitações esbarraram numa falta de conteúdos amplo para nossa pesquisa, tendo em vista a inexistência de trabalhos de maior fôlego dedicado exclusivamente às obras de Victor Cunha, exceto a dissertação de autoria de Lisa Paula, em que são analisadas algumas canções de Cunha. Também em função de prazos e limites impostos pela pesquisa acadêmicas, nos dedicamos, aqui, exclusivamente às crônicas memorialísticas.

Esperamos que futuros pesquisadores que se interessam pela obra de Victor Cunha e, principalmente, pela sua mirada memorialística, possam tirar proveito de nosso estudo, que tem um caráter embrionário, para as pesquisas futuras. Como também, é claro, para outras inúmeras possibilidades de abordagem da obra do autor tricordiano.

REFERÊNCIAS

- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In:_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, (p. 13-48).
- BOSI, Ecléa. Introdução; Memória-sonho e memória-trabalho; Tempo de lembrar. In: *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA. Setor de Filologia (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CANDIDO, Antonio. Comentário e interpretação literária. In:_____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2004. p. 27-36.
- CHAUI, Marilena. Texto de Apresentação. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.
- CUNHA, Victor. *Crônicas de Victor Cunha*. [Três Corações: [2000/2001? s/p.]
- CUNHA, Victor. *Saudade...: um pedaço da história de Três Corações nas palavras de Vitor Cunha – 1929-1999*. Três Corações: Gráfica Vértas, 1999.
- CUNHA, Victor. *Três Corações... um pouco de sua história*. Três Corações: Editorun, 2012.
- FERREIRA, Simone P. S., *Victor Cunha testemunha de uma Três Corações imaginada*. <<https://docplayer.com.br/10542385-Victor-cunha-testemunha-de-uma-tres-coracoes-imaginada.html>>. [Acesso em 10/08/2018].
- FRIEDMANN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito-crítico. *Revista USP*. n. 53, p. 166-182, 2002.
- GANDIN, Luis Armando; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos. *Currículo sem fronteiras*, v. 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/curriculosemfronteiras.pdf>.
- LE GOFF, Jaques. Memória. In: _____. *História e memória*. Traduções: Irene Ferreira [et al.]. Campinas: Ed. Unicamp. 2003, p.419-476.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. A tipologia de Norman Friedman. In: _____. *O foco narrativo* (ou a polêmica em torno da ilusão). 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1987.

LEME, Rejany Carvalho. Acervos Tricordianos: Pesquisa de campo. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/rejany_carvalho_le_mes.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

LOPES FILHO, Cláudio Sudário. *História e memória: dois olhares sobre o passado de Ouro Branco*. 61 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Mestrado em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. Três Corações, 2006. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/historia_memoria.pdf>. Acesso em 18 de set. 2018.

LOPES, Paula Cristina: “Acrônica (nos jornais): O que foi? O que é?” Universidade Autônoma de Lisboa, 2010: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lopes.pdf>> [acesso: 20/02/2020]

MARTINS, Priscila Rosa. Revisando a crônica brasileira: a condição do cronista. Londrina, *Estação Literária*. v. 6, p. 107-114, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL6Art12.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

MELO, Carina A. D. *Fragmentos da cidade: história e memória em Três Corações por três corações*. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Mestrado em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. Três Corações, 2008. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/dissertacao_carina.pdf>.

Acesso em 10 de ago. 2018.

OLIVEIRA, Lisa. P.A.V. *Memória e identidade nas tradições musicais tricordianas*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Mestrado em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. Três Corações, 2005.

PEREIRA, Aline de Souza. A modernização de Três Corações sob o olhar de Darcy Brasil. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/modernizacao_aline_de_souza_pereira.pdf>. Acesso em 18 de set. 2018.

PEREIRA, Aline de Souza. Acervos Tricordianos: Marcos Teóricos. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/marcosteoricos_aline_de_souza_pereira.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

- PEREIRA, Cilene M. “A dor da gente que não sai do jornal”: poesia, canção e política. In: *Recorte*, v. 13, n. ° 1, 2016. <http://periodico.unincor.br/index.php/recorte/erticle/view/2785> acesso 13/03/2020.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto, Antropofagia. In: _____. *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 90-99.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002, p. 07-25.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*. v. 8, n. 10, p. 61-80, jul/dez. 2004a.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.
- PORTELLA, Eduardo. Visão prospectiva da literatura brasileira. In: _____. *Vocabulário técnico da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro, 1979.
- REDMOND, William Valentine. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. *Verbo de Minas*. v. 9, n. 17, p.133 – 142, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/download/238/145>> Acesso em: 28 nov. 2018.
- RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007. p. 25-142.
- ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: _____. *O passado, a memória, o esquecimento*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010, (p. 15-38).
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1992. Série princípios.
- SILVA, Alitta Guimarães Costa Reis Ribeiro da. Prefácio. PEREIRA, Luís Marcus Matos. *Movimentos essenciais*. Três Corações: Gráfica da Unincor, 2000. p. 04-05.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. A descoberta do local. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/marcelino_rodrigues_da_silva.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. As lembranças de um lugar: memórias e identidades locais e regionais. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/lembrancas_marcelino_rodrigues_da_silva.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol e a crônica esportiva. *FuLiA / UFMG*, v. 2, p. 86-106, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13330>>. Acesso em 28 de out. 2018.

SILVA, Sheila Santos. *Città di Roma: uma história de família costurada com os fios da memória*. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Mestrado em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. Três Corações, 2017. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/Dissertacao_sheila.pdf>. Acesso em 10 de agosto 2019.

SOUSA, Benefredo de. *Três Corações adentro*. [Três Corações]: s.l., 1982.

TRISTÃO, Talita Carlos. *Acervos Tricordiano: visão geral*. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/talita_carlos_tristao.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

TRISTÃO, Talita Carlos. *As crônicas de Fernando Sabino: poesia de observação*. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Mestrado em Letras. Universidade Vale do Rio Verde – UninCor. Três Corações, 2013. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/talita_carlos_tristao.pdf>. Acesso em 10 de dez. 2018.

TRISTÃO, Talita Carlos. *Nada Ficou no Lugar: as concepções do tempo em Valério Neder*. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/nada_ficou_talita_carlos_tristao.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

TRISTÃO, Talita Carlos. *Valério Neder e o passado tricordiano*. [Três Corações: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/acervos_tricordianos/valerio_neder_talita_carlos_tristao.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura literária e outras leituras*. In: BATISTA, Antônio Augusto. (org.). *Leituras-práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 71-87.

Dicionários:

COSTA, Sérgio Roberto. Crônica (verbetes); Documentário (verbetes) In:_____. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 79-82; 94.

MOISÉS, Massaud. Crônica (verbetes). *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 131-133.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom (Ed.). Intelectual (verbetes). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 386-387.

HOUAISS. Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em <<https://www.dicio.com.br>> [acesso em 19/03/ 2020].

Jornais:

VICTOR Cunha deixa a Rádio Tropical. *Jornal Três*. 14 de maio de 2002.

Arquivos em disco rígido:

CUNHA, Victor. CD-Saudade. Três Corações: Gravadora Tom Maior, 1999.

ANEXOS

CRÔNICAS DE VICTOR CUNHA ANALISADAS

OBS: [as crônicas foram digitadas conforme o livro analisado e suas formatações].

NA TENDINHA DO GUILHERME (14 BIS)

[03/02/2001]

Os carrinhos com pipocas, churrasquinhos, amendoim torrado ou com chocolate, já são tradicionais em nossa praça! Se não me falha a memória, um dos mais antigos era o que pertencia ao Lothar, ex-funcionário da Rede Mineira de Viação, depois o ponto foi adquirido pelo saudoso Zico Pipoqueiro! Hoje, para não faltar com a tradição, seu filho Ziquinho, ou seja, Dr Sebastião Chaves Jr., ainda mantém um carrinho, na mesma praça e no mesmo local, sempre com excelente atendimento.

O Zé Pretinho, quando fracassa os serviços da serralheira, apela para o carrinho-de-pipoca! Ele fala que a pipoca e o pé-de-moleque que ele vende é com mel e o milho da pipoca é selecionado e importado! Não sei não, acho que é "papo furado"! Por muito tempo, no carrinho de pipoca do Zé Pretinho, foi o ponto-de-encontro dos Atleticanos para um bate-bola violento...não escapava ninguém!

Outros carrinhos foram surgindo e atualmente devemos ter uns 4 ou 5, incluindo os de cachorro-quente e o do Ernísio (não é o Ernísio dos 25\$000 mil réis que eu fiquei devendo) que está muito bom!

Talvez o Guilherme, por gostar muito de música (ele gosta mesmo é de acordeom???), por ter adquirido o primeiro carrinho de pipoca que pertenceu ao Zico Pipoqueiro, e também por manter uma equipe de atendimento "lusconforme" (Pancho e Carlinho), aos poucos foi conquistando uma clientela considerável, considerando ainda a qualidade da pipoca e da carne selecionada para o churrasco.

Tem uma equipe da pesada que se reúne ali quase todas às noites, o Rapunzel, Carlão do Banco do Brasil, Churrasquinho, eu, João Edson, o Professor Carelli, quando ainda vivia, e mais alguns outros, os quais, juntando com o Edinho do Trenzinho, a fofoca come quente! Não sei se foi idéia do saudoso Professor Carelli, por causa do formato da "tendinha" anterior, ela recebeu o apelido de 14 BIS... e o negócio pegou! Há uns 10 meses ou um pouco mais, o Professor Carelli e o Chefe Guilherme convidaram-me para tocar um violão com a turma da "Velha Guarda" nas proximidades da "tendinha", todas às sextas-feiras. A turma toda aderiu ao

convite e começamos a fazer uma Roda-de-Samba e uma mini-seresta o que tem agradao os que ali se encontram! Agora, a "festinha" foi transferida para às terças-feiras e cada dia aumenta mais a assistência que se diverte comendo pipoca, churrasco, sambando e tomando um "cerva" bem gelada!

Como sempre, o Cientista, Sebastião Maciel e o Marco Túlio da Calabresa aderiram à idéia e incentivam o grupo, cantando, bebendo e dançando, animando a festa! Estão participando como músicos, Paulinho da Viola, Domingos, Pedrinho, Orlando, Dunga, e os cantores, Mamed, o próprio Domingos, Lambreta, Roldão, Vitor Campos, Marly, Euza e Waltinho, que também dá um show de dança!

Um espetáculo emocionante é a revoada de andorinhas, que vem acontecendo neste verão bem em cima da Roda de Samba, bem próximo à Tendinha! Que eu me lembre, esta revoada nunca houve na cidade e muitos perguntam qual o fenômeno quase idêntico ao filme “Os pássaros”, de Alfred Hitchcock??!! Quem não acredita vai lá para ver, por volta de 19:30 h., que coisa mais linda! Uns dizem que elas vêm da América do Norte, outros do Canadá e até agora ninguém sabe ao certo, só eu??? Acredite se quiser, ontem até a EP-TV de Varginha veio filmar o espetáculo e entrevistou a turma toda, questionou daqui e dali e não descobriu o segredo da revoada das andorinhas! Uma coisa é certa, eles voltaram pra Varginha emocionados com os pássaros e o samba! Tenho certeza absoluta, foi o Professor Carelli que enviou lá do céu estes pássaros maravilhosos, para ouvir e abençoar a “Velha Guarda”, com mensagem de paz, amor e incentivo para que este acontecimento criado por ele e pelo Guilherme, contrarie o antigo slogan da “cidade do já teve”. Obrigado amigo! O Raul Amzalak é quem fala: “Nem terremoto acaba com essa Velha Guarda!”.

Para completar a farra, resolvi fazer o samba abaixo:

NA TENDINHA DO GUILHERME (14 BIS)

Ei, meu irmão

A moda agora, é na Tendinha do Guilherme

Lá tem de tudo que você pode imaginar

Ei, meu irmão

REFRÃO

Lá tem cerveja, tem churrasquinho e tem pipoca

Tem muito samba, pinga, pimenta e fofoca! (bis)

1=Sempre à noitinha, chega o 14 BIS

Vem em seguida, o Trenzinho do Edinho

Desembarcando a garotada bem feliz

Chupando balas e comendo churrasquinho... REFRÃO

2=Chefe Guilherme, tá na chapa, que olor

E o "Pancho Villa", mestre no Computador

Com o Rô e Coquinho, no Refri e na Pipoca

Fazendo sala, pra turminha da fofoca... REFRÃO

3=E o "Churrasquinho" vem(vinha) cantando "Boemia"

"Guarda Juju" com o apito em euforia

Tem o Marco Túlio, tem o João Edson na jogada

E o "Rapunzel", só gozando a "macacada"... =REFRÃO

4= Abençoando a cantata alegremente

As andorinhas vão chegando em escarcéu

Em revoada vão pousando nos seus ninhos

E o Professor Carelli aplaudindo lá do céu.

Até outro dia, se Deus quiser!

A IGREJA DO ROSÁRIO E O CRISTO

[13/02/2001]

Quando garoto, no início dos anos 40, me lembro bem, a molecada brincava bastante no Largo do Rosário! Lá soltávamos papagaios, peladas de futebol e também montavam-se parques e circos. Raramente entrávamos na antiga igreja, a qual já estava em fase de demolição; tínhamos muito medo, pois além de muito danificada, poderia desabar, e ainda comentavam que lá havia muitos morcegos!

Pelos registros da Casa da Cultura, a história da Igreja do Rosário é mais ou menos assim:

O sonho do Padre Agostinho era construir uma igreja no local mais alto da cidade, para comemorar as festanças e celebrações das Congadas. A obra teve início em 1868. Pelos dados que consegui, presume-se que o Cônego Zeferino Avelar, retornando de Ouro Preto para Três Corações, em 1884, com o auxílio dos chefes das Congadas e outras personalidades da época, tenha inaugurado a 1ª Igreja do Rosário, no Largo do Rosário, entre os anos de 1884 a 1893, tornando realidade o sonho do Padre Agostinho. Havia também no largo o Cemitério do Rosário, atrás da Igreja, murado e inaugurado no ano de 1873, durante as obras de construção da igreja. De 1898 a 1904, a Igreja do Rosário passou por sua primeira reforma, quando

foram demolidas suas duas torres laterais e erguida uma pequena torre central. Novamente, em 1925, foi reformada para a translação do Santíssimo Sacramento da Matriz, a qual seria demolida para construção de um novo templo.

Devido a seu péssimo estado, a Igreja do Rosário começou a ser demolida no final de 1940, contrariando grande parte da população, que preferia uma reforma e recuperação da mesma! Alguns anos depois, Dona Paulina Rotondaro promoveu um belo trabalho por toda cidade, sítios, fazendas, etc., angariando fundos para erigir uma nova Igreja, sendo que, em 1º de Novembro de 1959, foi lançada a Pedra Fundamental pelo Padre Joaquim Thierrri Carneiro. Meses depois as obras foram iniciadas. Em 1961, no decorrer das obras, o Prefeito Odilon Resende Andrade mandou colocar no alto da torre da igreja em construção, uma gigantesca imagem do Cristo Redentor, com 9,5 m de altura e quase 7 m de extensão com seus os braços abertos. Se estas medidas forem verdadeiras, a estátua está desproporcional, de acordo com a teoria de Leonardo Da Vinci, na qual registra que altura de um homem normal é igual a extensão de seus braços abertos! Eu já fiz o teste e comprovei, as medidas são bem próximas. Faça o teste você também! As peças da referida imagem foram colocadas no alto da torre no início de Maio de 1961 e a nova Igreja do Rosário, em estilo moderno, com tendências neogóticas e românicas, foi inaugurada em 13 de Maio de 1967.

Embora a igreja tenha sido erigida em honra a Nossa Senhora do Rosário, hoje é conhecida como Igreja do Cristo!

A título de curiosidade, vamos registrar abaixo, as duas maiores imagens do Cristo Redentor, no Brasil: A 1ª, está localizada no Rio de Janeiro, no Pico do Corcovado, uma das maiores do mundo, com 30 m de altura, sem a base; foi construída pela empresa "Pelerard Considerc & Calquot", de 1926 a 1931, e o projeto foi do Engenheiro Heitor da Silva Costa e a estilização foi do famoso estatuário francês, Paul Landowsky. Dizem que pesa 2 milhões de quilos, cada mão pesa 8 mil quilos, e a cabeça, com 4 m de altura, pesa 20 mil quilos; a largura do corpo é de 5 m e cada braço pesa 80 toneladas. A base da estátua mede 6 m de altura, pode acomodar 100 pessoas. Custou na época 2.500\$000 contos de réis e foi inaugurada em 12 de Outubro de 1931. É dotada de um perfeito sistema de iluminação e nela foram empregadas 1.145 toneladas de concreto armado!

A 2ª, está localizada em Pouso Alegre-MG, um trabalho artístico inspirado no Cristo Redentor do Rio de Janeiro, próximo à Torre da Embratel, a 8 km de Pouso Alegre, construída por um grupo de escultores cearenses. A imagem tem 27 m de altura, sobre uma base de 6 m onde

existe um mirante com acesso público. Da ponta de um braço ao outro tem 26 m, e a largura do corpo é de 5 m; toda a estátua pesa quase 50 toneladas!

A estátua do Cristo Redentor, no alto da torre da Igreja do Rosário, domina quase toda cidade, inspira, protege e enche o tricordiano de esperanças para melhores dias!

Não conseguimos maiores detalhes da nossa imagem do Cristo Redentor, no alto da torre da Igreja do Rosário, mas ela domina quase toda cidade, inspira, protege e enche o tricordiano de esperanças para melhores dias!

Até outro dia, se Deus quiser!

A GANG DA “MESA 7”

[08/02/2001]

Há muitos anos, uns 9 ou 10 anos, talvez mais um pouco, à tardinha, uma turma se reúne na “mesa 7” da Cantina Calabresa. Piadas são contadas, fofocas de todos os tipos, acontecimentos políticos, gozações e pegadinhas, enfim, é um encontro agradável, descontraído, tomamos a nossa “cerva” bem gelada, acompanhada de tira-gosto, uma pizza ou um bifinho a palito para temperar o encontro...mas ninguém escapa! A turma é bem variada, tem chefes políticos, candidatos, advogados, vereadores, ex-vereadores, funcionário público, radialista, jornalista, comerciantes, presidente de blocos de carnaval de rua, médico e dentista, e até um ministro católico e um pastor evangélico, tomando refrigerantes, às vezes participam da “rodinha”! Além das fofocas, temos as constantes briguinhas: O João Machado com o Cientista pela presidência das “Viúvas Atormentadas”; o Dr José Jamil contra o Tamborim (Roberto Pereira), o Guará e o Primeiro Ministro (Jefrinho), querendo mandar os três para uma das Romarias do Dr. Amâncio; Dr Loureiro e Dr Rinaldo tentando colonizar o Pastor Marcelão; o Cientista "dedando" a Tropical; O Ítalo Cupolilo tentando recuperar o brinco emprestado ao Cientista para desfilar nas “Viúvas Atormentadas” e assim por diante. Acredite se quiser, muitas decisões políticas importantes, depois de aprovadas pelo plenário, foram tomadas na "Mesa 7" pelo "Touro Sentado" com seu 1º Ministro (Jefrinho)!. O Marco Túlio e o Fabinho, os quais detestam e têm horror às fofocas(!!!???), ficam sempre de olho na cambada, igual coruja, captando o "bate-papo" e controlando a equipe de garçons e cozinheiras. Eles tratam o grupo com muito carinho, cada vez mais caprichando no atendimento. Se eu fosse garçom, A “mesa 7” seria a última mesa que eu queria atender! A turma reclama de tudo, do queijo, do tomate, da carne, do pão, por maior que seja o capricho

no atendimento! Fica bem claro, o atendimento dos garçons e das cozinheiras é no capricho, a “Gang da 7” é que é super-enjoada e encrencada!

As más línguas que o "disse-me-disse" na "rodinha" de mulheres, quando não é sobre a novela da Globo ou que fulana está andando com o ciclano, o papo é: “Você viu a fulana, que sapato fora de moda! Aquele vestido ela usou no ano passado! A saia não combina com a blusa, que coisa mais cafona! A beltrana está usando uma roupa muito justa, será que ela não tem marido?! Aquele colar e as pulseiras já saíram de moda! Como ela é brega... Uuuu!”

Por isso, chegamos à conclusão que ninguém pode falar de ninguém... e "c'est fini"!

A gente que vive no meio do Rádio e do Jornal, tem que prestar muita atenção e anotar tudo! Faz parte do dia-a-dia de nossa profissão... é vivendo e aprendendo!

Apesar de tudo, lá na “mesa 7”, às vezes, sai algum assunto aproveitável! Há poucos dias, cheguei mais cedo e enquanto aguardava a chegada do restante da turma, apareceu o Pastor Marcelão, e num bate-papo preliminar, ele contou-me uma história interessante dos cinco dedos da mão esquerda. A história é mais ou menos assim:

ILUSTRAÇÃO DA UNIÃO DOS DEDOS DA MÃO ESQUERDA

(Salmo 133:1)

1 - O Dedo Polegar falou para os outros dedos: Sou o mais importante de todos os dedos, sou a segurança, pois ao lado de todos os itens da RG (Carteira de Identidade) na terra está a minha marca! (Impressão digital)

2 - O Dedo Indicador logo disse: Eu é quem sou o mais importante! Sou o Juiz do Mundo, porque acuso o errado! Olhou para o Polegar e disse: como você poderá pegar ou segurar alguma coisa sem a minha ajuda?

3 - O Dedo Médio (Pai de Todos), disse: Eu sou o maior e o mais rico que todos, estou no topo do universo e de lá eu vejo e domino todos vocês!

4 - O Dedo Anular, falou: Eu sou o dedo mais próximo da humanidade! Sou o dedo preferido das mulheres, onde se coloca os anéis e a aliança para o casamento!

5 - O Dedo Mínimo (Mindinho) falou: Vocês não lêem a Bíblia? Em Lucas 14:11 está escrito que os humilhados serão exaltados e o menor será grande para Deus!

E assim, Deus criou a obra baseado nos dedos da mão esquerda: "**A UNIÃO FAZ A FORÇA!**".

Até outro dia, se Deus quiser!

OS CIRCOS E OS PARQUES DE DIVERSÕES

[30/01/2001]

Como acontecia em quase todas as cidades do interior, a diversão em nossa cidade se resumia no seguinte: Praça para passear à noite, as noitadas no clube até 23 h., cinema e rodinhas na esquina da sinuca ou nos carrinhos de pipocas, para discutir futebol do Atlético ou o filme que passou tal dia e os capítulos do seriado. Por incrível que pareça e o bate-papo não passava das 24 h! O Bar do Sr Salomão Naback, Bar Paratodos, Bar Balalaika, Bar do Ponto, O Bar e Restaurante Pingüim, e outros bares da famosa Rua 18, estavam sempre com bastante clientes! Mais tarde, é claro, a boemia comia até de madrugada na 40!

Havia um porém, quando chegava na cidade um circo ou um parque de diversões, a praça ficava um deserto, os bares desanimavam, o clube fechava mais cedo e o Ignácio Resck, dono do cinema, ficava espumando de raiva, pois suava frio para pagar os alugueis dos filmes da semana! O povo se concentrava nas proximidades do Circo ou do Parque e ali se divertia pra valer!

No Parque, havia Roda Gigante, Rema-Rema (canoinha), Globo da Morte, Carrossel com Cavalinhos, Correio Elegante, Jogo das Argolas, Tiro ao Alvo ou Álvaro, como diz o Adoniran Barbosa, roletas, etc., etc. A direção do Parque mantinha um serviço de alto-falante, com oferecimento de músicas pra namorada, às vezes incognitamente... era assim: "Agora vamos ouvir Chuá-Chuá, que alguém oferece à alguém com muito amor e este alguém sabe quem!" O "alguém" que recebia a música logo identificava o cara ou a cara, pois havia a mania dos casais de namorados escolherem uma música para identificar o namoro! Um dos principais parques que conheci, era o Parque Sul Americano, que chegou a fazer pião aqui em Três Corações; seu proprietário morou um ou dois anos aqui, e seu filho Aloísio estudou comigo no ginásio! Era um parque maravilhoso!

Nos dias de hoje, na época da Exposição, Outubro ou Setembro, a comissão organizadora contrata um Parque de Diversões, é lógico, mais moderno, com maiores atrações, mas podem ter certeza, não tem o romantismo daquela época!

Dos Circos, eu me lembro dos mais famosos: Circo Garcia, Circo dos Irmãos Robattini, este parece que existe até hoje, Circo do Palhaço Pirola, espetacular, Circo de Touradas do Orestes Parafuso, um escurinho do "chifre furado", pintava e bordava com os bois, Circo de Touradas do Antônio Corajoso, pai do Renato Corajoso, famosos toureiros nacionais, com o Palhaço Bebê, que também dominava bois, Circo do Lelé ou Lelé, com sua esposa "Miss Pequenininha", atração principal, vestida de baiana, cantando Ta-hi e imitando Carmen Miranda, Circo Americano, Circo Coliseu, Circo do Palhaço Tareco, exímio acordeonista, este circo era um pouco pequeno mas o palhaço Tareco era notável e atraía multidão, Circo dos Irmãos

Melo (8 irmãos), Circo dos Irmãos Stavonoik (não sei se escrevi o nome certo), que faziam diabruras no Globo da Morte, Circo do Palhaço Arrelia, exímio saxofonista e um dos mais famosos do Brasil, os Circos de Animais ferozes, onde o Zezinho Porreca entrou na jaula e desafiou o leão (esta passagem já contei em outra crônica), Circo Koslov, da macaca Katarina, e muitos outros que me fogem à memória! Certa vez, apareceu um circo de touradas, e o Zé Ovídio, que trabalhava cuidando de bois lá no Frigorífico Três Corações, gritou para o toureiro: “Ôh toureiro molóide, pega logo esse boi!”; o toureiro respondeu: “Vem você aqui e pega o boi, papudo!”. Aí o Zé Ovídio replicou: “Eu pego o boi e você!”. Levantou da arquibancada, foi na arena e juntou o boi pelos braços! O toureiro “rachou fora”! Vagamente, me lembro que atrás do prédio do antigo Edifício Colombo e de um casarão onde depois foi construída a Drogaria Santa Rita, antes de abrir a Rua Joaquim Bento de Carvalho (rua da Calabresa), os Parques e Circos eram montados ali, ou no antigo Largo do Rosário (Hoje Praça Mons. Fonseca), antes de Dona Paulina Rotondaro reerguer a nova Igreja do Rosário. Eram espetáculos sensacionais, trapezistas, malabaristas, equilibristas, Palhaços, mágicos, animais domesticados, números musicais ao vivo! O Conjunto do Maestro Álvaro Arcanjo sempre animava o espetáculo! Durante o dia, ele fazia propaganda dos circos, pelas ruas da cidade, em cima de um caminhão! "Hoje tem marmelada, tem sim senhor, o palhaço que é, é ladrão de mulher!" Para o circo de touradas, me lembro bem, os Fazendeiros e Boiadeiros alugavam alguns bois bravos! Quando a boiada vinha da Feira de Gado, conduzida pelas ruas da cidade em direção ao Circo, era um Deus nos acuda, uma correria danada! Era boi bravo investindo por todos os lados! Que saudade!

Depois, os circos e parques foram transferidos para área onde hoje se encontra o Terminal Rodoviário, inaugurado em 23 de Setembro pelo Prefeito José Sobrinho; ultimamente, são montados em frente ao Ginásio Poliesportivo Vileão.

A pergunta é sempre a mesma: "Porque será que naquela época, com a população bem menor, chegamos a ter 4 cinemas, Circos e Parques, praça super animada todos os dias, Atlético, clube sempre animado diariamente, e hoje, não temos mais isso?"

A resposta é muito simples: Televisão, Vídeo Cassete, Cursos Noturnos, o Computador e a Internet! Atualmente, quando se instala um circo ou um parque na cidade, quase ninguém toma conhecimento e eles vão embora magoados, aborrecidos, às vezes em situação financeira precária, muitas vezes sem pagar até a divulgação feita por Rádio e Jornais!

Hoje em dia, quantos bares e locais de diversões já encerraram suas atividades por falta de clientes? A frequência somente melhora um pouco nos finais de semana, o que não é o suficiente para manter uma empresa em atividades!

Será que isto acontece em todas as cidades do nosso porte!!!???

Até outro dia, se Deus quiser!

UM TRISTE "SLOGAN"

[16/01/2001]

Há pouco tempo houve um slogan atribuído à Três Corações: "Três Corações, a cidade do já teve". Quando um tricordiano ouve este slogan pela primeira vez, é claro, deve ficar triste, aborrecido, pois é mesmo de se lamentar o que falam de nossa terra! Hoje, porém, depois de raciocinar um pouco, chega-se à conclusão que o referido slogan registra bem o que vem acontecendo com Três Corações nestes últimos anos..."já teve" o Atlético, as Escolas de Samba, as Festas Juninas, O Chalé, a Esquina do Samba, os Festivais de Músicas, os Pic-nics, o Clube animado todas às noites, a Sede do Canto Rio, bem animada, o ringue de patinação do Badia, hoje Arabeer, os seriados nas Sextas feiras nos Cines Santa Cecília, São Miguel, Cine Zuza, Cine da Es.S.A, o Salão de Sinuca do Tio Tufi e do Salomão Naback, O Bar Balalaika, Bar Paratodos, Pingüim, Bar do Ponto, Bar Globo ou Ok, a Nestlé, as Retretas na praça e as Serestas com o Alvaro Arcanjo e Sô Minguinho, A Chegada de Papai Noel, O Réveillon com Banda e Foguetório, O Encontro de Folias de Reis, a Seresta Comemorativa do Dia da Cidade, as Rodas de Samba com a Velha Guarda, o Jockey Clube, as Passeatas na plataforma da Rede Mineira de Viação, ao meio-dia, para esperar as passagens de trens, as famílias com cadeiras nas calçadas para um bate-papo, os carros de bois vendendo laranjas e jabuticabas a preço de banana, os padeiros entregando pães pelas madrugadas ou deixando-os nas janelas, os animados leilões na Praça da Matriz, com cartuchos de amêndoas e muitos brindes...e por falar em leilão, ao passar de carro na Praça da Matriz, há alguns anos, pude notar que o tradicional Leilão de São Sebastião que naquela noite se realizava, estava quase vazio, uma meia dúzia de pessoas além de meu pai e de seus companheiros Vicentinos que ali trabalhavam! Este ano o leilão, que sempre animava a Praça da Matriz, com a Banda União Rioverdense do saudoso Maestro Alvaro Arcanjo, será realizado no Seminário S. José - Cotia. Nos meus tempos de criança, -lembro Ataulfo Alves-, os brinquedos eram a Roda de Pião, bolinha de gude, jogo botões nas calçadas, -outra vez Ataulfo Alves-, as peladas, jogo de betes, jogo de maré, pular corda, acusada, carneirada, uma na mula, colecionar marcas de cigarros e de caixas de fósforos, o estoque com cascas de laranjas, tico-tico fuzilado e o inesquecível estilingue, que era feito com um gancho de jabuticabeira e tiras de elástico de câmara de ar de automóveis! Jamais esquecerei os seriados das sextas-feiras, Flash Gordon, Aranha Negra, Zorro, Dick Tracy, Capitão Marvel, Guarda Vingador, A Caveira, do "dois por uma" no Cine São Miguel com o Jorge Resck fazendo caretas para a garotada...o valor do

ingresso era 600 réis; a gente ganhava do pai 500 réis, sendo 300 réis para o "dois por uma", um tostão para comprar balas no botequim do Sr. Arestides Ferreira e um tostão para comprar o picolé do Bar do Salomão Naback ou do Jorge Casquete! Para quem não sabe ou não se lembra mais, um tostão valia cem réis! Isto tudo foi substituído pelos sorvetes Kibom, pelos brinquedos eletrônicos, pelo vídeo-game e pelos filmes da Televisão, ou então, riscar carros, roubar emblemas de carros, pichar muros e paredes. Será que valeu à pena!

Já faz algum tempo que o apito da Rede Mineira de Viação silenciou, aquele tradicional apito que durante muitos anos nos orientava quase que o dia inteiro! Ele apitava nos dias úteis, nos seguintes horários: às 6:30 h., às 6:45 h., às 7:00 h., às 11 h., às 12 h, 12:30 h., 12:45 h. e às 16:30 h, se não me falha a memória! Este apito, de grande utilidade pública, poderia ser substituído hoje por uma sirene e administrado por alguma empresa local que mantém vigias noturnos, ou pela CEMIG, E.S.A ou mesmo pela própria Prefeitura Municipal, que exigem sempre um funcionário de plantão...garanto que agradaria, que ajudaria e que iria nos orientar bastante!

Muitas pessoas perguntam porque a Seresta na Praça, aos domingos, não está sendo mais realizada! Será que vai seguir também a tradição da "cidade do já teve"? No momento, ainda não sentimos o interesse da nova administração, que acreditamos estar com problemas mais sérios para serem solucionados! Por enquanto, estamos fazendo uma pequena Roda-de-Samba e uma mini-Seresta ao lado da "Barraquinha" de churrasquinhos e pipocas do Guilherme, todas as terças-feiras, até ver "o bicho que vai dar"!

Vejam quanta coisa boa acabou, umas às vezes voltam, como no caso do Atlético, outras foram substituídas, alguma coisa nova surgiu, mas, o que é bom mesmo "neca de pitibiribas", ficou no Século passado!

Infelizmente, são conseqüências do progresso!

Até outro dia, se Deus quiser.

SÓ MESMO NA RÁDIO TROPICAL...

[06/02/2001]

Quando adquirimos o controle acionário da Rádio Clube Três Corações, em 1979, parece que foi um sonho realizado, pois toda minha vida foi regada de música e agora (naquela época), iria viver no meio da música até o fim dos meus dias!

Pois bem, fizemos uma reforma geral nos equipamentos, aumentamos a potência, modificamos os estúdios, etc., etc., e conseguimos cumprir fielmente o que nos fora exigido

pelo DENTEL. Fizemos um concurso, passamos o nome para Rádio Tropical, criamos novos programas, e graças a Deus, o negócio vai indo de "vento-em-popa"!

Nos anos que se seguiram, fomos atualizando normalmente os equipamentos da empresa, até que, em 1985, conseguimos ganhar um canal de FM para nossa cidade. A FM entrou no ar em 1º de Maio de 1985, instalada anexa aos estúdios da AM; esta havia sido inaugurada em 21 de Maio de 1947.

Em 1991, com a chegada de um novo sócio iluminado para bons negócios, conseguimos a aquisição de prédio próprio para nossos estúdios e hoje, toda modernizada por sistema informatizado, estamos acompanhando, na medida do possível, algumas evoluções da Radiodifusão em nosso país. Estamos instalados à Rua Casemiro Avelar Filho, 143-sobre loja e ficaríamos satisfeitos se os tricórdianos nos visitassem no horário comercial, para conhecer um pouco de nosso trabalho!

Bem, voltemos no mês de novembro do ano de 1989, ainda no prédio antigo, no segundo pavimento do posto de gasolina da Avenida Getúlio Vargas. Eu já havia me aposentado do INSS e estava dirigindo as duas emissoras (AM/FM), quando fui procurado por um rapaz moreno pedindo para ser admitido como funcionário da Rádio, pois tinha vontade de ser sonoplasta, ou operador de mesa de estúdios. Analisei o cara de cima em baixo e senti firmeza, seria uma boa contratação, pois era simpático, simples e agradável. Perguntei seu nome e então falei: "Você pode iniciar o treinamento a partir de amanhã, e logo que você estiver apto, venha me comunicar, OK?". Aí o Robson iniciou o treinamento e depois de um mês procurou-me declarando que estava treinado e queria assumir a técnica da AM no horário das 18:00 às 24:00 h., alegando que durante o dia poderia estudar ou arranjar um outro "bico"! Quem fazia o horário da Ave Maria, às 18 h., era o José Maria Lima e ele explicou ao Robson o seguinte: "Depois que eu ler os oferecimentos da prece, você coloca o fundo musical para que eu possa rezar a prece, tudo bem?". O Robson concordou e vejam o que deu. Logo que o Robson colocou o fundo musical, a música Ave Maria de Gounod; o José Maria começou a rezar a prece; o fundo estava um pouco alto e o José Maria fez um sinal com a mão para baixo, para que fosse abaixado um pouco o fundo musical o Robson ajoelhou do outro lado da mesa e fez o "nome do padre"! (vejam abaixo um desenho do acontecido).[no livro analisado não consta o desenho]

Se o fato foi verídico eu não sei, eu não estava presente, mas até hoje é comentado nas rodinhas de fofoca! Só mesmo na Rádio Tropical!

A verdade mesmo é que hoje, o Robson é um dos melhores funcionários de nossa Rádio, dedicado, atencioso, educado, querido por todos e mantém excelente programa na Tropical FM, todos os sábados, às 19 horas!

O CURRAL ELEITORAL – O ELEITOR DE CABRESTO!

Desde os meus 18 anos, quando votei pela primeira vez, ouvia sempre na época das eleições, os termos “O CURRAL ELEITORAL-O ELEITOR DE CABRESTO!”. Jamais poderia imaginar o verdadeiro sentido destas palavras, pois não era filho de político e não tinha ligações com Partidos e Candidatos. Quando fiquei noivo, no ano de 1954, fiquei ligado à Família Pereira, desde o início do namoro, pois a Therezinha residia no Rio de Janeiro e quando vinha passar as férias em Três Corações, ficava hospedada na casa de seu tio, o Sr Iéco (Américo Dias Pereira), o qual foi candidato às eleições de 1954; ele fora eleito e dirigiu a cidade de 1955 a 1958.

Pois bem, na campanha eleitoral do Sr Iéco, eu tive a oportunidade de ficar conhecendo a fundo os termos “CURRAL ELEITORAL e ELEITOR DE CABRESTO”! Eu me dava muito bem com o Sr Iéco, gostava de ouvi-lo contar passagens de sua vida como fazendeiro e como político; ele tinha um Chevrolet cor verde-garrafa, 1950 ou 1951, não me lembro bem, e este carro me foi entregue para fazer algumas viagens para buscar eleitores na Zona Rural, a pedido do Sr Iéco. Muito bem, os membros do Partido se reuniam, organizavam um itinerário, e os que possuíam veículos, na madrugada do dia da eleição, partiam para buscar os eleitores. Eles ficavam aguardando nas casas dos chefes políticos, onde tomavam café com pão, queijo, quitanda, etc., e almoçavam também; dali, outra turma, ou seja, “OS CABOS ELEITORAIS”, eram incumbidos de levá-los para votar. No fim da tarde, eles retornavam para suas casas, na Zona Rural. Este procedimento era uma segurança para o Partido, pois os votos eram feitos com cédulas e cada eleitor levava um jogo de cédula devidamente preparado para depositá-lo nas urnas; se o eleitor fosse sozinho, no meio do percurso apareciam os “picaretas” que trocavam cédulas. Se bobeasse o cachimbo caia! Daí surgiu os termos CURRAL ELEITORAL e ELEITOR DE CABRESTO!

Conheci alguns Chefes Políticos, na maioria Fazendeiros, inteligentes e de grande visão administrativa; eles chegavam mesmo a prejudicar seus afazeres particulares e arcavam com todas as despesas do Partido, entretanto, muito fizeram por nossa terra! Citamos alguns deles: Coronel Chico Pedra, Dr Casemiro Avelar Filho, prefeito uma vez, Sr Adelberto Bastos de Avelar, prefeito e vice uma vez, Sr Odilon Rezende Andrade, prefeito quatro vezes,

Joaquim Bento de Carvalho, vice uma vez, Orlando Rezende Andrade, prefeito uma vez, Sr Cornelinho, Farmacêutico Francisco Franqueira, prefeito nomeado e eleito, Sr Américo Dias Pereira, prefeito uma vez, Sr Zeriquinha e seu Filho José Sobrinho, prefeito duas vezes, Sr Zequinha Cota e Sr Nelson Rezende Fonseca, prefeito e vice uma vez, Sr Chico Barra, Sr Dionísio, do Bairro Cotia e Paulo José Chediack. Eles tinham na palma da mão o controle dos eleitores, sabiam as famílias que votavam aqui ou ali, faziam previsões espetaculares, e podem acreditar, erravam por pouco! Muitos casos interessantes eram contados de artimanhas políticas para vencer eleições, ou seja, o caso das botinas, um pé era dado antes da eleição e se o Partido vencesse o outro pé era dado depois; as cédulas de dinheiro, rasgadas no meio, uma parte era dada antes e a outra depois se o Partido vencesse; os lotes de terrenos, somente passava a escritura se o Partido vencesse. Na minha opinião, isto eram apenas “intrigas da oposição”, para desmoralizar o outro Partido. Estes eram os partidos mais importantes: “UDN”, “PSD”, “PR” e “PTB”.

Há poucos dias, conversando com o Guará, fiquei sabendo que nosso “Tio Tufi Alem” também era bem chegado em Política; O Guará contou-me que em certa eleição, o Tio Tufi aumentou a idade de nossos Tios Eduardo e Laura, para que eles pudessem votar! A coisa não estava muito boa para o seu Partido, tinha que ser aplicado de tudo para vencer! Aí, perguntaram para a Tia Laura em quem ela havia votado, ela respondeu: “Sei lá, o Tio Tufi meu deu as cédulas e eu somente as coloquei na urna”. Este é o verdadeiro “Voto Secreto”, disse o Tio Tufi!!!

O CALÇADÃO

[14/12/2000]

A Rua 18, hoje Calçada 18, foi por muitos anos conhecida como a rua mais tradicional e comercial de nossa cidade. Ali se concentravam muitos armazéns, muitas lojas e até a 1ª Agência do Banco de Crédito Real de Minas foi instalada naquela famosa rua! Havia as escolas de datilografia da Dona Maria Tróccoli e da Dona Geny, o Cine Zuza, em baixo do sobrado dos Tróccoli havia a lojinha do Zé Gattini que vendia bicicletas e algumas utilidades do lar, o inesquecível Bar Paratodos do Sr João Adorno, os armazéns dos Neder, Do Sr Rachid Gadben, a Padaria do Sr Salomão Naback, a Farmácia Michel, o Armazem do Sr Miguel Rafael, depois vieram o Bar do Sr Tibúrcio, Bar Bambu do Roberto Pardini, a Casa José Naback, que ficava localizada na mesma rua, lá no alto, um bar com Boliche, a Padaria dos Gadben, a Japonesa; a Rua 18 começa na Avenida Getúlio Vargas, atravessa a Praça

Coronel Valério Resende e a Rua Desembargador Alberto Luz e termina na Praça Monsenhor Fonseca. Ultimamente está recheadinha de lojas novas!

É lógico que tivemos outros comerciantes importantes instalados em outros locais da cidade, mas a Rua 18 sempre concentrava um comércio variado e para lá, diariamente, se convergia grande parte de nossa população! Já tínhamos o Banco do Brasil e a Feira de Gado, desde o início do Século, a influência do militar e do ferroviário, automaticamente nosso comércio aumentou, se expandiu, principalmente após a chegada da Nestlé, em 1956. Foi o início de nossa fase industrial! Foram instaladas novas agências bancárias e com a construção da Rodovia Fernão Dias, vieram as fábricas e foi criado o Distrito Industrial.

Me lembro bem, em 1983, quando o Prefeito Ailton Paranaíba Vilela planejou a construção do Calçadão 18, e solicitou um projeto do departamento responsável; o Arquiteto Gilmar A. Vilela e o Engenheiro Márcio Wadi Neder, fizeram o projeto com bancos, jardim suspensos, nova iluminação, orelhão, toda calçada com ladrilhos, etc; muitos tricordianos discordaram da idéia e quando começaram as obras a "cornetagem" foi muito grande! No entanto, no centenário da cidade, Setembro de 1984, "O Calçadão 18" foi inaugurado, embelezou a rua, exigindo automaticamente novos visuais para as lojas que já se encontravam instaladas naquele local e as que viriam. Hoje o "Calçadão 18" está com grande movimento comercial e cheio de vida, bem no coração da cidade!

Agora chegou a vez da nova administração municipal pensar bastante em planejar um "Calçadão" em nossa praça principal, reclamado por nossa população há muitos anos! Diversas crônicas e comentários já foram feitos sobre o assunto e até agora nada! Um calçadão bonito, cheio de mesas de cimento com sombrinhas de praia sobre as mesas, com jogos de dama, xadrez e dominó para lazer do povo, trará um novo visual para nossa praça principal; às noites e nos finais de semana, estas mesas poderiam também servir aos bares que circundam a praça!

Nas fofocas e rodinhas a gente ouve de tudo! Várias opiniões interessantes já surgiram sobre este assunto, umas contra, outras a favor! Importante seria formar uma comissão para estudar o projeto, ouvir opiniões, quem sabe alguma viesse trazer idéias que poderiam ser utilizadas na formação de um projeto ideal! Já tive oportunidade de ouvir excelentes idéias para a tão necessária reforma de nossa praça, incluindo um Calçadão!

Em última hipótese, poderiam ser alargadas as calçadas, deixando apenas passagem para um veículo, cheia de quebra-molas para evitar corridas desnecessária e sem estacionamentos. As

calçadas que contornam da Praça da Liberdade, em BH, foram retiradas para alargamento das ruas, o trânsito de pedestres ficou por dentro da praça!

É uma idéia!

MINHA GENTE...

[14/01/2001]

Uma das melhores coisas que Deus criou foi a família! Imagine você com certa idade, sozinho, adoentado, sem o aconchego e o carinho de uma companheira ou dos filhos! Até os animais irracionais criam uma família e a defendem com unhas e dentes...experimente chegar perto de uma galinha com seus pintinhos ou de uma cadela com seus filhotes! Você já pensou em brincar com um filhote de uma pantera ou de uma leoa?!

Pelo lado paterno, meu avô tinha sangue português e a avó, brasileiro; pelo lado materno, herdei o sangue libanês e do cruzamento destas raças surgiu este sambista, botafoguense, atleticano e tricordiano de raça!

Ainda me lembro vagamente do meu avô José Rosalino, vendendo meias e cuecas, de casa em casa, pelas ruas da cidade...fanático pelos alemães! A Vó Iba, fazendo doces de queijo, doce de coco, pé de moleque, e sempre com seu crochê trabalhando dia e noite para criar os filhos, num clima de amor, bondade e amizade. Meus tios são tão amigos que nós nem os chamamos de Tios! O Tufizinho, o Romeu do violão, com quem aprendi as minhas primeiras lições de violão e até hoje não passei do B a Bá, a Leonor, a Laura do Badico e seus bordados, a Namorada de Três Corações nas palavras do saudoso Darcy Brasil, Julieta, Ézio, Carlinho, a Salminha e Jorgina, o Eduardo Enfermeiro, a Tia Angelina, a única que chamávamos de tia, os primos Romeu e Salame, este criado junto com todos os tios, exímio sapateiro, atleticano fanático, um dos maiores admiradores de nossa cidade. Uma raça de gente humilde que viveu e vive para servir e trabalhar, tricordianos até debaixo d'água! Faltou uma, Dona Maria Cunha, éh...Dona Maria Cunha era um negócio, muito trabalho, amor, amizade e caridade! Assim foi sua vida, cuidando sempre de mim, como se eu fosse uma criança de 7 ou 8 anos! Quando eu saía da minha casa e via seu rostinho alegre na janela, logo ouvia sua voz: "Vai vestir um agasalho, meu filho! Cuidado com o vento, não beba gelado! Entra um pouco e venha comer uma empadinha ou uma coxinha... tem bolo de fubá também! É incrível como uma pessoa possa ter tanta bondade no coração, tanta vontade de servir alguém! Seu nome, "Maria", já é um nome santo de origem e parece que veio do céu para trazer luz, amor e paz para todos! Quando ela completou 22 anos, em 15 de Setembro de 1929, eu nasci! Para mim

sempre foi um orgulho dizer: “eu faço aniversário junto com minha mãe!”. Ela cuidava do bem estar dos padres, do asilo e das zeladoras; os salgadinhos para aniversários, casamentos, bailes e festas na cidade, eram feitos por ela e muitas vezes nem cobrava! Tenho certeza que ela não foi só minha mãe, ela era a mãe de todos, a mãe da bondade, a mãe da ternura, da caridade e do amor! Acho também que ela nunca foi a Maria Além, a Maria Gabriel, a Maria Cunha ou do Cunha, tenho certeza, ela foi a Maria de Nazaré, a Maria das Marias...a Maria de Deus! E o Sô João Cunha, parece até aquela historinha infantil de "João e Maria"! Sô João Cunha quando jogava no Atlético, diziam que era um verdadeiro craque e alguns falavam o Cunha da Maria do Cunha! Vicentino, Professor do Estado aposentado, contador, engraçado que ele não era formado, mas certa escola de Campinas, vendo os serviços contábeis por ele prestado, lhe oferecera um diploma!!! Atleticano de raça, alfenense de nascença e tricordiano de direito e de fato. Linha impecável no seu modo de vestir e no seu procedimento e sempre a mesma coisa, muito trabalho, amor, amizade e caridade. Dona Maria Cunha e Sô Cunha seguiram a mesma trilha. No Natal, os dois saíam de Fusca e iam de porta em porta, de casa em casa, pedindo bolos para distribuir aos pobres! Do casamento, nasceram três filhos: eu, o mais velho, e duas irmãs, a Terezinha e a Déia, que foram criadas e vivem também num verdadeiro espírito familiar! Essa é minha gente, minha família de origem!

Casei-me em 5 de Maio de 1955 e esta é minha família que criei com Therezinha: o 1º filho, Paulo Ricardo, faleceu com quase 2 anos de idade, no Rio de Janeiro; depois vieram a Maria Christina, casada com o Maurinho, o Henrique com a Silvana e a Karina com o Geninho e até o momento só me trazem alegria! São cinco netos: Filipe, Mariana, Arthur, Ivan e João Victor. Ainda estão na flor da idade, mas, pelo que tudo indica só me trarão satisfação apesar das constantes transformações e dificuldades que o mundo vem constantemente passando!

A HISTÓRIA DO CARNAVAL

[24/02/2001]

No dialeto milanês, **Carnevale** quer dizer: “o tempo, a época ou fase em que se tira o uso da carne”, já que o Carnaval é propriamente a noite anterior à Quarta Feira de Cinzas. No Brasil, o evento é a maior manifestação de cultura, é a maior festa do mundo em participação popular, ao lado do futebol! Na sua origem, o **Carnaval** surge basicamente como uma festa de rua, porém, nas grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, acaba concentrado em recintos fechados, como os **Sambódromos** e clubes. A origem do Carnaval, cuja palavra pode ter sua origem na expressão latina “**carrum novalis**”, com a qual os romanos abriam seus

festejos, ou na palavra “**carneleval**”, como disse acima, do dialeto milanês que significa “adeus à carne”, uma alusão ao início da quaresma cristã. Outros pesquisadores tem origem também de uma manifestação popular anterior à Era Cristã, tendo iniciado na Itália com o nome de “**Saturnálias**”- festa em homenagem a Saturno. As divindades da mitologia greco-romana, **BACO** (Deus do Vinho e da Orgia) e **MOMO** (que dá origem ao Rei Momo), dividem as honras dos festejos.

O Carnaval chegou a Portugal nos Séculos XV e XVI, recebendo o nome de “**Entrudo**”, isto é, introdução da “Quaresma”, através de uma brincadeira agressiva e pesada. Fazia-se esferas de cera bem fina, com o interior cheio de água-de-cheiro (devia ser o Lança Perfume de hoje) e depois atirava-se nas pessoas! Foi exatamente esse “Entrudo” (palavra de origem latina que significa “Entrada”) violento que aportou no Brasil, em 1723, com a migração vinda das ilhas portuguesas da Madeira, Açores e Cabo Verde.

“Pelos ruas generalizava-se uma verdadeira luta em que as armas eram os ovos de gema, ou suas cascas contendo farinha ou gesso, cartuchos de pós de goma, cabaças de cera com água de cheiro, tremoços, tubos de vidro ou de cartão para soprar com violência, milho e feijão que se despejavam aos alqueires sobre as cabeças dos transeuntes. Havia ainda as luvas com areia, destinadas a cair de chofre sobre os chapéus altos ou de coco dos passantes pouco previdentes, e até se jogava entrudo com laranjas, tangerinas e mesmo com pastéis de nata ou outros bolos. Em vários bairros atiravam-se à rua, ou de janela para janela, púcaros e tachos de barro e alguidares já em desuso, como depois se fez também no último dia do ano, no intuito de acabar com tudo de velho que haja em casa. Também se usavam nos velhos entrudos portugueses a vassourada e as bordoadas com colheres de pau, etc.”

Em 1852 surgiu o “**Zé Pereira**”, conjunto de bumbos e tambores, liderado pelo sapateiro José Nogueira de Azevedo Paredes, que percorria as ruas da cidade, animando o Carnaval, acompanhados alguns anos depois por outros instrumentos, como cuícas, tamborins e pandeiros.

Na metade do século XIX a Igreja Católica pedia providências contra o “**Entrudo**”, pois quando se aproximava o Domingo anterior à Quaresma, todo mundo “entrudava”!!! Então, em 1853, a polícia passou a reprimir o “entrudo” e foi exatamente neste período que o Carnaval começou a originar de forma diferente, dividindo-se em dois grupos: O Carnaval de Rua e o Carnaval de Salão, quando surgiram os blocos de fantasias, os cordões, mascarados, os ranchos, etc.

Em 1907, surgiu o “**Corso**”, um desfile de automóveis que se constituiu em uma das principais atrações do carnaval carioca, durante as primeiras décadas do Século XX.

Dos Cordões e Blocos originaram as Escolas de Samba, e primeira delas, fundada em 1928, no bairro do Estácio, chamava-se “**Deixa Falar**” e o primeiro desfile de Escolas, ainda extra-

oficial, ocorreu em 1932 e o desfile oficial foi em 1935, na Praça Onze de Junho, ponto tradicional de concentração de blocos e cordões. Em 1942, quando desmancharam a Praça Onze para dar lugar a Avenida Getúlio Vargas, Herivelto Martins e Grande Otelo compuseram o famoso samba Praça Onze...”Vão acabar com a Praça Onze/Não vai haver mais Escola de Samba, não vai/Chora o Tamborim...chora o Morro inteiro”... ai então, os desfiles passaram para a Avenida Rio Branco, e alguns anos depois foi criada a Passarela do Samba, em 1984, o que proporcionou um lugar definitivo para os desfiles. A imprensa nacional (revistas e jornais) noticiava com bastante destaque, os famosos bailes carnavalescos do Municipal, Sírio Libanês, Bola Preta, etc., com desfiles sensacionais de fantasias luxuosas, com concursos e prêmios valiosos!

Durante 3 décadas os desfiles de escolas de samba ocorreram de forma espontânea; só em 1963 foram construídas as primeiras arquibancadas e não poderíamos deixar de registrar a riqueza, a exuberância, o luxo e a magia do Carnaval das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que já se tornou uma das maiores expressões do turismo no Brasil.

Quem não se entusiasma com a alegria dos carnavalescos naqueles poucos dias? Brasileiro ou não, a alegria é geral, é contagiante! Os sons dos surdos, dos pandeiros, das cuícas, dos tamborins, violões, cavacos, as Escolas de Samba com seus passistas, os foliões mascarados, blocos e ranchos de ruas e salões, os Ranchos de antigamente, a **Chegada o Rei Momo**, as **Batalhas de Confetes**, das Serpentinhas e os **Lança-Perfumes**... tudo isto é Carnaval! As músicas carnavalescas, as marchas, sambas e frevos, dispensam, em princípio, violinos, pianos, harpas e guitarras...basta um trombone, um pistom ou uma clarineta e os simples instrumentos de percussão, a festa se realiza até o amanhecer. Nada de erudição!!! Nos meses de Novembro e Dezembro as emissoras de Rádio e as gravadoras lançavam o Suplemento Carnavalesco e quando chegava o Carnaval os foliões já sabiam “de cor e salteado” os sucessos daquele ano. A Chegado do **REI MOMO** era tradicional, tanto nas capitais como nas cidades do interior. Nas folias de **MOMO**, os Mozart, Bach, os Wagner, os Beethoven, os Chopin e os Listz, são substituídos por Ary Barroso, Mario Lago, Nássara, João de Barro-Braguinha, Herivelto Martins, Lamartine Babo, Frazão, Ataulfo Alves, Assis Valente, Almirante, Sinhô, Heitor dos Prazeres, Fernando Lobo, Castro Barbosa, David Nasser, Bide, Marçal, Oswaldo Nunes, Pedro Caetano, João Roberto Kelly, Monsueto, Mirabeau, Mário Rossi, Zé e Zilda, Noel Rosa e muitos outros, verdadeiros **CAMPEÕES DO CARNAVAL** e de nossa verdadeira música popular. Eles compuseram e versejaram as mais famosas músicas carnavalescas, que ficarão com o ímpeto e a vitalidade rítmica da música popular brasileira, autêntica, que é coisa eterna e imperecível!

Em um de suas composições, Noel Rosa- O Poeta da Vila – já disse: “**SAMBA NÃO SE APRENDE NO COLÉGIO!**” O samba já nasce no coração do brasileiro.

De 1900 – “**Zé Pereira**”, “**Carnaval de Sempre**” e “**Óh abre alas**”, até 1970 “**Bandeira Branca**”, vários sucessos marcaram nosso carnaval, é o “**CARNAVAL DOS VELHOS TEMPOS**”, o Carnaval dos Clubes, dos Salões, dos Cordões tradicionais, Ranchos e Blocos de Rua, que desfilavam pelas ruas da cidade, que, infelizmente, não voltará jamais, apesar da animação dos foliões de hoje.

Esperamos que você reviva conosco as emoções dos carnavais que marcaram época, inesquecíveis, com Pierrôs, Arlequins, Colombinas...Lança-Perfume, confete e serpentinas, lendo e cantando baixinho, mesmo que seja no chuveiro... Amélia, Emília, Isaura, Aurora, Pierrô Apaixonado, A Jardineira, Mamãe eu quero, Cabeleira do Zezé, Agora é Cinza, É com esse que eu vou, Leva meu Samba, Cidade Maravilhosa e muitos outros, que a seguir registraremos neste opúsculo, com seus compositores e suas datas e lançamentos...

(Na segunda parte: **SÍNTESE DO CARNAVAL DE TRÊS CORAÇÕES**)

UMA PEQUENA HISTÓRIA DO CARNAVAL DE TRÊS CORAÇÕES [26/10/2000]

Conta o historiador de nossa terra, **BENEFREDO DE SOUSA**, que no princípio do Século, por volta de 1909, o **Carnaval** teve seus primeiros sinais de vida, na Rua XV, antiga Rua dos Boiadeiros, com o **ENTRUDO**, sendo jogado água e farinha de trigo nos foliões, com a apresentação do tradicional **ZÉ PEREIRA**, uma iniciativa dos boiadeiros locais. Daí por diante, o carnavalesco **FERNANDO FRATTINI** assume a liderança dos festejos, como o primeiro **REI MOMO** tricordiano. Dos anos 1910 a 1914, ainda sob o comando de **FRATTINI**, começaram a surgir os primeiros **CORSOS** e também os famosos bailes do **JOSÃO ARCHANJO**, quando o **ATLÉTICO**, para comemorar a vitória de 1 x 0 sobre o **VARGINHA F.C.**, fez a tentativa de implantar uma **CARNAVAL DE RUA**, desfilando com um Bloco de camisas vermelhas. Em 1916, organizado pela tradicional **FAMÍLIA GERMANO**, desfilou o **RANCHO CARNAVALESCO AS FILHAS DO URUCUBACA**, época em que surgiram os primeiros **CORSOS** movidos à gasolina. **O INÍCIO DAS FUNDACÕES DOS CLUBES DA CIDADE**

Em 1922, as moças locais fundaram o **CLUBE DAS DAMAS**, que funcionou em um casarão da Rua Direita, hoje Av. Getúlio Vargas, onde se encontra instalado a Agência do Banco Real; em 1928, surge o **CLUBE 12 DE OUTUBRO**; nas décadas de 20 e 30, aparecem o Blocos **FLOR DO AMOR, TRÊS CORAÇÕES, FLORESTA,**

CONGELADOS E BLOCO DO PINICO (da Vaquinha), imperando a beleza das cabrochas, desfilando e cantando pelas ruas centrais da cidade. Em 1935, surge o **CLUBE TRÊS CORAÇÕES**, na década de 40, aparece a **BANDA MALUCA** animando a chegada do **REI MOMO**, e o **BLOCO DA VELHA GUARDA**, comandado por **Cícero Grossi**, do qual originou o **CONJUNTO DA VELHA GUARDA** e nos meados desta década, aparecem os inesquecíveis Blocos de Salão do Clube Três Corações, dirigidos por Dorinha Avelar, Aloísio Corsini, Maria Isabel Ribeiro, Maria Oneida e Beatriz Baranquinho, Maria Teresa Avelar, que disputavam os concursos de fantasias mais ricas, origininais, mais bonitas e bloco mais folião, promovidos pelo Clube; no início da década de 50, surge o **CLUBE RECREATIVO UNIÃO TRICORDIANA-CRUT**, dirigido por Ignácio Resck, José Gattini e Sr Nelson, funcionário da RMV, que funcionava em um casarão em frente ao Hospital, mais tarde substituído pelo **MONTESE CLUBE**; nesta década ainda, surge o **CLUBE RECREATIVO UNIÃO RIOVERDENSE**, dirigido pelo Maestro Álvaro Arcanjo; em 1958, surge a **BOATE TANGARÁ**, que promoveu ótimos carnavais, mais tarde o prédio da boate foi adquirido pelo **MONTESE CLUBE (hoje Banco Itau)**; em 1962, surgiu a **AABB-**, que a partir de 1963 criou o **BAILE DO BAGAÇO**, um evento carnavalesco realizado na Sexta-Feira que antecede o Carnaval; no início da década de 80, surge o **CLUBE DOS SUBTEENTES E SARGENTOS DO EXÉRCITO(Atalaia)**, com bons carnavais para seus associados. Em todos estes clubes, foram realizados sensacionais carnavais, foi a era das Serpentinhas, dos Confetes, dos Lança-Perfumes!

OUTROS LOCAIS QUE PROMOVIAM CARNAVAIS

Durante muitos anos também, eram realizados bailes carnavalescos no **Cine São Miguel**, no **Cine Santa Cecília**; na **PANELA DE PRESSÃO**, (que funcionou no antigo prédio da **RMV**-hoje Móveis JP-, **Mercadão**, depois no **Cine São Miguel**, mais tarde na **Agência da Willys**, hoje **GF Supermercados**); na antiga **Sede do Canto do Rio**, hoje **Agência do INSS**; o **Canto do Rio** hoje já tem sua sede própria.

A CHEGADA DO REI MOMO E OS FOLIÕES DE RUA

No Sábado de Carnaval, era promovida a “**CHEGADA DO REI MOMO**”, o qual recebia das mãos do Prefeito, as “**Chaves da Cidade**”. Além do 1º REI MOMO, Fernando Frattini, tivemos outros Reis Momo, o Sebastião Mendes, Sô Pedrão, Júpiter do Banco do Brasil, o Coca da RMV, Ary Frutuoso, Tadeu Chacrinha, o Giovani Condini(estre hoje residindo na Itália), Ary Pimentel e alguns outros que não me lembro os nomes.

Eram bastante os foliões de rua, lembramos aqui alguns deles, o Dayse Vilela, o Célio Ribeiro, os dois saiam de “O Gordo e o Magro”, João Franco, Carlito Chafuia, Marcon, Agripino, Clovis Almeida, Milton Barros, Lico Pato, Zé Nildo Borges, Queijinho, Vadinho, César Sabiá, Maurinho Enfermeiro, Zé Pretinho, Gude com sua turma e sua cobra, Ary Rios e Simeão; estes, e mais alguns outros, pintavam e bordavam, fantasiados de mulheres, bebês, etc.!

O BAILE DO POVÃO

No ano de 1971, com o apoio do Prefeito Odilon e de seu Assessor Guará, fundei o **BAILE DO POVÃO**, no centro da cidade, em frente ao Bar do Sr. Salomão Naback. Era instalado um som que pertencia à Velha Guarda, tocando os maiores sucessos carnavalescos de todos os tempos para animação dos foliões de rua! O Baile do Povão era realizado de Sábado até 3ª Feira, de 20 às 23 h, horário que todos os foliões iam para os seus clubes. Com o decorrer dos anos e o crescimento automático do número de foliões, o Baile do Povão foi transferido para o Estádio Municipal, com nova estrutura, decoração, policiamento, segurança, arquibancadas, banheiros, bar, etc. Isto não agradou algumas pessoas, alegando que estão fazendo discriminação, e outras coisas mais. Longe disto, a discriminação é feita pelos próprios tricórdianos, pois quando chega o Carnaval, vão para outras cidades, se misturam com povão de lá, onde também tem brigas, e acham uma beleza! Vão logo dizendo: “O Carnaval de... é uma beleza!” Você pergunta o que que tinha o Carnaval de ...? Eles respondem: “Tinha um som na rua ou numa praça, muito animado, muita gente, mas haviam brigas constantemente!” Lá não tem problema nenhum, aqui, não vão ao Estádio e alegam um monte de bobagens. Lá, não fazem o Carnaval em um local apropriado, porque não têm uma área igual a nossa, que se localiza na entrada de nosso Estádio Municipal, central e toda asfaltada! O Carnaval do Rio era na Praça Onze, com a abertura da Presidente Vargas, o Carnaval passou para a Avenida Rio Branco, depois, para o Sambódromo, na Marquês de Sapucaí, super organizado. Se o certo é voltar o nosso Carnaval para o centro, é um assunto que cabe a SELTC para decidir!

AS ESCOLAS DE SAMBA

Nos anos 60 começaram a aparecer sinais das primeiras Escolas de Samba da cidade, a **ASES DO MORRO** (Edinho, Itamar Ponciano, Gude, Ivan Prado, etc.) a **MIJA PRA TRÁZ**, **ESCOLA DE SAMBA CACARECO** e **ACADÊMICOS DO MORRO** (que foi a continuação da “Ases do Morro), todas extintas em 1968 e ressurgindo unidas para desfilar

em 1971. Havia também **Batalhas de Confetes**, **Chegada do Rei Momo** e a **BANDA MALUCA**, que fazia concertos na Praça, agradando bastante.

No período de 1972 até 1974, nada tivemos além de alguns blocos sem expressão e foliões mascarados pelas ruas da cidade e o **BAILE DO POVÃO**.

Em 1975, considerada por muitos como “**A era de ouro de nosso Carnaval de Rua**”, como um passe de magia, apareceram as Escolas de Samba **ANHANHOA, POR ACASO e JAJUMÔ**, que reviveram e deslumbraram os tricordianos com suas apresentações, cantando lindos **Sambas-Enredo**, com exímios assistas e lindas fantasias! Logo depois, em 1977, surge outra Escola, a **IMPERATRIZ RIOVERDENSE**; todas elas foram muito bem organizadas, com baterias harmoniosas, unindo todas classes de nossa sociedade para sambar e desfilarem no asfalto de nossa principal avenida! Toda cidade vibrava com as Escolas! Naqueles dias de Carnaval, a cidade recebia uma enorme platéia de visitantes! Os desfiles continuaram intercalados até 1984. De 1977 até 1985, surgiram também as Escolas de Samba **UNIDOS DO VERDÃO e UNIDOS DA COTIA**, que também fizeram boas apresentações. Quem não se lembra dos blocos: **BLOCO DE ÍNDIO** (do Gude e sua cobra), **BLOCO DAS PIRANHAS**, e, desde 1979, uma semana antes do Carnaval, desfila pela cidade, o **BLOCO DAS VIUVAS ATORMENTADAS**, que primeiramente chamava-se **VAI QUEM QUER** ou **BLOCO DO CAIXÃO**.

Nestes últimos anos do Século XX, o Edinho, Itamar Ponciano e Ivan Prado, com recursos precários, conseguem desfilarem com as **ESCOLAS DE SAMBA ACADÊMICOS DO MORRO e UNIDOS DO CONTORNO**.

OUTROS BLOCOS QUE SURGIRAM

A partir de 1980, surgiram os Blocos de Clube ou de Salão: **OS ALAMBIKEIROS, OS 10 RASGADOS, PORTA ABERTA DE HOSPÍCIO, EXPLODE CORAÇÃO, F.M.I., OS MECÂNICOS, OS TRABALHADORES DO BRASIL, OS KALIFAS DE BAGDÁ** e alguns outros, quase todos filiados ao **Clube Três Corações**; concentravam-se perto do Coreto ou em frente ao Bar Balalaika, com excelente batucada, cantavam as marchas e sambas de nosso carnaval, animando o Clube e nossa Praça!

Este é um resumo de nosso Carnaval. Alguns foliões e blocos devem ter sido esquecidos, mas é o que me lembro. Pelo rumo dos acontecimentos, pela debandada de tricordianos que se afastam de nossa cidade nos dias de Carnaval à procura de praias, ou

então, de outras cidades que promovem Carnaval, teremos que nos contentar com o que se apresenta, ou seja, jovens vestidos de camisetas com frases pornográficas, nada de fantasias, de blocos, de batucadas, de foliões e mascarados! Nem as tradicionais músicas carnavalescas são tocadas, pois foram superadas e massacradas pela música baiana(Axé)! Adeus às Serpentinhas, aos Confetes, aos Lança-Perfumes, aos Pierrôs e às Colombinas!

A seguir algumas fotos das Escolas de Samba de Três Corações e letras de alguns Sambas-enredo, que fizeram sucesso no Carnaval de Rua, de 1975 a 1984. [essas fotos e letras de músicas não constam no livro analisado].

“TRICORDIANOS IMPORTANTES E INESQUECÍVEIS!”

[12/12/2000]

Toda cidade do interior tem suas histórias, seus personagens famosos, tradicionais, folclóricos, seus historiadores, seus cronistas, seus líderes e seus contadores de "causos"! Todos são respeitados e admirados e pertencem às famílias importantes da localidade. Por menor que seja uma cidade, isto é real e Três Corações não é nenhuma exceção! Já tive oportunidade de trabalhar em diversas cidades, estudei 4 anos em Alfenas, e todas são a mesma coisa. Mas vamos lembrar nesta simples crônica as pessoas importantes, acho que todas já falecidas, mas, que de qualquer maneira, fizeram a nossa história e que por nossa culpa mesmo, por falta de um programa da memória da cidade, acho que pouca coisa foi registrado sobre elas!

Quando garoto, ouvia contar pela cidade que o Zezinho Porreca, um sapateiro muito conhecido, ao assistir a um espetáculo de circo, quando o domador tentava domar um leão com um chicote e uma vara com ferrão, fazendo um suspense danado, oferecera um prêmio para quem tivesse coragem de entrar na jaula e domar o leão! Aí, o Zezinho levantou da arquibancada, pediu ao "Charuto" do circo para abrir a porta da grande jaula que ficava no centro do picadeiro, entrou e passou a mão na juba do leão! Mas que coragem, devia estar meio calibrado! Os espectadores quase caíram da arquibancada de tanto rir!

Lembro das irmãs "Pina e Carola" que corriam atrás da criançada, do "Petisco", que mancava de uma perna; quem não se lembra do "Pacu", do "Baco" e do "Chico Pititico", que trabalhava para o Godói, O Zé Neder (2º) (irmão da Arassat) que tinha uma força danada, trabalhava o dia inteiro entregando as coisas, mas se você falasse o peso de um pacote ou de um embrulho, por menor que fosse, ele não carregava! E o "Capotão"? Este foi de "lascar o cano"! O "Capotão" vivia na praça e na porta do Clube, no meio das moças e dos rapazes sempre brincando com toda turma; depois das onze horas da noite, quando fechava o Clube, ele ficava

perambulando até de madrugada pela Rua 40, a famosa e inesquecível rua da boemia tricordiana! Às vezes, o "Capotão" encontrava com algum rapaz da nossa turma lá na 40, e no outro dia, quando via aquele rapaz aqui na praça, namorando alguma moça, ele perguntava: "Ei fulano, mais tarde cê vai "Lá" hoje?" "Lá" era a Rua 40... era um vexame danado! Gente fina também era o Benedito Sanches (Peru), era alfaiate e amigo de todos, sempre perguntando: Quem foi que em 1923 fez isso ou aquilo? Era lógico que ele sabia de todas as datas, de cor e salteado!

Muitos "causos" os Irmãos Resck, como eram formidáveis! João Resck, Filhinho Resck, Jorge Resck e Ignácio Resck, todos sempre alegres, contando piadas, lembrando fatos cômicos, por pior que fosse a situação...com eles não tinha tempo quente! Teríamos que ficar um dia inteiro registrando passagens engraçadas com o João Resck, ele era fora de série! O Jorge, além do sonho de um teatro e a mania de show, era um comico de primeira linha; o Ignácio Resck tinha sempre uma passagem engraçada para contar, principalmente quando estava perto do João, fomos colegas de trabalho no SAPS e que pessoa notável, que coração de mãe tinha o Ignácio! O Filhinho não fica para trás, todas as horas que nos encontramos pelas ruas, ele tem uma piada para contar; esta foi a última do Filhinho, quando o encontrei fazendo caminhada por volta da praça: "Olha aqui Victor, o Dr Tomé mandou-me fazer caminhada para emagrecer 10 quilos! O que você acha? (Acho que ele vai sumir!). Agora resolvi tomar Viagra!, O Zoca e o Dunga que se cuidem!" (Zoca e Dunga são seus melhores amigos pois estão sempre juntos na Barbearia, na Seresta da Praça, aos domingos na Missa, e também na gand...?) A os domingos, após a missa das 10, rezada pelo Monsenhor Fonseca, ouvia-se o "31" anunciar a sessão de cinema; ele ficava parado em frente a Casa Primavera e falava em um megafone de lata: "Hoje, no Cine São Miguier, duas sessão! Não perca!" Os Irmãos Resck foram proprietários e dirigiram o cinema por muitos anos!

Outra pessoa importantíssima era o "Seu Domingos Borges". Atleticano roxo, no início foi jogador do time! Quanta presença de espírito! Como ele entrava na hora certa com uma réplica qualquer; fomos bastante amigos, principalmente na época em que fui presidente do Atlético e nas fofocas no carrinho de pipocas do "Zé Pretinho", outra pessoa notável. O "Zé Pretinho" jogava também pelo Atlético; nos treinos era um arraso, quando escalado para jogar era uma droga! Grande amigo! (primeiro eu "desço o bambu", depois eu agrado...senão!!!) Que saudade dos casos fantásticos e fabulosos dos inesquecíveis Sr. Zé do Porto e Sr. José Azedo, como atraíam os tricordianos para um bate-papo, aqueles dois! E a bondade do Sr. Zequinha César, alfaiate tradicional e conceituado, super educado, amante do teatro, marcava quadrilhas, que educação para tratar seus clientes e amigos! Formidável era o Dr. Flor,

simpático, apresentava-se sempre alinhado e bem vestido de terno e gravata; me lembro dele com um terno branco (não era o meu que havia sumido), "cantando" jogo de víspera (bingo) ou marcando quadrilha no clube. Quando alguém "bingava" ele falava no microfone: "Não desmarquem, alguém "desmarcaram?".

E o "Foguinho", catador de vidro quebrado, garrafas quebradas, etc., guardava tudo ensacado lá no corredor da farmácia do Sr Luciano! O "Foguinho" chegava no Bar Balalaika, sentava em um cantinho e humildemente pedia sempre uma cerveja sem gelo!

Chico do Trombone! que músico notável! Contam que certa vez o Chico havia sumido e já se passavam dois dias e nada do Chico aparecer! Aí, uma certa pessoa ouviu o som do trombone bem longe e acabaram descobrindo o Chico que havia caído dentro de uma sisterna tocando o trombone! (Não sei se é verdade, são histórias de domínio popular).

Uma pessoa interessante era o Dr Wandick. Não me lembro de seu nome verdadeiro, se não me falha a memória era irmão do Lauro alfaiate, os quais vieram de Conceição do Rio Verde para trabalhar na cidade. O Dr Wandick era um boêmio querido, acompanhava nossas serenatas e gostava muito de declamar, e como declamava bem! Certo dia, passando pela praça, à tarde, vi o Dr Wandick sentado em um banco e me aproximei dele. "Olá Victor, você já ouviu a poesia tal? E aquela outra? Ontem à noite eu escrevi estas linhas: "No entanto eu vivo a meditar e penso, em tanta hipocrisia e falta de bom senso. Com tantos Judas de carne e osso a transitar enfim, e levaram para a forca um Judas de capim!" Gostou????!!

Quando adquirimos a Rádio Clube em 1979, tive a oportunidade de me aproximar mais e sempre ouvir as histórias e os casos do saudoso Dr Astolpho Gazolla; ele foi um dos fundadores da Rádio e sempre pelas manhãs passeávamos pela praça. Advogado respeitado e considerado um dos mais importantes da cidade e da região! Ninguém saía de perto dele quando ele contava algum caso importante, alguma passagem da sua vida ou de sua carreira. Que poder tinha a sua fala para prender a atenção das pessoas quando contava alguma coisa! Além de todos estes predicados, era uma pessoa sensível, gostava muito de música. Me lembro de duas passagens certa vez, quando recebi uma de suas visitas na Rádio: A primeira, foi quando lhe mostrei minha crônica sobre a vida do Cabo Benedito Alves; a segunda, quando coloquei uma valsa para ele ouvir, cantada pelo João Pacífico, famoso compositor sertanejo; em ambas às vezes, as lágrimas corriam pelas faces do velho e saudoso amigo! Assim era esta importante personalidade de nossa terra. Seus filhos, os Engenheiros Guilherme e Eduardo, a Jornalista Lúcia Helena, Ana Lúcia, vice-reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, e Luiz Renato, médico psiquiatra em Nova York, seguiram seus

passos, todos bem sucedidos. São o orgulho do pai e de Dona Irene...e também de Três Corações!

Qualquer dia voltarei com mais algumas lembranças de pessoas importantes que fizeram a nossa história! Até outro dia, se Deus quiser!

O EXÉRCITO BRASILEIRO E TRÊS CORAÇÕES...

[10/05/2001]

Para quem não sabe nada sobre a história do exército em nossa cidade, vamos fazer um pequeno resumo sobre o assunto, registrando alguns dados e histórias importantes, que influenciaram no desenvolvimento de Três Corações:

"Os mais antigos que eu, contavam que o Regimento (Quartel) Militar estava destinado para a cidade de Campanha, porém, desconhecemos o motivo porque veio para cá! Isto aconteceu em Junho de 1918, quando chegou o 14º Regimento de Cavalaria (Foto 1), instalando-se na Chácara do Coronel Valério de Rezende(hoje Es.S.A). Em Dezembro de 1919, passou a denominar-se 4º RCD -Quarto Regimento de Cavalaria Divisionária (foto 2) -e a partir de de Junho de 1946, mudou seu nome novamente para 19º Regimento de Cavalaria (foto 2). Finalmente, em Maio de 1950, foi substituído pela Es.S.A-Escola de Sargentos das Armas (fotos 3 e 4), que era localizada em Realengo, no Rio de Janeiro, e fora transferida para Três Corações.

Nesses 71 anos que passaram após a chegada do Regimento, muita coisa boa aconteceu por influência desse órgão militar! Mais comércio, mais construções, mais colégios, mais empregos, surgiram o Montese Clube (já extinto), o Círculo Militar e o Clube dos Sub-Tenentes e Sargentos do Exército. A cidade sofreu um grande impulso, principalmente, após a chegada da Es.S.A. e 13ª CR, hoje 13ª CSM, com novas famílias se formando com militares de outras localidades casando-se com senhoritas tricordianas.

Antes do início de nossa fase industrial, 1956, com a chegada da Nestlé, Três Corações vivia em função dos ferroviários da saudosa Rede Mineira de Viação -a ferrovia veio para nossa cidade no início do século, inaugurada por D. Pedro II, para transportar o gado que vinha do sertão para nossa famosa Feira de Gado, e daí para os frigoríficos das grandes capitais, como também, do grande número de importantes Fazendeiros; dos militares; do Banco do Brasil (1ª Agência do interior e a 12ª do país). Estes órgãos unidos com os militares, os imigrantes sírios-libaneses, portugueses e italianos, incrementaram nosso comércio e formaram uma alavanca propulsora para o nosso desenvolvimento. Depois vieram outros estabelecimentos

bancários, era grande o movimento de dinheiro na cidade. Depois de alguns anos, foram chegando outras indústrias, o comércio aumentou, foi criado o Distrito Industrial, e com a chegada da Rodovia Fernão Dias e a cidade foi crescendo e se desenvolvendo.

Mas, voltando ao assunto do Regimento -Quartel-, com sua chegada e instalação na Chácara do Coronel Valério de Rezende, o Atlético que tinha um campo de futebol localizado também naquela chácara, foi deslocado para onde hoje se encontra o nosso Estádio Municipal. Seus jogadores daquela época, com enxadas e picaretas conseguiram fazer um novo campo. Diversos militares vestiram a camisa vermelha de nosso Atlético, e houve mesmo uma época em que o clube era considerado um dos melhores da região, pois contava com atletas militares que serviam aqui, Capitão Elói de Menezes, que chegou à presidência do CND, Dondinho, pai de Pelé, Zé da Bola, Cincoenta, Zezinho, pai do Itabajara, Oscar Rosa, Paiva, pai do Wanderlei que foi para o Atlético Mineiro e do Adilson Paiva, e muitos outros militares...até meu pai, também jogou pelo Atlético, pois veio de Alfenas prestar o serviço militar, casando-se aqui(se não fosse o Exército eu não teria o privilégio de ter nascido aqui, poderia ter nascido em outra cidade! É fria!!!). Há quem diga que a área do Estádio Municipal naquela época fora doada ao Atlético, mas, os anos foram se passando, ninguém tomou providências, nada foi oficializado e tudo ficou como no início e o Atlético ..."chupando o dedo!".

Lá no Regimento ou no Quartel, como falávamos, eram promovidos concursos hípicas, conheci o cavalo Bigode (foto 5), montado pelo Tenente Maurílio Avelar, uma atração turística na época, o cavalo Cossaco, montado pelo Tenente Fontenelli e King, montado pelo Tenente Toledo; assistíamos jogos de polo, jogos de basquete, vôlei e futebol e o pessoal da cidade estava sempre lá, como também, os oficiais militares sempre frequentavam nossa sociedade! Os desfiles militares sempre foram aplaudidos pelos tricordianos, e por visitantes que para aqui se dirigiam para assistir aos desfiles militares, por ocasiões de feriados nacionais! No início da Es.S.A., foi criado pelo Capitão Ivanildo -Passarinho na intimidade, gente fina- um programa que era apresentado aos domingos, no Cine Santa Cecília, após a missa das 10 h. Chamava-se "Aí vem o Exército", que apresentava diversos cantores tricordianos e alunos daquela Escola. Quem participava na parte cômica do programa era o "Zé Minhoca" (José Valadão Flores), locutor sertanejo do Programa Brasil Caboclo, da Rádio Clube Três Corações! Era excelente! Com a chegada da Es.S.A foi formado também o Conjunto da Velha Guarda; com ela vieram o Sargento Instrutor Kleber da Cunha e Luiz Scalioni Pereira -este trabalhou algum tempo na Alfaiataria daquele estabelecimento Militar. Juntos fundamos o Conjunto!

Sempre houve um bom relacionamento entre os Militares, nossa Administração Municipal e nosso povo; eles atendem à cidade sempre que são solicitados, socorrem em todos os setores, são sempre prestativos. Constantemente, encontramos com alguns deles por esse Brasil à fora ou recebemos visitas de muitos que por aqui passaram e que deixaram saudade. Como exemplo, lembramos o saudoso Coronel Edgar Cavalcanti, baiano, servindo no 4º RCD desde 1920, sendo ferido no posto de capitão na revolução de 1930, promovido a major e logo em seguida recebeu a Comenda de Honra ao Mérito e promovido a Coronel; quando moço foi grande desportista e defendeu as cores do Atlético. Os Coronéis Carlos Lemos e Wilmar Barros (Chuca), Sayão e Santa Rosa, Pitaluga, o General Celso da Silva Banda, este casado com tricordiana e chegou a ser Prefeito Municipal, desportista e jogador do Atlético. Muitos foram para a reserva e moram aqui, outros voltam para morar em Três Corações, como nos casos do Coronel Flávio, do Coronel Magalhães e de meu sogro, General Newton Junqueira de Souza, que comandou a 13ª CSM. O General Jarbas, é bastante relacionado na cidade e casado com a tricordiana e prima Mana Maria, filha do saudoso Tio Tufi Alem e Tia Dalva, tendo sido comandante da Es.S A; Coronel Wanderlei, bastante relacionado com os tricordianos e já está servindo em Três Corações há muitos anos, foi comandante da 13ª CSM. Outros estão sempre nos visitando, como no caso do General Sampaio, casado com Dona Elvira Grossi, General Kummell (e sua esposa, Dona Vivi), que além outras coisas e de grandes amigos que por aqui deixou, teve participação influente na conquista do canal de FM para nossa cidade. Naquela época, 1984, O Coronel Kummell exercia cargo importante no Palácio do Governo Federal, em Brasília. Vocês nem imaginam como é difícil conseguir um canal de rádio! O Coronel Macedo, também foi um militar que sempre esteve ligado com Três Corações, serviu aqui como Tenente, compôs samba em parceria comigo, com o Tenente Deoclécio e com Kleber da Cunha para a Escola de Samba Anhanhoa; ele voltou como Coronel, participou sempre das Rodas de Samba com a Velha Guarda, casado com D. Rosa, professora, deixaram aqui grandes amigos. Três Corações é mesmo uma cidade privilegiada, além dos três corações sagrados de Jesus, Maria e José e do nosso Exército, sempre atentos protegendo-a, tem muitos amigos de verdade e muitos filhos que a projetam e destacam-na no cenário nacional e mundial! Pelé, o Atleta do Século, Dr Carlos Luz, que chegou à presidência da República, o escritor Godofredo Rangel, escritor famoso, Juiz de Direito e amigo íntimo de Monteiro Lobato, a escritora Maria Isabel Câmara, General Caldeira, talvez o único tricordiano que tenha chegado à patente de General na ativa, Coronel Carlos Lemos, filho da saudosa professora Elisa Lemos, Dr João Otávio de Noronha, desempenha cargo importantíssimo no Banco do Brasil, Dr José Alberto Weiss de Andrade, Desembargador em

São Paulo, chegando mesmo a substituir interinamente o Governador daquele importante Estado, Prefeito Odilon Resende Andrade e José Sobrinho...encheríamos mais uma página se reportássemos aqui todos nossos amigos e tricordianos ilustres...!

Há poucos dias, conversando com o amigo Orlando Scarpa (este sempre iluminando algumas de minhas crônicas), ele contou-me o seguinte: “O Prefeito Odilon R. Andrade recebeu um ofício do General Canrobet, no qual constava 12 exigências para que a Es.S.A fosse instalada em Três Corações. Nossa cidade preenchia poucas exigências, porém, cidades vizinhas chegaram a preencher 11(onze) exigências! Aí, o Prefeito Odilon, em um almoço com o General Canrobet, disse assim: “General, nós nascemos com o verde-oliva, fomos criados com o verde-oliva, vivemos com o verde-oliva e queremos morrer com o verde-oliva; o verde-oliva é como se fosse o oxigênio que respiramos! Se o Senhor tirar o verde-oliva de Três Corações é a mesma coisa que desligar o oxigênio que respiramos!!!” E o resultado foi que a Es.S.A foi instalada em Três Corações! (Obrigado Scarpa)

Vejam como temos tudo para ser uma das melhores cidades de Minas Gerais, basta querer?! Quantas cidades deixaram a nossa para trás e não tiveram Rede Mineira de Viação, Nestlé, Es.S.A, CSM, Mangels, São Marco, TRW, Atalaia, Rações Total(Sul Mineira Alimentos), Zanata, Heringer, Kerry, Coca Cola, Curtume Atalaia, Realça, Cafeiras, etc.,! Como nos sonhos de teatro e do Conservatório... queeeeeemmmmm saaaaaabe, algum dia, na outra virada do século ou do milênio, um destes sonhos poderão se tornar realidade!!!

Goethe, monumental poeta alemão do Século 18, um dos mais profundos pensadores da Literatura Universal e um dos maiores gênios produzidos pela humanidade, disse:
“Quando a criatura humana desperta para um grande sonho, e nele deposita toda sua fé e a sua esperança, utilizando, para atingi-lo, todas as forças vivas de sua alma, Universo inteiro conspira a seu favor!

...A esperança é a última que morre!!!”

O JORGE RESCK E O TEATRO...

[25/11/2000]

Não me lembro bem se foi na década de 40, 50 ou 60, que o Jorge Resck organizou alguns shows para apresentar no Cine São Miguel, que era propriedade de seu irmão, Ignácio Resck. O show era composto de alguns números musicais, intercalados com alguns "esquetes"(cenas cômicas pequenas, envolvendo dois ou três comediantes)! Dois ou três shows foram apresentados, cinema completamente lotado e, não tenham dúvida, sucesso absoluto!

Nos esquetes, trabalhavam com o Jorge Resck, a Naná e o Daniel Neder, geralmente com histórias interessantes e engraçadas envolvendo personagens árabes (Salim, Salomão e Salomé) que eram representadas pelos três comediantes tricordianos. A platéia delirava, risadas e mais risadas, pois o "Trio" era sensacional! O Jorge Resck, além de comediante, cantava algumas canções, com versões árabes fajutas, oferecendo aos presentes cenas inesquecíveis! Duas canções eu me lembro bem, uma era a "Malagueña" e a outra "Santa Lucia" ... a platéia vibrava! Mais tarde, com o afastamento do Daniel Neder, ocupou seu lugar, Daniel Amadeu, que também suplantou a expectativa! Outros comediantes importantes que participavam também de alguns esquetes com o Jorge Resck, eram a Telma Soares e o Nilton Gomes, este filho da saudosa Professora Henriqueta Gomes. Outro também que participava em alguns esquetes foi o João Grande (João Branquinho), que entrava em cena vestido de boiadeiro! Era tudo formidável! Quanto aos cantores e músicos que participavam, lembramos do Vitor Campos, Willian Naback e sua gaita, Dão Arcanjo, cantava e tocava pistom, o Conjunto Raios do Luar, com o Raul Cesar, o Rubens Franco, o Carelli, Chuca, José Danilo, José Curi, Berola, Hugo Oliveira e eu, Omar Branquinho e seu acordeom, Hélio Martins, que imitava o Vicente Celestino, Edna Martins, Sebastião Arcanjo e seu Pistom, (este tocou muitos anos na famosa orquestra do Peruzzi, em São Paulo), Dininha (não me lembro se este era mesmo seu nome) que dançava rumba e recebeu o apelido de "Escandalosa", que era o título de uma rumba que a Emilinha Borba cantava! Fizemos alguns shows em outras cidades, Cambuquira, Carmo da Cachoeira, Conceição do Rio Verde, Elói Mendes e Nepomuceno, fazendo sempre sucesso!

Um esquete apresentado que fazia sucesso, chamava-se "Traição num lar árabe", era assim: "O Salim (Jorge Resck), estava desconfiado que sua esposa Salomé (Naná), o estava traindo com o Salomão (Daniel Neder); aí, inventou uma viagem e quando partiu, o Salomão pulou a janela e começou a beijar e abraçar a Salomé! De repente, o Salim volta e bate na porta, e o Salomão esconde atrás do sofá! Nesta altura, a platéia quase morria de rir, prejudicando até a audiência do enredo do esquete, pois som de teatro ou esquete não é amplificado! Desfecho: O Salim descobre Salomão escondido atrás do sofá, tira um revolver da maleta e aponta para o Salomão, dizendo: "Eu combrô este revolver bor 500 mil reis bra te matar!... Salomão, ajoelhado, respondeu: eu oferece 900 mil reais belo revolver! ... e o Salim vendeu o revolver! Outra cena engraçada que não estava programada, foi quando o Raul César, desceu em cena, dependurado em uma corda, vestido de Jesus, com relógio de pulso, meias e sapatos, e a corda arrebenta!... Esta foi de "lascar o cano"!!! Até ele e os artistas que estavam em cena caíram na gargalhada...parecia que estava programado, mas nada disto, foi acidente de trabalho!

Relembrar os esquetes e as cenas engraçadas que aconteceram com os “Shows do Jorge Resck”, programadas ou não, nos bastidores ou mesmo em cena, daria para escrever um livro! Com o decorrer dos anos veio a dissolução automática deste "cast" que encantava os tricórdianos! Uns foram morrendo, outros mudaram-se para outras cidades, o Daniel Neder morreu, a Naná, o Dão Arcanjo e o Nilton Gomes foram para o Rio de Janeiro, o Raul Cesar foi para São Paulo, alguns ainda estão em Três Corações e outros eu não sei por onde andam...então, o Jorge Resck começou a batalhar para a construção de um Teatro ou um Anfiteatro em nossa cidade! Infelizmente, como sempre, ninguém "deu bola" para o sonho do Jorge Resck: "Construir um Teatro em Três Corações!" Ele acabou morrendo. Sempre que nos encontrávamos, lembrávamos dos shows apresentados, as cenas cômicas ensaiadas e outras que aconteciam no desenrolar dos shows...quanta saudade!

Um Teatro ou um Anfiteatro faz uma grande falta em cidades do nível de Três Corações. Revela cantores, músicos, imitadores e outros artistas, além de dotar a cidade de um local apropriado para um recital de Violão, de piano, de cantores, de cavaquinho, uma palestra, etc., e está sempre descobrindo novos talentos. Precisamos urgente nem que seja de um pequeno Anfiteatro! O Jorge Resck sonhava com um Teatro...eu sonho com um Conservatório!...Sonhar não custa nada!!!!

O PRESENTE

[05/12/2000]

Sábado passado, 2 de Dezembro, estava em casa à tarde lendo o jornal do Cientista, o qual colocou minha foto na primeira página de sua edição do dia 30 de Novembro, com um artigo falando sobre minhas fotos e minhas crônicas, quando o telefone tocou. Era o amigo Valério Neder. “Já estou chegando na sua casa, Victor, para terminarmos os trabalhos de criação da capa e selo do CD do Mestre Faud – todos os caminhos – “Que obra chic! O repertório escolhido e os arranjos musicais são maravilhosos! As fotos da capa e do selo do CD, de autoria do Valério, complementam um trabalho digno; mas isto é o mínimo que se pode esperar de dois “Mestres”!!! O mais importante ainda é a festa que está sendo preparada para o lançamento do CD, no Clube Três Corações, no próximo dia 28 de Dezembro: “O GRANDE ENCONTRO”, com as participações de todos os cantores da cidade, músicos, artistas da dança e do teatro, esquetes, para encerrarmos o século e o milênio com uma “festa de arromba”, feito diz o Roberto Carlos.

Muito bem, o Valério chegou e de cara disse-me: “Dona Vitorina (ele e o Cássio Dentista sempre me chamam assim), trouxe um presente para você e entregou-me um livro com o

título “Movimentos essenciais”, de autoria do grande Luís Marcus Matos Pereira. Peguei o livro, coloquei-o na estante e fomos para o computador para terminar os trabalhos de arte final do CD do Faud! Depois vocês irão me contar”

Na manhã de domingo, esperando os reparos da CEMIG na rede elétrica que serve a área onde moro, vi o “presente” em cima da estante e comecei a folheá-lo”

A energia voltou e quem disse que eu tive coragem de parar de ler o livro do Luís Marcus para tomar o meu banho! Que trabalho magnífico, da capa à contracapa (não sei se é mesmo contracapa a que fica no final do livro), pude ler textos maravilhosos e ver fotos que encantam e emocionam qualquer pessoa! O prefácio, de autoria de Alitta Guimarães Costa Reis Ribeiro da Silva (acho que não a conheço ou não estou identificando sua pessoa), enche a gente de inveja, (a gente que se mete a escreve crônicas), pois demonstrou conhecimento profundo de literatura, o que nunca aconteceu comigo (só lia Gibi e livrinho de faroeste); vai redigir bem assim lá na Conchinchina!

Que presente você me deu, Valério! Obrigado!

É Luís Marcus, seu livro, enriquecido com o Prefácio da Alitta, unidos com as fotos do Valério, é uma obra maravilhosa, digna dos mais altos elogios! Todo brasileiro, principalmente os tricordianos, devem adquirir um exemplar do livro “Movimentos Essenciais”. Ele é simplesmente sensacional!

Terminei a leitura do livro, encantado, tomei meu banho (pois era sábado) e debaixo do chuveiro, fiquei pensando: “graças a Deus eu não sou escritor, apenas um simples cronista e saudosista, senão teria que pendurar as chuteiras!”; mesmo assim, resolvi escrever este artigo. Peço desculpas pela liberdade de empregar expressões populares para me referir a uma obra tão importante, porém, elas saíram do fundo do meu coração!

“Telma” (Cientista), obrigado por aquele artigo da primeira página; olha aí, entra imediatamente em entendimentos com o Luís Marcos e publique semanalmente um capítulo do livro, garanto o sucesso da edição!

TRÊS CORAÇÕES E A MÚSICA...

[19/09/2000]

É inegável a boa qualidade dos músicos, dos instrumentistas e dos cantores tricordianos! Vira-e-mexe, surge em nossa cidade um grande músico ou um grande cantor, como também, um grande instrumentista.

Desde os tempos dos Arcanjos, dos Germanos, grandes maestros, fundadores de nossa Banda, até os dias atuais, sempre tivemos o prazer e a sorte de ouvir boa música; qual saudosista não sem lembra da famosa orquestra do Maestro Álvaro Arcanjo com seu Sax e sua clarineta, que

contava ainda com as participações do Maestro Vicente Medeiros ao piano, Antônio Colete na Bateria, Ladislau no contrabaixo, Sebastião e Dão Arcanjo no pistom, Sô Ovídio no trombone, o vocal das irmãs Carminha e Margarida Arcanjo, Zeth e Lico no banjo ou no violão tenor...era um verdadeiro concerto! Com a extinção da Orquestra do Maestro Álvaro Arcanjo, seus filhos, Edmar, Edgar-Tico-Tico e Bibinho, exímios músicos, fundaram o conjunto musical "Edmar, Seu Pistom e seu Conjunto", que contava também com a participação do Nelsinho Ferreira na Bateria e o vocalista Vitor Freitas. Mais sucesso, mais boa música! Naqueles idos de 1940, havia também grandes seresteiros, excelentes violonistas, o Clóvis Almeida, Veludo, Tigrada, Romeu Gabriel e Lico com seus violões, Dunga e seu cavaquinho, Benefredo e seu violino, Sô Minguinho e Agripino com suas flautas, Walter Alves de Carvalho, exímio violonista, sendo professor em Belo Horizonte, Oswaldo Gomes do Bandolim... e a seresta "comia quente". Se não me falha a memória, em 1956, com início das comemorações da festa da cidade, o Maestro Alvaro Arcanjo fundou um conjunto de seresta, foi quando este humilde cronista e violonista começou a participar ao lado dessa turma, pois desde 1941 já estava praticando um pouco de violão. E as coisas foram mudando, de conjunto de seresta, passamos a trazer um cantor de projeção nacional, para comemorar o dia da cidade, 23 de Setembro. Aqui se apresentaram cantores famosos, Carlos José, Carlos Galhardo, Altemar Dutra, Marcelo Costa, Albertinho Fortuna e o Flautista Dante Santoro, Gilberto Alves, Paulo Marquês, Roberto Silva, Ademilde Fonseca e muitos outros, rodavam a cidade a pé ou algumas vezes em cima de um caminhão, com alguns cantores de nossa terra, Agostinho técnico do Godói, Vitor Campos, Hélio Martins, Edna Martins, Ana Maria Scalioni, Professor Delásio e seu violino, Willian Naback e seu cavaquinho, Rafael Boczar e Jorge Cezar e seus violinos, Omar Branquinho e seu acordeom e a seresta ia deslumbrando os tricórdianos pelas ruas da cidade.

É sempre assim, uns vão sumindo, outros vão chegando...ai vieram: no Ginásio, Os Piriquitinhos Verdes do Armando Craveiro, com Lauro Toró no violão, Armando no banjo, Doca no surdinho, Guará na gaita, Romano no tamborim; O Conjunto Raios do Luar, com Victor Cunha, Deco, Berola, Domício, Hugo Oliveira, Chuca, Zé Curi, Zé Danilo e Carelli; o Quarteto de Prata, com Dorinha Avelar, Nize Helena Avelar, Dolores Vale e Terezinha Fonseca; no início da década de 50, quando o Sr Currucho (Casemiro Avelar Filho) foi presidente do Clube Três Corações, ele patrocinou a formação de um conjunto para tocar aos sábados no Clube, que chamava-se "Conjunto do Clube", o qual era formado pelo Bessa no piano, Victor Cunha no violão tenor, Chico Bento (José Amadeu) na bateria, às vezes o Ladislau no contra-baixo acústico, Raul Cesar no pandeiro, Roberto do Banco de Crédito Real

no acordeom, que também cantava, além dos cantores Michel Salomão Naback e Ana Maria Scalioni; Cicero Grossi e o Bloco da Velha Guarda, com as participações do Guará, João Franco, Daca, Odilon e Doca Cardoso, Victor Cunha, Léu, Cunha, Scalioni, Birinha, Zé Vitor, General Sampaio, Carelli, Vicente Preto, Eduardo Gabriel, Romano Grossi, Leléu, Willian Naback, Orlando Gadben, Chico Poeta; O Conjunto da Velha Guarda, com Victor Cunha, Kleber Cunha, Luiz Scalioni, estes o fundadores, Orlando Gadben, Dejaci, João Batista Santana, Sergio Vermelho, Birinha, Valério, Paulinho da Viola, Waltinho, Marli, Miguel Carelli e Roni Soligo; o Conjunto Big Night do Carlos Roberto (Piorréia); o Conjunto Raio X, com o Kepa Valadão, João Batista Santana, Mário Avelar, Mara e outros; o Conjunto Fórmula 5 do maestro Juvenal; o Conjunto Cordas e Vozes, com Pedrinho Caetano, Edmundo, Chico Poeta, Walter, Edmundo e Nivaldo; os Conjuntos Entre Parênteses, Nova Manhã, Os Bruxos, Scalioni Rítmos e Melodias, Roldão e Lambretinha com o Conjunto Nosso Samba, Sem Compromisso hoje Realidade Virtual do Nicésio e Nivaldo, Mamede e seu grupo Luzes de Repente, Lolô, Zezé Magalhães e Raul Cezar com os Los Cançãoeiros, Toninho Pião e sua banda sertaneja; o Zé Bananeira com sua bela voz e suas excelentes composições; as duplas Gilson e Terezinha, Xande e Edson, Jorginho e Gilberto; as ótimas duplas sertanejas que não conheço seus nomes; os excelentes cantores Zé Brogó (violonista e cantor), Johnny Muller, Paulinho Duarte, Serginho Contra-capá, Niger, Pedro do Violão, o cantor violonista e contrabaixista Márcio Padilha, Geraldo Naves do violão, o violinista Tiãozinho Cabeleireiro, o acordeonista José Breves e o Mestre Faud, além de muitos outros que vão pela noite à fora, inundando nossas noites nos finais de semana, com belíssimas melodias.

Impossível deixar de registrar nesta crônica, a capacidade musical, a arte de execução e o talento de músicos iguais ao Maestro Edgar Arcanjo, a Lizi Medeiros, os quais dão um verdadeiro show musical quando se apresentam em público com seus teclados ou seus acordeons! Os arranjos musicais e as criações de jingles do Mestre Faud, que além de tudo é excelente cantor e violonista!

Como podemos notar, nossa cidade é privilegiada, sempre tivemos boa música... há poucos dias, conheci duas pessoas que tenho certeza que farão sucesso... são duas feras, trata-se de Cristiano, filho do Tadeu Lemos, que me deixou de "boca aberta" vendo-o executar um chorinho no cavaquinho. É alguma coisa de impressionante, é puro profissionalismo, considerando ainda que está no início de sua carreira e é tudo "de ouvido", o garoto ainda não conhece música!; ele se compara ao Totti, gerente do Bradesco, fabuloso na execução de um bandolim ou de um cavaquinho; a outra "ferinha", é a Lívia, uma flautista muito jovem que

está aparecendo aos poucos nos meios musicais de nossa cidade, promete bastante! Ela faz parte do Grupo Os Magos de Minas, uma gracinha!

Outro grupo musical que está cada vez mais se destacando, é a Banda Apologia, esta promete bastante!

No início do ano 2000, organizado pelo Maestro Edgar Arcanjo, apareceu o grupo de seresta "Os Seresteiros da Cidade", que conta com as participações de Toninho Lambreta, o grande cantor Filhinho (Gonçalves) Resck, Roldão, Victor Cunha, Dunga, Paulinho Moraes, Maraca, Ticurica, Rafael e Zé Edson. Este grupo de seresteiros tem se apresentado aos domingos, na praça Odilon Rezende Andrade, de 20 às 22 horas.

Já tivemos um bom coral, o Coral 23 de Setembro; atualmente, sob o comando do Maestro Walmir, está em atividades o Coral da UninCor, muito bem organizado, bem ensaiado e suas apresentações são maravilhosas.

Há alguns anos, vem funcionando em nossa cidade, apesar das dificuldades e falta de apoio encontrados para suas instalações, a Consonante Escola de Música, sob a direção da Maestrina Rosymeyre Bernardes, professora de vários instrumentos musicais, regente de coral, professora de técnica vocal. Apesar da falta de incentivos necessários, aos trancos e barrancos, a Maestrina continua com suas aulas, formando o músico ou o instrumentista de amanhã! Seria necessário um estudo da municipalidade, para a instalação urgente de um conservatório em nossa cidade, aproveitando esta professora, que poderá também contar com a participação de outros professores da cidade, Maestro Edgar Arcanjo, Professora Terezinha Fonseca e alguns músicos militares já reformados, para o desenvolvimento cultural da terra tricordiana.

Bem... quem começou a ler esta crônica vai logo pensando que eu havia me esquecido do fenômeno musical do momento em Três Corações! Mas fiz de propósito, deixei para falar no final de uma Banda Musical que faz o tricordiano vibrar! Banda Musical Ômega, fundada pelo Alex Lambreta, filho do Toninho Lambreta...filho de peixe, peixinho é! A estrutura, a organização, o visual, os arranjos musicais, os cantores, os músicos e a simpatia do grupo, conquistaram o coração do tricordiano e de muitas outras localidades por onde passa a Banda. O tricordiano sente-se orgulhoso de ser conterrâneo de um grupo musical tão organizado e quase que perfeito. Além do Alex, a Banda conta com as seguintes participações: do contra-baixista e vocalista "Masinho", músico de alta competência, "cobra criada"; do Rato Louco, vocalista versátil e excelente; do ritmo firme e técnico do Baterista Osmar; do teclado de Rominho (Romeo), que embeleza os arranjos da Banda; da harmonia e da vocalização do exímio guitarrista Marcos. A combinação da beleza da música da Banda, com as luzes e cores

por conta de Daniel e Hugo e a Produção da equipe composta por Buchecha, Carlão, Adilson, Clemente e Joaquim, completam o belíssimo visual que conta ainda com a bela voz da cantora e bailarina Karina e suas companheiras Eveline e Cíntia, que dão aquele toque feminino, formando uma pintura de real beleza, regada de boa música! Se você ainda não viu, procure ver e ouvir um [uma] banda tricórdia "ÔMEGA BANDA SHOW"...é verdadeiramente um show!

ADEUS VELHO AMIGO E COMPANHEIRO, CARELLI...

[18/11/2000]

É a primeira vez na minha vida que vejo tristeza estampada nos semblantes de colegiais quando as aulas são suspensas! Isto sempre causa alegria! Pois ontem, por volta da uma hora da tarde, vi o silêncio e a tristeza cravados nas faces daqueles colegiais, que saíam em bandos do Colégio Estadual...o Professor Carelli faleceu! Parecia até que os passarinhos que cantavam naquelas árvores do pátio do colégio, emudeceram!

Eu conheci o Carelli (Prof. Carelli ou Carelinho como era chamado por minha mãe) no início da década de 40, quando ele mudou-se para o Bequinho do Bonésio e, se não me falha a memória, ele fora criado pelo avô paterno, que, como seu pai, eram funcionários da Rede Mineira de Viação-RMV. Lá nós encontrávamos com o resto da turma, o Jorge Cesar, Dodô Grossi, Ismar da Dona Mulata costureira, Zé Conde, Dito Canelinha, Domício, Fernandinho Rotundaro, Deco, Berola, Hugo Oliveira, e com uma bola de pano jogávamos uma "pelada"; à noite, brincávamos de "Uma na mula", "Carneirada", "Acusada", "Fuzil", "Roda de pião", "Finca" e a inesquecível "Bolinha de Gude". Era a saudosa "Turma da Rua 6", hoje Rua Prof. José Brasiliense Avelar!

Fomos companheiros de ginásio e sempre tivemos atração pelos conjuntos vocais daquela época, "Os Anjos do Inferno", "Quatro Azes e Um Coringa", "Vocalistas Tropicais", "Os Cariocas", "Bando da Lua", "Demônios da Garoa". Me lembro bem, quando saíamos do cinema nas Sextas Feiras e íamos para a casa da Vovó Iba, para ouvir o programa da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, que apresentava o conjunto "Anjos do Inferno", oferecimento da Coca-Cola...como vibrávamos! Nesta época, juntos formamos o grupo musical "Raios do Luar", roubamos couro da Banda do Ginásio para fazer tamborim e surdo e você, Carelli, cantava no vocal e tocava percussão (pandeiro, tamborim, surdo, etc), era um dos melhores da turma!

Bem, nos anos que se seguiram, sempre estivemos juntos, você foi para o Banco do Brasil e eu para o Serviço Público Federal, mas a música sempre nos unia... e como! Já havia na época o Bloco da Velha Guarda, comandado pelo Cícero Grossi, e eu e você Carelli, fazíamos parte.

No início da década de 50, com a chegada da Escola de Sargentos das Armas, eu, o Cunha e o Scalioni, formamos o Conjunto da Velha Guarda, mas Você estava trabalhando fora de Três Corações, motivo que você não fez parte da formação do conjunto; mas, desde sua volta, com o Dejaci Noronha, Roni, João Batista Santana, Luciano, Chico Poeta, Edmundo, Edinho, Pedrinho, Orlando Gadben, Paullinho da Viola, Roldão, Lambreta, Marly, Waltinho, Edgar Arcanjo, Maráca, Dunga e alguns outros, estivemos sempre juntos, sambando por aí à fora!

Sua passagem pelo Banco do Brasil foi um sucesso! Seus colegas de banco o admiravam e estavam sempre a seu lado, contando histórias engraçadas, passagens inesquecíveis... você deixou sua “marca registrada” naquele Banco que nem o tempo poderá apagar!

Esta história de que “ninguém é insubstituível” é “conversa pra boi dormir! ”. Tenho certeza que não vai ser fácil substituir você, Carelli, pois sua simplicidade, sua humildade, sua força e seu carinho para cuidar de sua família, sua dedicação a seus alunos, sua delicadeza ao cumprimentá-los pelo rua, com atenção e paciência, seu respeito para com seus amigos, sempre cordato, sua capacidade musical...é velho amigo, você sempre teve muitos predicados, não vai ser fácil encontrar um “regra três” à altura!

Se eu tivesse o poder de ouvir um “Programa de Rádio no Céu (existe um samba com este título), tenho a impressão que entraria no ar, assim:

“Diretamente do Céu, a Rádio Clube de Três Corações manda para o ar uma Roda de Samba com o Conjunto da Velha Guarda Celestial, que conta com as participações de Kleber Cunha, Luiz Scalioni, Geraldo Naves, Mathias Scalioni e Raul Cesar, agora, com seu mais novo participante, Professor Carelli! Vocês terão a oportunidade de ouvir os mais inesquecíveis sambas da Terra... Amélia, Covarde, Leva Meu Samba, Viuvivo, Aquarela do Brasil, dos inesquecíveis compositores Atila Iório e Ari Barroso, que também estarão presentes no auditório, acompanhados dos cantores Nelson Gonçalves, Toninho Rosa dos Demônios da Garoa, Sílvio Caldas, Noel Rosa, Pixinguinha, Vicente Celestino, Linda e Dircinha Batista, Elizete Cardoso, Clara Nunes, Elis Regina, Ciro Monteiro e João Nogueira! (o locutor não falou, mas nossos Pais e os amigos Ignácio Resck e Anor Amadeu estarão presentes também) Quem lhes fala é o Diretor e Locutor Jorge Avelar Neto... a Supervisão Geral é de São Pedro!!!!”

AS QUADRILHAS

[13/01/2001]

De acordo com o Dicionário Aurélio, Quadrilha significa: “Turma de quatro ou mais cavaleiros, dispostos para o jogo das canas: bando de ladrões, assaltantes ou malfeitores; contradança de salão, de origem francesa, de caráter alegre e movimentado, na qual tomam parte diversos pares; no Brasil, é muito usada nas festas juninas e caipiras.

Falando sobre algumas quadrilhas famosas, no cinema, cansamos de assistir filmes com a famosa “Quadrilha de Jesse James”, de “Quantrill”, e outras que assaltavam bancos e diligências; a quadrilha do “Al Capone”, célebre gangster dos Estados Unidos; a quadrilha ou o Bando de “Robin Hood”, que roubava dos ricos para ajudar os pobres... coisas de cinema! (Mas aqui no nosso país as versões destes filmes, foram invertidas!... as quadrilhas roubam dos pobres, aposentados e funcionários públicos para dar para os ricos! Quá, quá, quá!)

No Brasil, tivemos a famosa quadrilha de “Lampião”, cognome do mais célebre e terrível cangaceiro que assolou o nordeste brasileiro! Seu nome era “Virgulino Ferreira da Silva”, nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada, Pernambuco. Há controvérsias da data de seu nascimento: 12/07/1897, 04/07/1898 ou 03/09/1898! Uma das versões a respeito da origem de seu apelido é a seguinte: “Num dos cerrados tiroteios havidos em um assalto, o cano do seu rifle, por motivo de continuados tiros, encandeceu-se, ficando em brasa; a luz do cano do seu fuzil, no meio da noite, lembrava a luz mortiça de um lampião! Como o fato se repetisse, passou a ser conhecido como o “Homem do Lampião”. “Lampião” recebeu em 1926, a patente de Capitão, pelas mãos do “Padre Cícero”, nos dias agitados da passagem da “Coluna Prestes” pelo território cearense, a fim de combatê-lo. Oficialmente, calcula-se que de 1917 a 1938, foram presos e mortos mais de 600 cangaceiros de “Lampião”. Apesar de suas atrocidades, era religioso, trazia sempre no bernal um rosário e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, tocava sanfona e gostava de poesia! “Lampião” foi morto na Fazenda Poço Redondo, em Angicos, Alagoas, no dia 28 de Julho de 1938, numa emboscada armada pela patrulha volante do Tenente João Bezerra. Junto com ele, morreram mais 9 de seus cangaceiros, entre os quais, estava sua companheira “Maria Bonita”. Foram todos degolados! As cabeças de todos eles foram salgadas, expostas por diversas cidades do interior e depois levadas para um museu de Salvador. Calcula-se que ele tinha 40 ou 41 anos. Existe um filme baseado em sua vida que foi sucesso mundial de bilheteria, e o papel de “Lampião” foi extraordinariamente representado pelo ator “Milton Ribeiro”.

Bem, falando em bandos, quadrilhas, etc., etc., nos meus tempos de garoto, uma das brincadeiras era formar “Quadrilhas”! Eu pertencia à “Quadrilha da Rua 6”, comandada pelo Romano Grossi! Havia naquela época, por volta de 1940, diversas quadrilhas de garotada aqui na cidade: a “Quadrilha do Armando Craveiro”, a “Quadrilha da Rua do Campo”, a “Quadrilha do Az Preto”, chefiada pelo Dunga, a “Quadrilha da Cotia”, a “Quadrilha da Linha Nova”, todas terríveis! Havia mais algumas que já me esqueci. Muitos tricórdianos, hoje personalidades importantes, generais, coronéis, engenheiros, advogados, até um que já foi desembargador e governador, fizeram parte das quadrilhas dos tempos de criança! Era muito comum guerra entre quadrilhas, com estilingues e em vez de pedras, usávamos mamonas! Sempre imitando o cinema, uma Quadrilha ficava entrincheirada de um lado e outra Quadrilha do outro lado e as estilingadas de mamonas comiam quentes!

A “Quadrilha da Rua 6” obedecia cegamente o Romano, o que ele mandava fazer era lei, obedecíamos cegamente! Certo dia, chegou na cidade a família do Sr. Waldemar Vale, funcionário da Rede Mineira de Viação-RMV, sua esposa Dona Carmélia e seus filhos, Aparecida, Dolores, Lúcia, Maria do Carmo, Lucy, Chiquito e Prasildo. O Chiquito, era um garotão de boa estatura, um pouco maior do que nós, bonitão, andava sempre bem vestido e aquilo causou um pouco de inveja na “turma”! Logo o Romano deu as ordens: “Você Victor, com o “Dodô” meu irmão e o “Vitor Bananinha”, vão dar às “boas vindas” àquele garoto metido!!”. Num Domingo, quando o Chiquito ia para a Missa das 10, perto do coreto antigo, lá fomos nós dar um pega no Chiquito! Eu fui na frente, com os dois dedos polegares enfiados na correia, na frente da barriga, em estilo de bandido de cinema, cercamos o Chiquito, então eu falei: “Olha aqui, viemos lhe comunicar que não fomos com sua cara!”. O Chiquito não deu tempo, disse apenas: “Ah! é!...sapecou-me um bofetada na orelha que eu caí de costas; deu uma rasteira no “Dodô” que rodou por cima dos canteiros, e o “Vitor Bananinha” que havia saído correndo para subir no coreto, foi agarrado pelos fundilhos, levou um pontapé no traseiro e rodou umas três cambalhotas!”. O Chiquito limpou as mãos e falou: “some daqui cambada!”. Resultado, fomos castigados pelo Romano, quase expulsos da Quadrilha, e por muitos e muitos dias fugíamos do Chiquito como o diabo foge da cruz! Nunca mais quis saber de ser bandido!

Algum tempo depois, o Chiquito ficou nosso companheiro, foi um dos bons amigos que tive, estudamos e formamos juntos no Ginásio.

O NATAL, SUA ORÍGEM E TRADIÇÕES

[25/12/2000]

Dezembro, mês 12, último mês do ano no Calendário Gregoriano. O Interessante é que a palavra vem do latim “december”, derivado de “decem” que significa “dez”, pois no Calendário Romano era o décimo mês!

Dezembro é o mês de comemorações de real importância para todos. Vejam só: Dia 2, comemora-se o “Dia do Samba” e “Dia do Casal”; Dia 4, “Dia Mundial da Propaganda”; Dia 7, “Dia da Bíblia”; Dia 10, “Dia Mundial dos Negros”; Dia 25, dia do “Nascimento do Menino Jesus” “NATAL”, e dia 31, “O Dia da Esperança”, no mundo inteiro comemora-se com foguetório e grandes festividades o “Reveillon”, a “Passagem do Ano”.

Mas falando de NATAL, vem imediatamente em nossa memória a imagem tradicional do bom velhinho “PAPAI NOEL”, amado e esperado com ansiedade pelas crianças! Tenho a impressão que hoje não existe mais o costume de colocar os sapatinhos na janela do quintal para que o “PAPAI NOEL” colocasse neles o presente pedido por uma carta ou um bilhete(hoje, se colocar fica sem os sapatos!). Em quase todas as casas do mundo são montadas as Árvores de Natal e os Presépios; pendurados nas árvores são colocados os presentes para todos os familiares; Temos a “Missa do Galo”, ceia, etc. E por falar em presentes, me lembro muito vagamente, que minha mãe contava duas passagens interessantes; Dona Maria Cunha era quem fazia salgadinhos, bolos e doces para quase todas as festas da cidade. Ela contou que certa vez, o Sr Marius Baptista, saudoso comerciante de nossa terra, fundador da Casa Vértas, - gráfica, papelaria, etc, hoje conhecida pela criançada como Egas ou Güy -, quis fazer uma brincadeira com seus amigos, os saudosos Anor Amadeu, proprietário do Bar Balalaika, e Ignácio Resck, proprietário do Cine São Miguel; nós morávamos em uma casa ao lado da Gráfica Vértas, onde hoje se encontra instalada a atual agência do Banco do Brasil; o Sô Baptista chegou lá na minha casa e pediu a minha mãe que fizesse para o Anor umas empadinhas recheadas de algodão, e para o Ignácio, um bolo com apenas a casca toda confeitada mas tinha por dentro uma roda grossa de madeira! Vocês podem imaginar quanto nome feio saiu! Mastigar algodão e cortar bolo com talhadeira e martelo não é mole! Não me lembro bem se foi no Natal ou no dia Primeiro de Abril, Dia da Mentira, mas garanto que o fato é verídico!

Nossos amigos e companheiros José Prado, jornalista tricordiano, conceituado, e Xexente, radialista, poeta e escritor, reportam sempre em suas crônicas e poesias, coisas interessantes sobre o NATAL!

O NATAL começou a ser comemorado a partir do ano 378, data correta que JESUS veio a mundo e escolheu o Dia 25 de Dezembro - data em que na Velha Roma se comemorava o culto ao “Deus Sol”-. A Igreja adotou essa data, usando a justificativa de que JESUS era, segundo ensina a “BÍBLIA”, o “SOL DA JUSTIÇA”!

O primeiro Presépio, de acordo com a tradição, foi encenado na noite do NATAL do ano 1.223, por São Francisco de Assis, que retratou o nascimento de JESUS, com pessoas num estábulo, na cidade de Assis, na Itália.

Os tradicionais “Cartões de Natal”, surgiram em 1843, quando o inglês John Horley teve a idéia de desenhar, em papel, cenas de uma família comemorando a saúde de amigos ausentes; a partir de 1851, os cartões passaram a ser impressos com temas natalinos.

A canção “NOITE FELIZ” foi composta em 1818, numa velha povoação alpina, constituindo-se hoje num verdadeiro clássico musical do NATAL, em todo o mundo!

A figura do “PAPAI NOEL”, - o bom velhinho de barbas brancas, com roupas vermelhas e um saco cheio de presentes -, tem origem na festa de São Nicolau, comemorada em diversos países gélidos do hemisfério norte. A figura do velhinho chegou ao Brasil através dos imigrantes portugueses e italianos, por volta do Século XVIII(18).

O costume de se montar “Árvores de Natal”, passou a ser popularizado a partir de 1909, quando americanos da Califórnia armaram uma enorme árvore, ornamentada com velas, enfeites e presentes.

Mais do que tudo isso, o NATAL é na verdade uma data de introspecção e fé nos princípios legados por JESUS. É nas palavras e ensinamentos do CRISTO que estão os fundamentos básicos do NATAL: “**amor, paz e fraternidade**”; abençoados sejam aqueles que conseguem entender e vivenciar o verdadeiro sentido dessas três palavras!

Existem crônicas fantásticas sobre o NATAL, inclusive uma em formato de Árvore de Natal, na qual o autor deseja montar dentro de seu coração, uma árvore de raízes profundas, de ramos extensos e de sombra muito agradável, e nela pendurar em vez de presentes, os nomes de todos amigos que já passaram por sua vida e que ainda poderão passar, para que essa amizade seja sempre um momento de repouso nas lutas da vida e que essa árvore seja eterna!

Em 1996, registrei em nosso Informativo Tropical, a poesia abaixo, de nossa colega de trabalho, Marilene Estrela (Corsinha para os amigos),:

“DESEJOS DE NATAL” (Marilene Estrela)

"Desejo,
 Que os corações se abram ao amor.
 Que os homens se rendam à fraternidade.
 Que os sonhos se misturem à realidade.
 Que todas as crianças possam ter, com igualdade, o mesmo sorriso.
 Que o brilho de todas as luzes ilumine aos mais insensíveis.
 Que sejam esquecidos a inveja, a mágoa, o desprezo e transborde o poder do perdão.
 Que abaixem-se as armas e estendam-se os braços para um grande aperto de mãos.
 Que nasçam a esperança e um amanhã para as almas em desprezo.
 Finalmente, desejo para mim a mais valiosa de todas as fortunas:
 a sua AMIZADE! "

Com esta belíssima poesia da Marilene encerro os trabalhos deste ano, desculpando-me pela falhas e erros e esquecimentos que ocorreram em todas minhas crônicas publicadas no Jornal Três.

Desejo a todos os amigos, enfim... a todo mundo,

“FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO!

O DINHEIRO DO BRASIL!

[06/01/2001]

Há alguns anos fiz uma pesquisa sobre as mudanças que sofreram nosso dinheiro, as notas e as moedas. Foram tantas que qualquer brasileiro quando lembra de uma história ou de um fato que envolve o dinheiro, fica confuso e não sabe se é "réis", "cruzeiro", "cruzado", "cruzeiro novo", "URV" ou "Real"; e a conversão se torna uma confusão danada!

Em 1953, pedi emprestado ao Ernísio, Cr\$50 cruzeiros. Eu ainda namorava a Therezinha e ela queria ir ao cinema. Estava sem um "tostão" no bolso, mas vi o Ernísio parado perto da Pipoca do Zico, fui até ele e disse: "Por favor Ernísio, me empresta Cr\$50 cruzeiros, estou quebradinho e a Terezinha quer ir ao cinema, não sei como é que eu vou fazer!". Dez anos depois paguei apenas Cr\$25 cruzeiros, e outros 25 cruzeiros não paguei até hoje, pois amparado nesta confusão de conversão da moeda, fui "enrolando" o cara! O Ernísio somente parou de me cobrar, quando eu descobri uma dívida de Cr\$200 cruzeiros que ele tinha com o Toninho do Ilien. Eu era contador do Sr. Ilien Neder, e o Toninho mandou fazer o acerto de contas com o Ernísio e receber a diferença... aí ele "rachou fora"!; às vezes eu quero pagar o Ernísio, mas como!?... além do danado não aceitar a dívida com o Toninho, não sei fazer a conversão do dinheiro! Acho que a dívida irá passar para o Século XXII

(Se alguém souber fazer a conversão fique calado, não vai me cagüetar com Ernísio!).

Bem, de acordo com uma pesquisa realizada, a seguir registraremos um quadro com todas as modificações de nosso dinheiro:

Até 30 de Setembro de 1942:

Era o Real, subdividido em "réis"

MOEDAS:

1 vintém, valia \$20 réis

\$100 réis, valia 1 tostão

\$200 duzentos réis

\$400 réis -valia 1 Cruzado

\$500 quinhentos réis

1\$000 - um mil réis

2\$000 - dois mil réis

PAPEL MOEDA (Notas):

\$500 - quinhentos réis - 1893

1\$000 - hum mil réis - 1891

2\$000 - dois mil réis - 1890 e 1900

5\$000 - cinco mil réis - 1903

10\$000 - dez mil réis - 1903

50\$000 - cinquenta mil réis - 1906

100\$000 - cem mil réis - 1906

500\$000 - quinhentos mil réis - 1908

1.000\$000 - Um conto de réis - 1921

Em 5 de Outubro de 1942 entrou o "Cr\$" -Cruzeiro- valia 100 centavos-Lei 4.791:

Cr\$1 - um cruzeiro - valia 1\$000 um mil réis (ou 100 centavos)

Cr\$2 - dois cruzeiros - valiam 2\$000 dois mil réis

Cr\$5 - cinco cruzeiros - valiam 5\$000 cinco mil réis

Cr\$10 - dez cruzeiros - valiam 10\$000 dez mil réis

Cr\$20 - vinte cruzeiros - valiam 20\$000 vinte mil réis

Cr\$50 - cinquenta cruzeiros - valiam 50\$000 cinquenta mil réis

Cr\$100 - cem cruzeiros - valiam 100\$000 cem mil réis

Cr\$200 - duzentos cruzeiros - valiam 200\$000 duzentos mil réis

Cr\$500 - quinhentos cruzeiros - valiam 500\$000 quinhentos mil réis

Cr\$1.000 - mil cruzeiros - valiam 1.000\$000 um conto de réis

Cr\$5.000 - cinco mil cruzeiros - valiam 5.000\$000 cinco contos de réis

Cr\$10.000 - dez mil cruzeiros - valiam 10.000\$000 dez contos de réis

Frações de centavos: Cr\$0,01 - um centavo - valia \$100 cem reis (um tostão)

Exemplo: Cr\$0,10(dez centavos) – dez moedas de dez centavos(100 centavos) valia

Cr\$1 (um cruzeiros) ou 1\$000 (um mil réis) antes de 1942

=Em 2 de Fevereiro de 1964, o CRUZEIRO passou a denominar-se NCr\$ "CRUZEIRO NOVO"; foi reavaliado em 1967 e NCr\$1,00 (um cruzeiro novo) passou a valer

Cr\$1.000(mil cruzeiros) vigorando até 14 de Maio de 1970, perdeu os três zeros, foi acrescentado uma vírgula e dois zeros depois da vírgula. Este sistema vigorou até 14 de Maio de 1970.

=Em 15 de Maio de 1970, passou a denominar-se novamente Cr\$ -CRUZEIRO e vigorou até Fevereiro de 1986.

=A partir de 1º Março de 1986, o CRUZEIRO passou a denominar-se Cz\$ "CRUZADO", tirando o "r" minúsculo e colocando um "z", com o corte de três casas antes da vírgula; exemplo: Cr\$1.000,00 (um mil cruzeiros) passou a valer Cz\$1,00(um cruzado), sistema que vigorou até 15 de Janeiro de 1989.

=Em 16 de Janeiro de 1989, o Cz\$- CRUZADO passou a denominar-se "NCz\$" CRUZADO NOVO, também com o corte de 3 casas antes da vírgula; exemplo: Cz\$1.000,00 (mil cruzados) passou a valer NCz\$1,00 (um cruzado novo), que vigorou até 15 de Março de 1990.

=Em 16 de Março de 1990 o NCz\$-CRUZADO NOVO- voltou a denominar-se "Cr\$ - CRUZEIRO", sem corte de casas, trocando novamente o "z" pelo "r", vigorando até 31 de Julho de 1993.

=Em 31 de Julho de 1993, o Cr\$-CRUZEIRO passou a denominar-se "CR\$ - CRUZEIRO REAL", substituindo o "r" minúsculo por um "R" maiúsculo, com o corte de três casas; Exemplo: Cr\$10.000,00 -(dez mil cruzeiros) - passou a ser escrito e a valer CR\$10,00 -dez cruzeiros reais -

=Em Janeiro de 1994, o Governo Itamar Franco, com um esquema preparado por uma equipe financeira chefiada pelo atual Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, implantou a "URV"- Unidade Real de Valor -, que corrigia diariamente o CR\$ -CRUZEIRO REAL - , com tabelas de INDICADORES FINANCEIROS, as quais eram divulgadas diariamente pelos Jornais, Rádio e TVs; a "URV" vigorou até 30 de Junho de 1994, com o valor de CR\$2.750,00 -dois mil, setecentos e cinquenta cruzeiros reais.

=Finalmente, em 1º de Julho de 1994, o CR\$ -CRUZEIRO REAL - passou a denominar-se apenas R\$ -"REAL" - que valia CR\$2.750,00 - dois mil, setecentos e cinquenta cruzeiros reais -

Vejam só que confusão danada! Vocês não acham que será fácil "pra dedéu" fazer uma atualização de um débito de 50\$000 (cinquenta mil réis), em 1942, para o atual REAL? Aplique as tabelas acima e depois encaminhe o resultado para o "JORNAL TRÊS"! Tenho a impressão que nem o Professor Flávio (da Celina) ou o João Edson Resck conseguirão fazer a conversão! Aí está o desafio!

Até outro dia, se Deus quiser.

OBSERVAÇÃO DO JORNAL TRÊS: Se você conseguir fazer a conversão, encaminhe o resultado, por carta, ao Jornal Três. Se sua carta for sorteada, você receberá o seguinte prêmio: "uma semana no Estados Unidos -USA- e se agüentar, uma noitada com a Sharon Stone! Se o remetente da carta sorteada for do sexo feminino, a noitada será com Sylvester Stalone!

